

COMUNICAÇÃO EM PAUTA

Ética e respeito na mídia e no
mercado da Comunicação



COMUNICAÇÃO EM PAUTA

Ética e respeito na mídia e no
mercado da Comunicação

SÉRIE COMUNICAÇÃO EM PAUTA – Volume 1

Comissão editorial: Alfons Heinrich Altmicks
Anayme Aparecida Canton Altmicks
Marcello Raimundo Chamusca Pimentel
Márcia Maria Carvalhal Britto Pimentel
Marcos Cruz Santos
Velda Gama Alves Torres

Coordenação editorial: Alfons Altmicks

Capa: Alfons Altmicks

Imagem de capa: *public domain*

<https://pixabay.com/pt/illustrations/rede-social-resumo-rede-social-3139214/>

Ilustração: *public domain*

<https://pixabay.com/pt/illustrations/forma-rede-gr%C3%A1fico-em-forma%C3%A7%C3%A3o-7759963/>

Editoração e diagramação: Alfons Altmicks

Revisão: Raphael Mattos Dourado

Produzido por



Escola Baiana de Comunicação
Rua das Hortênsias, 696 - Pituba,
Salvador/BA, 41810-010

Distribuído e comercializado por



AGBook do Brasil S/A
Rui Barbosa, 468/472 – Bela Vista
São Paulo/SP – 01.326-010

Impresso *on demand* por



Alphagraphics do Brasil S/A
Av. Brig. Faria Lima, 2941 – Jardim Paulistano
São Paulo/SP – 01.452-000

COMUNICAÇÃO EM PAUTA

Ética e respeito na mídia e no
mercado da Comunicação



© 2023 - Todos os direitos da obra são reservados aos autores.
Nenhuma parte desta publicação, incluindo a sua capa, pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida por nenhum meio, seja eletrônico, químico, mecânico, ótico, de gravação ou por fotocópia, sem a autorização prévia e escrita dos autores.

1ª Ed. 2023 – Impresso no Brasil/ Alphagraphics do Brasil S/A

ISBN – 978-65-980629-1-0

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Ficha Catalográfica. BaianaPress. Sistema de Bibliotecas

C73 Comunicação em pauta: ética e respeito na mídia e no mercado de Comunicação /Alfons Heinrich Altmicks; Anayme Aparecida Canton Altmicks; Marcello Raimundo Chamusca Pimentel; Márcia Maria Carvalho Britto Pimentel; Marcos Cruz Santos e Velda Gama Alves Torres (organizadores). – Salvador: BaianaPress, 2023.
211 p.

ISBN 978-65-980629-1-0

1. Comunicação – Sociedade 2. Comunicação – História 3. Comunicação – Educação 4. Comunicação – Cultura I. Altmicks, Alfons Heinrich. II. Altmicks, Anayme Aparecida Canton. III. Pimentel, Marcello Raimundo Chamusca. IV. Pimentel, Márcia Maria Carvalho Britto. V. Santos, Marcos Cruz. VI. Torres, Velda Gama Alves. VII. Título.

CDU 37:7

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil: Comunicação: 782.421640981
2. Brasil: Educação 780.092
3. Brasil: Cultura 782.907
4. Brasil: Cultura Brasileira 784.50981

“La communication ne peut être totale. En effet, la communication serait véritable si elle était totale.

- Paul Ricoeur



ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO

A Escola Baiana
de Comunicação
agora é parceira
do Google no
Programa Google
For Education



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 13

RECUPERANDO A COMUNICAÇÃO: FERRAMENTAS E
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA FORTALECIMENTO
DA FUNÇÃO DO COMUNICADOR
Vinícius Vita Gorender, 15

CINEMA E QUESTÃO SOCIAL: SEMENTES PODRES
Wagner Oliveira Belo, 19

O CORPO COMO ENTE AFETIVO, EDUCATIVO
E COMUNICATIVO
Jean Fabrício C. de Souza, 23

IMIGRAÇÃO
Clésia Diamantino, 31

CINEMA E EDUCAÇÃO: ENTRE OS MUROS DA ESCOLA
Wagner Oliveira Belo, 35

O CRONOTOPO LOCATIVO: EXISTÊNCIA
CONCRETA E DIGITAL HÍBRIDA
Vinícius Vita Gorender, 39

JÜRGEN HABERMAS: UM FRANKFURTIANO NA
DIÁSPORA EPISTÊMICA OU UM PÓS-
ESTRUTURALISTA?
Alfons Heinrich Altmicks, 43

*MARKETING NO CONTEXTO DO TURISMO
INDUSTRIAL EM PORTUGAL: O CASO DO
MUSEU DO TÊXTIL*

Ana Matias, Ana Marcelo e Jorge Marques, 47

*RELAÇÕES PÚBLICAS E REPARAÇÃO DE DANOS: VALE
E COMUNIDADES NO PÓS-ROMPIMENTO DA
BARRAGEM DE BRUMADINHO*

Lívia Magalhães de Brito, 53

*OPINIÃO PÚBLICA NO CONTEXTO DA
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL*

Marcello Raimundo Chamusca Pimentel e Marcia Maria
Carvalho Britto Pimentel, 59

*TECNOLOGIAS DIGITAIS APLICADAS A CRIANÇAS
PORTADORAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA)*

Núbia de Oliveira Santos, 65

*APLICAÇÕES DA TEORIA DOS GRAFOS:
A REDE SOCIAL *LINKEDIN**

Alfons Heinrich Altmicks, 69

*EVOLUCIÓN DE LA COMUNICACIÓN
DIGITAL EN BOLIVIA*

Lidia Juanita Quispe, Adonai Quispe
e José-María Valpaso, 73

VIOLÊNCIA ESCOLAR, REDES SOCIAIS
VIRTUAIS E O ACESSO À EDUCAÇÃO

Evanice de Almeida Pereira, Simônica Barros Muniz
Alexandre e Solange Barros Muniz Mota, 81

A PALEONTOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO
SERTÃO DE ALAGOAS

Hyalle Kellsa Rocha Souza, Thalysiane Alves
de Souza e Vagno Rocha Souza, 85

REFLEXÕES SOBRE A TRÍADE LUDICIDADE,
APRENDIZAGEM E FUNÇÕES EXECUTIVAS

Velda Gama Alves Torres, 91

A COMUNICAÇÃO E SUAS
INTENCIONALIDADES PEDAGÓGICAS

Ana Patrícia Falcão, 103

A LEI Nº 11.645 E SUA APLICABILIDADE NO ENSINO
DA HISTÓRIA: O RECORTE KAIMBÉ

Paulo Henrique Gonçalves dos Santos e
Anayme Aparecida Canton Altmicks, 107

*LITTÉRATURE MARGINALE ET CYBERESPACE:
UNE RELATION ÉTROITE*

Alfons Heinrich Altmicks e Norma Sueli
Nunes Rangel da Silva, 113

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADA PARA A
COMUNICAÇÃO INFANTIL

Vanessa Cardoso da Cruz Barbosa, 117

O CORDEL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Jaqueline da Conceição Santos Araújo, 121

ARTE E ANCESTRALIDADE

FEMININA INDÍGENA

Anayme Aparecida Canton Altmicks, 125

VAQUEIRO: SÍMBOLO DA CULTURA DO

ALTO SERTÃO NORDESTINO

Carleane Soares Rocha e Natércia Fagna

Souza da Costa Maciel, 131

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NO

DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO INFANTIL

Vanessa Cardoso da Cruz Barbosa, 135

REPRESENTATIVIDADE FEMININA KAIMBÉ

Magna Silva Gonçalves Kaimbé e Anayme Aparecida

Canton Altmicks, 139

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA DE MASSA

Maria Luiza de F. R. Altmicks, 145

DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NEGRAS

NA INSERÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO

Jaira da Luz Santos, 151

O CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS COMO UMA

POSSIBILIDADE DE GRADUAÇÃO

Caroline dos Santos Sena, 157

A COMUNICAÇÃO NA ATUAÇÃO DOS ASSISTENTES
SOCIAIS PERANTE A NECESSIDADE DE PRESERVAÇÃO
DOS CONHECIMENTOS INDÍGENAS DA ETNIA KAIMBÉ
Magna Silva Gonçalves Kaimbé, 163

INFLUÊNCIA DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO NOS
ESTUDOS DAS RELAÇÕES PÚBLICAS
Maria Luiza de F. R. Altmicks, 167

SUBJETIVIDADES NEGRAS FEMININAS:
A SÍNDROME DA IMPOSTORA E O NÃO LUGAR
Lathara Ferreira Veríssimo Januário, 171

PROJETO CINE CULT: APLICAÇÃO DE METODOLOGIAS
ATIVAS EM DISCIPLINAS TEÓRICAS NO CURSO
DE COMUNICAÇÃO
Caique Correia de Castro, Heloisa Amália
Ribeiro Santos e Velda Gama Alves Torres, 177

CULTURA MIDIÁTICA E CULTURA DA MÍDIA NA PÓS
MODERNIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA
Maria Clara Costa Cabra e Maria Victoria
de Medeiros Lopes, 185

A EVOLUÇÃO DAS FALSAS NOTÍCIAS:
O CASO RALUCA
Carla Gabriela Santos do Rosário e Maria
Luiza de F. R. Altmicks, 193

A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E O *SELF* ESTENDIDO:
UM ENSAIO SOBRE AS INTERAÇÕES SIMBÓLICAS
NA ERA DAS REDES

Letícia Colares Casales Ventin
e Velda Gama Alves Torres, 199

CRÔNICAS DE REVOLUÇÃO: CRÍTICA À VIOLAÇÃO DA
AUTONOMIA FEMININA EM LIMA BARRETO

Lathara Ferreira Veríssimo Januário, 207



Não deixe a falta de habilidade na comunicação prejudicar sua carreira.

Matricule-se na Escola Baiana de Comunicação.

 ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO

Inscreva-se!

APRESENTAÇÃO

A Escola Baiana de Comunicação promoveu a #SBC23 - Semana Baiana de Comunicação, edição 2023, um evento de grande interesse para todos os profissionais, estudantes e entusiastas da Comunicação Social e áreas afins. O evento aconteceu entre dias os dias 6 a 9 de junho de 2023 e contou com conferencistas convidados da Bahia, do Brasil e do exterior, para debater o seu tema central: "Ética e respeito na mídia e no mercado da Comunicação", assunto crucial nos dias atuais.

Durante quatro dias, os nossos participantes tiveram a oportunidade de prestigiar os mais variados tipos de atividades acadêmicas e profissionais sobre temas relevantes e atuais da área, além de poder trocar ideias e experiências com outros profissionais e estudantes de Comunicação. A Semana Baiana de Comunicação representa um evento essencial para quem busca estar sempre atualizado e em contato com as novidades e tendências da área.

As contribuições dos pesquisadores que prestigiaram a #SBC23 podem ser, agora, apreciadas nesta publicação da Escola Baiana de Comunicação. Com a certeza de que o nosso esforço será recompensado com o seu interesse, desejamos uma excelente leitura!

Comissão Organizadora



ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO

QUER DOMINAR A COMUNICAÇÃO?

A Escola Baiana de
Comunicação tem os
melhores cursos para você.

Inscreva-se agora.



RECUPERANDO A COMUNICAÇÃO: FERRAMENTAS E SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA FORTALECIMENTO DA FUNÇÃO DO COMUNICADOR

Vinícius Vita Gorender

1. Introdução

O jornalismo, em suas múltiplas dimensões, é um dos pilares fundamentais da democracia. Contudo, nos últimos anos, temos visto o enfraquecimento da credibilidade da imprensa e a erosão de seu papel na sociedade. Nesse contexto, é fundamental apresentar bases teóricas que sustentem o jornalismo como prática social e como forma de conhecimento.

Escolhemos três ferramentas teóricas de áreas diferentes que podem ser utilizadas em conjunto ou individualmente: O conceito de campo de Pierre Bourdieu, da Sociologia; o Dialética Materialista que está na História, na Filosofia e também na Sociologia; e da filosofia da linguagem de Bakhtin a relação entre construção e uso da linguagem e ideologia.

O campo jornalístico como um espaço de disputa pelo poder simbólico, é possível analisar as relações de força que moldam as práticas jornalísticas e a construção da notícia. A dialética materialista, por sua vez, possibilita uma análise crítica das condições materiais de produção do jornalismo e dos interesses que permeiam a sua atuação. Já a abordagem

bakhtiniana nos permite entender a relação entre a ideologia e a linguagem, e como isso se reflete na produção de enunciados jornalísticos.

Assim, a utilização dessas ferramentas teóricas pode auxiliar na recuperação do valor do jornalismo como educador, informador, entretenimento e fiscalizador, tornando-o uma ferramenta fundamental na formação da opinião pública e na defesa dos princípios democráticos.

2. Materiais e métodos

Esse estudo é resultado de uma revisão bibliográfica sobre as teorias citadas e um estudo comparativo entre notícias que utilizam as ferramentas como base e que não utilizem.

3. Resultados e discussão

Nos últimos anos, temos visto uma queda na crença do jornalismo imparcial, e o reconhecimento de que as ferramentas tradicionais do jornalismo, como a pirâmide invertida e o contraditório, não conseguem mais esconder a existência de estratégias das empresas jornalísticas para controlar o que é ou não notícia: agendamento e enquadramento, por exemplo. Contudo, é importante ressaltar que o jornalismo ainda é uma prática fundamental para a democracia e que existem bases teóricas que podem auxiliar na produção de textos jornalísticos mais embasados.

A ideia de campo de Bourdieu, por exemplo, é uma ferramenta valiosa para compreender as relações de poder que permeiam o jornalismo. Segundo Bourdieu, o campo jornalístico (e qualquer outro campo de produção de conhecimento) é um espaço de disputa pelo poder simbólico, no qual diferentes atores competem pelo controle da produção e da circulação da notícia. Compreender essas relações de poder é fundamental para produzir textos jornalísticos que não sejam simplesmente reproduções dos interesses dominantes, mas que representem uma diversidade de vozes e perspectivas.

Outra base teórica importante é a dialética materialista de Marx, que possibilita uma análise crítica das condições materiais de produção do jornalismo. A compreensão das relações entre a propriedade dos meios de comunicação, as relações de trabalho dos jornalistas e a lógica do mercado é fundamental para entender as limitações e os desafios do jornalismo contemporâneo. A dialética materialista permite uma análise crítica das contradições e conflitos que existem na produção da notícia, possibilitando uma maior compreensão das suas limitações e potencialidades.

Por fim, a importância da ideologia na construção linguística, defendida por Bakhtin, é uma base teórica fundamental para produzir textos jornalísticos que sejam capazes de fazer frente às *fake news*. Segundo Bakhtin, a linguagem é permeada por valores e ideologias, e a construção da notícia está sempre ligada a um projeto político e ideológico. Compreender essa dimensão ideológica da produção da notícia é fundamental para

produzir textos jornalísticos que não reproduzam preconceitos e estereótipos, mas que representem a diversidade da sociedade.

É claro que a aplicação dessas bases teóricas não é uma tarefa fácil, e requer um esforço constante de formação e reflexão crítica por parte dos jornalistas. Além disso, é importante ressaltar que essas bases teóricas não são a solução definitiva para os problemas do jornalismo contemporâneo. É necessário também pensar em políticas públicas que fortaleçam o jornalismo independente e diverso, além de buscar formas de combater a desinformação e as *fake news*.

4. Considerações finais

As escolhas das ferramentas teóricas dizem respeito diretamente às ideologias do autor do texto. Mas representam somente uma possibilidade dentre as diversas ferramentas que podem ser encontradas nas ciências humanas e em ciências humanas aplicadas para reestruturar as ciências da comunicação e principalmente o jornalismo.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

CINEMA E QUESTÃO SOCIAL: SEMENTES PODRES

Wagner Oliveira Belo

Em *Sementes Podres*, ou *Mauvaises Herbes*, Wael, uma ex-criança de rua, ganha a vida com pequenos golpes na companhia de Monique, sua mãe adotiva e parceira no crime. Quando a dupla tenta enganar Victor, um antigo conhecido de Monique, atualmente a frente de uma organização de apoio a adolescentes problemáticos, eles não veem outra opção senão se tornarem sua secretária interna e seu educador para se redimirem. Dirigido, escrito e protagonizado por Kheiron, o filme apresenta a trajetória de Wael, um trapaceiro atormentado pelo passado, que encontra a absolvição como mentor de um grupo de seis estudantes com dificuldades.

Como punição por tentarem aplicar um golpe em Victor, Monique é forçada a ajudá-lo em sua empresa e o protagonista é levado a assumir o posto de conselheiro em um curso de verão para seis jovens problemáticos, os quais foram expulsos da escola várias vezes e por diversas razões, a exemplo de somarem muitas faltas, brigarem, xingarem e portarem armas. Shana, Fabrice, Karim, Ludo, Nadia e Jimmy são os estudantes controversos, que, ao desafiarem Wael, transformarão esse criminoso mentiroso em um mentor herói. Porém, o início desse trabalho, como já esperado, não foi fácil, desafiando o educador principiante a conquistar o respeito e a empatia dos alunos com toda sua expertise.

O filme é todo costurado com cenas do passado do protagonista, que vivendo em um país em guerra, cresceu sozinho e órfão, pois toda sua família foi morta em um atentado. Para sobreviver àquela difícil realidade, ele aprendeu a roubar e a trapacear – mecanismos comuns aos sujeitos que são historicamente marginalizados e vítimas de desigualdade e injustiças. Histórias como essa são frequentes não apenas em cenários bélicos, como também em ambientes marcados por exclusão e preconceitos, a exemplo do nosso país. Como bem pontuado por Victor ainda no início do longa metragem, "uma criança que causa problema é uma criança com problemas".

O destino de Wael muda com a ajuda de Monique, interpretada pela musa francesa da década de 1960, Catherine Deneuve. Além de estender a mão ao pequeno delinquente, essa personagem carrega em si a "esperança no ser humano", a crença na transformação e evolução dos sujeitos. Na medida em que ela tem ciência do contexto sócio-histórico e, principalmente, das potencialidades do seu mais novo filho adotivo, a mesma não desiste de fazê-lo reconhecer suas qualidades e lembrá-lo que é sempre tempo para mudar. Certamente, o exemplo dado por Monique possibilitou ao protagonista agir da mesma maneira perante seus alunos recém-apresentados.

Com muita informalidade e jocosidade, Wael vai aos poucos conquistando a atenção e confiança dos jovens. Práticas lúdicas, coletivas e ao ar livre marcaram as atividades realizadas pelos estudantes sob a orientação do novato educador. Porém, o que chama atenção é como as

experiências de vida de Wael foram especialmente úteis em sua atuação educativa junto aos jovens com tamanhos problemas. Nessa conjuntura o "currículo oculto" – constituído por aspectos implícitos do ambiente educativo que contribuem para aprendizagens sociais relevantes – se cruza com o "lugar de fala" – enquanto instrumento de autorrepresentação discursiva dos excluídos – resultando, assim, em reflexões e aprendizagens profundamente significativas a partir da vida e para a vida dos alunos.

"Não há ervas daninhas nem homens sem valor. Existem apenas agricultores ruins". Com essa fala do protagonista unida à história exibida na obra cinematográfica, conclui-se que todos, mesmos aquelas vítimas de guerras e conflitos de toda ordem, podem e merecem uma segunda chance. Apesar de parecer óbvio, todas as pessoas, além de defeitos, têm também qualidades e isso o filme revela brilhantemente. Conduzir pessoas tão acometidas a um amadurecimento pessoal e reinserção social não é, nem de longe, uma tarefa fácil. No entanto, é preciso plantar sementes, cuidar delas e do seu ambiente, para que possamos colher bons frutos no futuro.

Referências

MAUVAISES HERBES. Direção: Kheiron. Produção: Cloé Garbay, Simon Istolainen, Nadia Khamlichi, Adrian Politowski, Frantz Richard, Nicolas Royer, Bastien Sirodot e Antoine Stioui. Roteiro: Kheiron. França: Mars Distribution, 2018. Netflix (105 min).

Invista em sua carreira



ESCOLA
BAIANA DE
COMUNICAÇÃO

O CORPO COMO ENTE AFETIVO, EDUCATIVO E COMUNICATIVO

Jean Fabrício C. de Souza

O ser humano é corpo e, sendo um organismo vivo, está na relação com o mundo e com o outro. Corporeidade é a sua presença ao mundo. Movimento, esquema corporal, motricidade, leveza ou outros termos empreendidos na definição do corpo, tomam forma no sentido da relação da dualidade mente-corpo, justificando, assim, o termo corporeidade.

João e Brito (2004), analisando a corporeidade, apontam que:

Assim a corporeidade constitui-se das dimensões: física (biofísica-motora organizadora de todas as dimensões humanas), emocional, orgânica-afetiva (instinto-pulsão-afeto, mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, ideia, consciência e a sócio histórico-cultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, simbolismos).

Os autores afirmam que a corporeidade se refere a todas as vivências do campo existencial, historicamente construídos pelo ser que é corporalizado. Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade. É nesse sentido que buscamos a compreensão da complexidade humana, tanto em nível individual quanto em nível social.

Somos seres mediatizados pelo mundo, no contato com o outro, integrados como organismos vivos, comunicativos e em constante processo de construção de conhecimentos. O ser humano, como ser em evolução intelectual, dispõe de vários instrumentos que o auxiliam nessa construção, um deles é o seu próprio corpo. É através do corpo que nos movemos, nos comunicamos, nos percebemos, construindo relações em nossa volta, todas as experiências que vivemos, em nosso cotidiano, seja na família, escola, trabalho, influenciam o nosso comportamento e a nossa maneira de pensar. O ser complexo constitui-se na e com a relação do outro.

A escola, em sua dinâmica diária, precisa pensar / repensar o ser como construtor de relações, sensibilidades, posto que, na relação com o outro, nos construímos / desconstruímos / nos formamos. “[...] Tomar consciência do poder expressivo do nosso corpo abre infinitas perspectivas para um trabalho mais criativo, crítico, humano e prazeroso” (PEREIRA, 2006, p. 103). Valorizar a expressão é antes de tudo, empreender no corpo o seu valor e no humano a constituição do seu conjunto como ser completo, de relações e acima de tudo construtor de significados e significações, na busca de novas perspectivas.

Dessa forma, a corporeidade assume um papel de destaque na práxis educativa e na sociedade, pois funciona como fio condutor das relações constituídas na prática educativa e no cotidiano das pessoas. Os vários debates atuais conduzem-nos à importância da corporeidade. Intensificam-se as discussões acerca da importância do

corpo como centro de todas as discussões pedagógicas, pois o ser com toda a sua totalidade torna-se elemento propulsor de toda a Educação. Portanto, faz-se necessário resgatar o corpo dentro dos ambientes educativos.

Merleau Ponty (1997, p.19) nos assegura que “[...] é necessário reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é um pedaço de espaço, um feixe de funções que é um entrelaçado de visão movimento”. É mister salientar que devemos reconstruir nossa visão de corpo, o mesmo como um organismo vivo, operante e atual, influenciador e construtor de relações, que através de várias redes e conhecimentos contribui para a aquisição de novos conhecimentos.

Para Augusto Boal (1996, p.42) “[...] o ser humano é essencialmente um corpo, provido de cinco características: sensibilidade, emoção, sexualidade e semovência”. Então não podemos concebê-lo como um ser mecânico, mas, sim, um corpo que produz. O corpo não é coisa, nem ideia, o corpo é movimento, sensibilidade e expressão criadora, pois a corporeidade insere o corpo num mundo de significados, estimulando a dialética do corpo, consigo e com outros corpos que os cercam, produzindo uma cultura corporal, cultura esta que se encontra presente em todas as ações pedagógicas.

É nas vivências que a corporeidade toma corpo e assume-se como elemento essencial à prática educativa, pois “[...] tudo aquilo que vive cumpre processos cognitivos” (ASSMANN 1996, pp. 26-27). “[...] se o professor não tiver consciência de sua presença corporal, os alunos de hoje logo lhe farão

sentir que não estão lá a fim de aprender o que ele lhes conta, mas para apanhar o que ele amadureceu, os frutos da sua experiência”. (BERTHERAT, 1997, p. 190). Daí a importância de as vivências pedagógicas serem nutridas de significados, pautadas no lúdico e na relação recíproca que se constitui entre educandos e educadores, através da flexibilidade de suas práticas.

Somos seres fazedores de cultura e, mediatizados pela interdisciplinaridade da práxis, através da relação com nosso corpo, constituímos-nos como seres fazedores de cultura, dando, assim, sentido aos diversos conhecimentos constituídos. Assmann (1996, p.47) nos diz que:

[...] todo conhecimento se instaura como um aprender mediado por movimentos internos da corporeidade viva. Toda aprendizagem tem uma inscrição corporal não existe mentalização sem corporalização.

Então a corporeidade, assume-se como organismo vivo, o movimento, a expressão, dando vidas e corporificando-se as diversas manifestações do aprender.

Pensar o corpo e a sua relação com a educação é reconhecer que tanto o corpo como a aprendizagem se entrelaçam como uma constituição cultural, assim a linguagem corporal apresenta-se como uma possibilidade de construção de conhecimento, articulado à interdisciplinaridade que irá permitir novas visões pedagógicas e artísticas.

Para tanto os ambientes educativos deverão estimular práticas diversas e valorizar as experiências constituídas a

partir da relação dos atores sociais com o mundo que os cerca, com os outros e consigo mesmo, assim, conforme Assmann (1998, p. 34):

É preciso pensar a educação a partir de nexos corporais entre seres humanos concretos, ou seja, colocando em foco a corporeidade viva, na qual necessidades e desejos formam uma unidade.

Toda a relação estabelecida entre os sujeitos no ambiente educativo reforçará esta unidade e interação, pois o termo interdisciplinaridade reforça a ideia de junção, rede e corpo. Toda prática quando valoriza o movimento, a ludicidade a alegria, tende a desenvolver-se e irradiar o contexto educativo, construindo assim novos significados na produção do conhecimento.

Referências

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**: Epistemologia e didática. Piracicaba: UNIMEP, 1996.

BERTHERAT, Therese. **O Corpo tem suas razões**: antiginástica e consciência de si. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

JOÃO, R.B E; BRITO, M. **Pensando a corporeidade na Prática Pedagógica em educação Física à luz de pensamento complexo**. São Paulo: Summus, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito** 2 ed. Tradução da Luís Manuel Bernardo. Lisboa: Veja, 1997.



ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO

**EXCELÊNCIA NO
ENSINO DA
COMUNICAÇÃO:
ESSE É O NOSSO
COMPROMISSO**

Arraste para o lado para
conhecer os nossos cinco
compromissos invioláveis



www.baianadecomunicacao.com



IMIGRAÇÃO

Clésia Diamantino

Imigração é um tema que, desde sempre, esteve presente no contexto sociocultural e até político do Brasil. Para entender melhor como se deu esse processo migratório, saber quem foram os povos que aqui chegaram, entender como foram as relações entre imigrantes e a população local, saber em que contexto houve essa imigração, de onde vieram as pessoas que aqui chegaram, como viviam, em que condições viviam esses imigrantes que vieram para o Brasil em massa, é que se objetiva analisar em que consistiam essas imigrações, e como as imigrações influenciaram na relação trabalhista do povo brasileiro.

Os fluxos migratórios que envolveram o Brasil, na Primeira República, foram os mais expressivos do período que se estende do século XIX ao XX: entre 1889 e 1930, ingressaram, no País, mais de 3,5 milhões de estrangeiros, o que corresponde a 65% do total de imigrados, entre 1822 e 1960. Foi no período republicano, que o Brasil se encontrou plenamente no contexto migratório mundial de massa. Com uma imigração caracterizada por uma prevalência do tipo rural, espelhando uma política migratória pautada na economia brasileira de então, particularmente voltada para a agroexportação e com um processo de industrialização incipiente, várias foram as regiões brasileiras que receberam imigrantes, oriundos da Alemanha e da Itália, a exemplo do Sul, Sudeste, e até mesmo a região Nordeste.

Importante destacar que, ao contrário das demais regiões, o Norte e o Nordeste brasileiros tiveram a inserção dos estrangeiros quase exclusivamente urbana, mas muito pouco significativa, no seu complexo e em relação ao resto do País, embora importante para as dinâmicas econômicas, sociais e culturais das grandes cidades. Enquanto o restante do País desenvolvia e atraía imigrantes para trabalharem na área rural, o Norte e Nordeste os atraíam para a área urbana. Ocorreram dois tipos de imigração que no Brasil: a rural e a urbana. Do ponto de vista étnico, todos os grupos nacionais europeus foram representados; entre os asiáticos, quase somente japoneses e sírio-libaneses.

Destaca-se um núcleo mediterrâneo europeu preponderante, formado por italianos (o maior grupo de imigrantes no Brasil nesse período, quase 1,3 milhão, 35% do total), portugueses (28%) e espanhóis (14%) – isso é, oito de cada dez imigrantes eram originários desses três países. Os alemães, quarto maior grupo, constituíram 4% do total, e os japoneses 3,5%. No restante, houve uma grande variedade, na qual prevaleceram os sírio-libaneses, seguidos por poloneses, ucranianos, húngaros, lituanos, austríacos de língua alemã e judeus da Europa oriental. Esses grupos se instalaram em todas as regiões brasileiras interessadas, mas houve algumas diferenças. Os japoneses só começaram a chegar a partir de 1908, enquanto os sírio-libaneses e os alemães, outros dois grupos minoritários, imigraram com fluxos constantes ao longo de todo o período.

O processo imigratório, desde o princípio, foi marcado por uma política preconceituosa e discriminatória. À medida que, no período imperial, desconsiderou-se a mão de obra

negra livre para os trabalhos das lavouras, atraindo mão de obra estrangeira (durante o Império, tinham chegado cerca de 900 mil imigrantes), com uma política eugenética de europeização da população e a necessidade de disponibilidade maciça de mão de obra para uma expansão rápida de um dos principais setores da agroexportação, o café, reforçou-se a discriminação de uma população negra, numerosa, recém liberta, qualificada, afinal, já trabalhavam na área, porém, totalmente desprezada, ignorada, o que causou um atraso econômico, social, cultural, político no País, que tem vestígio desse atraso até os dias atuais.

Os imigrantes estrangeiros foram atraídos, principalmente, por falsas promessas dos fazendeiros, que prometiam, entre outras vantagens, terras, que eles pudessem adquirir. Porém, eles não davam garantias, afinal, dependiam dos governos estadual e federal para liberar as terras – o que muitas vezes não ocorreu, principalmente, pelo governo federal. Fundamentalmente, dois tipos de instituições subvencionaram os fluxos migratórios durante a Primeira República: os governos estaduais e o governo federal. A federalização que adveio com a República fez com que os estados pudessem realizar e financiar uma política migratória própria, mas isso foi realmente possível por um tempo continuado somente para o estado de São Paulo e, parcialmente, para o Rio Grande do Sul, no primeiro caso possibilitando uma verdadeira imigração de massa. Todos os outros estados interessados nas políticas migratórias não conseguiram sustentá-las, autonomamente, por longos períodos, e tiveram que recorrer à ajuda da União, que, no entanto, não financiou a imigração durante boa parte da

primeira década do século XX, enquanto na década anterior o fez de forma muito inferior ao governo do estado de São Paulo.

O perfil do imigrante típico no Brasil foi o do camponês europeu pobre, vindo junto com seu núcleo familiar para se estabelecer no País, na zona rural, a longo prazo ou definitivamente, diversamente da Argentina e dos Estados Unidos, onde foi muito mais significativa a imigração temporária, para ambientes urbanos, de homens que chamavam ou iam buscar sua família e retornavam ao país de imigração num segundo momento. Não sendo atendidos os seus anseios de terem acesso a propriedade de terras, muitos imigrantes retornaram aos seus países de origem, no fim do século XIX. Além dos retornos à terra natal e das lutas por melhoria dos salários e das condições de trabalho, a consequência foi a migração para os principais centros urbanos do estado de São Paulo, para a Capital Federal e para as pequenas cidades de Minas Gerais. O Brasil experimentou o descrédito, como país receptor de imigrantes, sobretudo, por conta da veiculação de impressões negativas pelas redes familiares e regionais de imigração.

Mesmo com foco principal do Brasil no fluxo migratório rural, não se pode ignorar a imigração urbana, pois o interesse em crescer as regiões fez atrair os estrangeiros. A imigração urbana foi basicamente de dois tipos: indireta, como fluxo secundário de estrangeiros provenientes das áreas rurais onde se tinham fixado num primeiro momento; direta, como fluxo primário de imigrantes que logo na entrada se fixavam nas áreas urbanas. A partir dos últimos

anos do século XIX, a primeira começou a se realizar concomitantemente à segunda, aumentando progressiva e consideravelmente durante a primeira década do século XX. A imigração indireta foi sobretudo resultado do êxodo de imigrantes insatisfeitos com as condições de trabalho ou em excesso nas áreas rurais de latifúndios e, de forma menor, de estrangeiros dos núcleos coloniais rurais, por motivos semelhantes. A cidade proporcionava também oportunidades de ascensão social, e maiores possibilidades para a Educação e a Saúde.

As cidades brasileiras do Sul e Sudeste, algumas mais, outras menos, refletiram uma revolução étnico-demográfica desde os primeiros anos da República, tornando-se locais fundamentais de experiências transculturais cosmopolitas e centros agregadores de cada grupo étnico e nacional imigrado no país. As relações sociais e políticas não foram sempre harmoniosas, havia conflitos entre governos dos países de origem dos imigrantes. Importante destacar que na imigração urbana havia todo tipo de estratificação social interna nos grupos imigrados: ao lado de empresários, comerciantes e profissionais liberais estrangeiros bem-sucedidos, havia seus patrícios operários, artesãos, vendedores ambulantes. Entre os primeiros, não poucos foram os que chegaram como trabalhadores urbanos ou até rurais, mas a maioria geralmente chegava ao Brasil com capitais ou como técnicos e administradores de firmas, ou ainda como membros de sólidas redes comerciais, procurando uma ascensão social e uma consolidação maior que não lhe eram possíveis no país de origem. Isso explica

também a preferência pelos imigrantes estrangeiros, ao invés de explorar a mão de obra local, negra.

Mesmo enfrentando lutas e desafios com os imigrantes estrangeiros, os fazendeiros e governos brasileiros preferiram explorar essa mão de obra, colocando o Brasil em uma posição vexatória, discriminatória, refletindo suas consequências até os dias atuais, com uma população inferiorizada, escravizada, ignorada. A prática de adotar mão de obra estrangeira perpassa pela política atual de desenvolvimento econômico do país, desconsiderando toda uma nação, marginalizando um público, levando à condições sociais e econômicas precárias, pois os empresários não capacitam, nem qualificam os cidadãos, aumentando a massa de uma população ignorante, despreparada para o mercado de trabalho, e com isso aumentando o desemprego, a marginalidade, a violência, e uma tradição cultural de desvalorização de sua população local. Atualmente cabe um debate e uma política pública que valorize seus cidadãos, e reforce uma cultura e uma identidade nacional.

Referências

FONTES: Anuário estatístico do Brasil 1955 (v.16); Anuário estatístico do Brasil 1960 (v.21); BASSANEZI, M. Atlas; BASSANEZI, M. Repertório; Brasil: 500 anos; HALL, M. Imigrantes (p. 121-151); HOLLOWAY, T. Imigrantes; PETRONE, M. Imigração (v. 9, p. 104-146); TRENTO, A. Do outro.

CINEMA E EDUCAÇÃO: ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

Wagner Oliveira Belo

Entre os Muros da Escola, ou *Entre les Murs*, narra a história de François, que com ajuda dos seus colegas professores planejam o novo ano letivo em uma difícil escola da periferia de Paris. Embora eles sejam dotados de boas intenções, inclusive se apoiando mutuamente para não desistirem de oferecer a melhor educação possível, os alunos com o seu difícil comportamento, ainda que sejam inspiradores e divertidos, tendem a acabar com o entusiasmo de qualquer professor. A sala de aula, uma pequena amostra da França contemporânea, escancara os choques entre as diferentes culturas.

Baseado no livro homônimo de François Bégaudeau e dirigido por Laurent Cantet, o filme, além de ter sido indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro, foi vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes. Nele se percebe o quão árduo é o trabalho na escola, tanto para o professor, que com frequência se sente ignorado e desrespeitado, quanto para os jovens alunos, que acham quase tudo daquele universo desinteressante e desmotivante. Durante o ano letivo, principalmente no dia a dia de François e sua turma na sala de aula, diversos embates são travados, pelos quais pode-se identificar as competências e falhas de cada um deles.

Os professores, por mais engajados que sejam em dar a melhor educação aos seus alunos, ao se sentirem tão desmerecidos e em determinados momentos agredidos, mais cedo ou mais tarde, perdem a paciência e o respeito, chegando ao ponto de recorrer a atitudes autoritárias e abusivas. Em uma reunião de professores, por exemplo, a partir de uma decisão da comissão permanente de professores, foi discutida a possibilidade da introdução de um sistema de penalização por pontos para os alunos, como uma forma de conter a infração de regras. Houve ainda quem defendesse a valorização dos pontos positivos a respeito dos alunos, ao invés de castigá-los em virtudes dos seus pontos negativos. Com isso, nota-se o obscurantismo no qual os professores se encontram, quando o assunto é lidar com os problemas comportamentais dos jovens na escola.

Os alunos, por sua vez, agitados e incompreendidos, têm a sua individualidade ignorada e não veem sentido nas atividades realizadas na escola. "Não entendo o que fazem em tudo" disse uma aluna ao professor François em um momento do filme, constatando que não entende a razão de estar na escola e que sente que não tem aprendido nada. A diversidade cultural e racial explícita na sala de aula também parece ser desprezada no fazer pedagógico, assim como na compreensão dos problemas enfrentados nesse espaço. Sexualidade e manifestações religiosas são outras demandas invisibilizadas na sala de aula. No entanto, quando François oportunizou a fala aos alunos e os escutou, eles puderam expressar realidades, questões e

inquietações distintas, que explicam de certa maneira suas atitudes perante o professor e à escola.

As famílias desses alunos, em reunião com os professores, revelaram outras facetas desses sujeitos e de suas condutas sob a forma de justificativas, críticas e expectativas. A falta de domínio do idioma da região, o preconceito contra diferentes expressões e a incompetência da escola são alguns exemplos de relatos de familiares. Porém, o que há em comum em todos eles é a super-responsabilização do professor sobre o desenvolvimento e sucesso dos seus filhos e em como os mesmos, aparentemente, nunca são bons o suficiente. Em contrapartida, os professores em diversos momentos tentam ajudar seus alunos, para além das obrigações docentes, inclusive financeiramente, mas, como dito por um deles em reunião com seus colegas, "não temos que ser os pais".

Apesar do filme ter sido lançado no seu país de origem, em 2008, e, em 2009, no Brasil, é alarmante concluir que o contexto ilustrado nessa obra perdura até os dias atuais. Aparentemente, a educação não avançou muito, do mesmo modo que a relação entre aluno e professor também não. Entretanto, a longa metragem desvela, também, que por trás de todos os alunos, mesmo aqueles estigmatizados como os problemáticos, tal como Souleymane, existe diversas potencialidades e valores que a escola tende a desconsiderar, as quais não se ajustam às suas disciplinas, ao seu currículo e à configuração daquele espaço.

Independentemente dos conflitos observados ao longo das aulas, na última cena do filme, com o fim do período letivo,

as salas ficaram vazias, as carteiras foram desorganizadas e todos os professores e alunos se integraram em uma prática lúdica, divertida e livre. Essa cena parece acender uma luz no fim do túnel no que se refere ao futuro da educação, a um caminho para o sucesso da escola. É preciso pensar e colocar em prática uma outra educação, também, entre os muros da escola, que sirva à criação de igualdade entre todos e pregação da liberdade, para, conseqüentemente, ajudar na construção de um novo mundo.

Referências

ENTRE LES MURS. Direção: Laurent Cantet. Produção: Simon Arnal, Caroline Benjo, Barbara Letellier e Carole Scotta. Roteiro: Laurent Cantet, Robin Campillo e François Bégaudeau. França: Imovision, 2009. 1 DVD (128 min), widescreen, colorido. Baseado no livro “*Entre les Murs*”, de François Bégaudeau.



**SEJA UM COMUNICADOR
EXCEPCIONAL. NA
ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO VOCÊ
ENCONTRA CURSOS SOB
MEDIDA PARA VOCÊ.**

 **ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO**

O CRONOTOPO LOCATIVO: EXISTÊNCIA CONCRETA E DIGITAL HÍBRIDA

Vinícius Vita Gorender

1. Introdução

Este artigo aborda a relação entre o cronotopo e o hibridismo da presença do ser no concreto e no digital. O cronotopo é uma categoria cultural/filosófica desenvolvida por Mikhail Bakhtin que se refere à existência de uma relação inseparável entre tempo e espaço na construção da narrativa (independente da narrativa). O hibridismo de presença no concreto e no digital, por sua vez, é uma característica do mundo contemporâneo, defendida por Gorender, que se manifesta na mistura de elementos do mundo físico e do mundo digital.

O artigo apresenta o cronotopo locativo e explora como pode ser utilizado para compreender a citada presença híbrida do ente ao mesmo tempo no concreto e no digital. Por meio de discussões de conceitos de espaço e tempo concreto e da presença do ser (não fenomenológica) o artigo argumenta que a presença do ser no mundo digital nunca cessa, mas é transformada em novas formas.

O artigo também discute as implicações do hibridismo da presença do ser no mundo contemporâneo, e o destaque das mídias sociais nessa presença. Destaca-se a importância de considerar as relações entre o mundo concreto e o digital na construção da identidade e das relações sociais.

Além disso, o artigo aponta para a necessidade de se repensar as formas de comunicação e de produção de conhecimento em um mundo cada vez mais híbrido.

2. Materiais e métodos

Esse trabalho é continuidade da pesquisa de mestrado: continuidade da construção do cronotopo locativo.

3. Resultados e discussão

O cronotopo é um conceito desenvolvido por Bakhtin que se refere à relação entre tempo e espaço na literatura, na filosofia e na linguagem em geral. Segundo Bakhtin, todo enunciado está situado em um determinado tempo e espaço, e essa relação entre ambos é essencial para a compreensão do sentido do enunciado.

No contexto da presença do ente no digital, o cronotopo pode demonstrar que essa presença nunca cessa ao considerar que o tempo e o espaço no ambiente digital são diferentes do tempo e espaço concretos. No ambiente digital, a interação e a comunicação ocorrem de forma síncrona e assíncrona, em diferentes espaços digitais e com diferentes velocidades de troca de informações.

Assim, mesmo que uma pessoa não esteja fisicamente presente em um determinado lugar, ela pode estar presente digitalmente em diversas plataformas digitais, como redes sociais, aplicativos de mensagens, jogos *on-line*, entre

outros. Essa presença digital pode ser constante e contínua, independentemente do tempo e espaço físico em que a pessoa se encontra.

Quando o tempo concreto e digital do ente se encontram e o espaço digital e concreto se misturam, surge o cronotopo que Gorender (2016) definiu como locativo. É a experiência da vivência digital sobre o espaço concreto em um tempo que é diferente, mas que se sobrepõe de forma cronológica. Um exemplo é o uso de redes sociais: o ser ocupa o espaço concreto separado do digital pelo teclado, mouse, monitor, mas uma separação cada vez menor, se esse acesso é realizado por um aparelho móvel.

De qualquer forma a separação de ser-do-ente digital, e desse ser-do-ente concreto não existe, pois é contínua tanto em um espaço quanto no outro. Apesar da existência no digital não se desconectar nunca, as mensagens, ações etc... realizadas pelo ente no digital ficam gravadas, enquanto no concreto viram história, ou são interrompidas por atos como comer, dormir.

4. Considerações finais

Esse estudo apresenta uma nova perspectiva para a relação que existe entre o concreto e o digital, uma perspectiva que vai além de observar “impactos”, ou observar a existência individual de cada um. Mostra que cada ente passa a ter, cada vez mais sua vida, concreta e digital híbrida.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

GORENDER, V. **Discussão dialógica de narrativas locativas**. Dissertação para título de mestrado em Letras, apresentada ao instituto de letras da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2016.



**NA ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO VOCÊ
APRENDE A TRANSMITIR
SUAS IDEIAS COM
EFICIÊNCIA.**

Inscriva-se e se torne um(a) excelente comunicador(a).

 **ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO**

JÜRGEN HABERMAS: UM FRANKFURTIANO NA DIÁSPORA EPISTÊMICA OU UM PÓS-ESTRUTURALISTA?

Alfons Heinrich Altmicks

Advindo do seio da Teoria Crítica, tendo sido assistente de Theodor Adorno, por cinco anos, Jürgen Habermas é, frequentemente, incorporado ao quadro teórico da Escola de Frankfurt, sendo alocado na sua designada Segunda Geração. Entretanto, há quem conteste a sua filiação a Frankfurt, sobretudo, por conta da sua rebeldia epistêmica, que o levou a flertar com o pensamento pós-estruturalista, sobretudo, nas suas aproximações ao Pragmatismo Norte-Americano, à Linguística de Wittgenstein e à Psicanálise de Sigmund Freud, substratos incorporados à sua obra, ao longo da sua maturação enquanto filósofo e teórico da sociedade.

É escopo deste modesto *paper* compreender até que ponto essa filiação original se manteve intacta, a ponto de fazê-lo configurar entre os Frankfurtianos, ou se os caminhos adotados por Habermas o conduziram a uma radical ruptura em relação aos teóricos da primeira geração da Escola de Frankfurt. Pode-se admitir que a primeira geração de autores da Escola de Frankfurt não foi caracterizada por consensos epistemológicos, metodológicos ou políticos. Pelo contrário, a heterogeneidade de pensamento sempre foi a tônica dos frankfurtianos. Diante disso, a questão se desloca para o entendimento sobre se a posição de

Habermas configurou uma ruptura com os seus antecessores, ou se apenas tratou-se de uma continuidade da mesma heterogeneidade, legitimamente frankfurtiana.

Surgida nos anos de 1920, a primeira geração da Escola de Frankfurt debruçou-se sobre a não realização do projeto da Modernidade. Com efeito, o ideal moderno – iluminista – de uma razão libertadora e autônoma, que possibilitasse à Humanidade exercer controle sobre a Natureza e ordenar as suas sociedades, na busca por um desenvolvimento ilimitado, desabou ao toque de uma feroz redução dos seus próprios limites: a ignorância sobre toda dimensão humana que não fosse quantificável, que não se encaixasse numa objetividade cartesiana, na proposição de uma Verdade única e magnânima. Teóricos como Max Horkheimer e Theodor Adorno identificaram as origens do problema na razão instrumental, cujos processos atenderiam a um imperativo, político e econômico, de controle social. No seu célebre “A Dialética do Esclarecimento”, de 1947, Horkheimer e Adorno (1985) anteporiam, à razão instrumental, uma razão crítica, profundamente subjetiva e emancipadora. Entretanto, nessa proposição, já estava contido o germen nihilista de uma dialética negativa, posteriormente formulada por Adorno (2009).

Habermas procurou ultrapassar a ideia de uma dialética negativa, encaminhando a superação de uma razão instrumental a uma razão comunicativa, na qual a utopia da emancipação humana poderia ser retomada, em todo o seu esplendor. Essa busca habermasiana é flagrada em livros como “Conhecimento e interesse” (2014), “O Discurso

Filosófico da Modernidade” (2000), “Teoria da ação comunicativa” (2012a; 2012b) e “Pensamento pós-metafísico” (2019). Esses textos, precisamente, suscitam a polêmica sobre a filiação, ou não, de Habermas à Escola de Frankfurt. Horkheimer e Adorno construíram a razão moderna, sugerindo o seu caráter de dominação, de manipulação e de reificação. Nesse movimento, Horkheimer iria propor a espiritualidade / religiosidade como alternativa, a passo em que Adorno sugeriria a Arte, como via de emancipação. Para Habermas, ambas as propostas eram inviáveis, porquanto caminhassem para o subjetivismo e para o irracionalismo. A sua lógica denunciava a impossibilidade de assunção do paradoxo de uma razão irracionalista. Com efeito, os principais frankfurtianos da primeira geração tomaram o não-conceitual enquanto conceito, ao passo em que Habermas propunha o retorno a uma racionalidade conceitual, posta enquanto ação comunicativa – uma razão comunicativa, por assim dizer. Uma razão erigida na linguagem, nas relações subjetivas entre os seres humanos, alternativa à razão instrumental, típica da Modernidade.

Mais precisamente, no pensamento multifacetado de Habermas, a razão pode, concomitantemente, libertar ou dominar. É no imo da dicotomia entre a razão comunicativa e a razão instrumental que Habermas consolida a sua teorização. Assim, Habermas permanece um seguidor do pensamento frankfurtiano, abraçando principalmente a crítica à ideologia burguesa, à sociedade, à razão objetificante, à Ciência e à técnica, como os principais dinamos do modo de produção capitalista. No entanto, a

sua vasta obra também consubstancia uma tentativa de erigir os pressupostos epistemológicos subjacentes à teoria crítica de Frankfurt, ultrapassando-a. Partindo da distinção, feita pelos frankfurtianos, entre teorias científicas e teorias críticas, Habermas avança na direção a uma teoria da ação comunicativa. Se Habermas é um Frankfurtiano na diáspora epistêmica ou se, pelo contrário, tornou-se um pós-estruturalista, negador da Teoria Crítica, é difícil precisar. No entanto, a questão perde sentido e finalidade, diante da sua contribuição visceral à Filosofia e à Sociologia contemporâneas. Na literatura habermasiana, a Modernidade permanece um projeto inacabado, prenhe de possibilidades e, principalmente, repleto de esperanças.

Referências

ADORNO, Theodor. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. São Paulo: UNESP, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2019.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo - vol. 1: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Martins Fontes, 2012a.

MARKETING NO CONTEXTO DO TURISMO INDUSTRIAL EM PORTUGAL: O CASO DO MUSEU DO TÊXTIL

Ana Matias
Ana Marcelo
Jorge Marques

1. Introdução

O Turismo Industrial é uma vertente turística de crescente importância, a qual proporciona aos seus visitantes a oportunidade de explorar o património industrial de determinada região. Neste contexto, serão abordadas estratégias de *marketing* e comunicação adotadas por empresas e organizações para promover este setor.

2. Materiais e métodos

Este é um estudo de enfoque qualitativo, alicerçado em análise bibliográfica (PRODANOV; FREITAS, 2013).

3. Resultados e discussão

O Turismo Industrial baseia-se na exploração turística do património industrial, podendo decorrer em unidades produtivas desativadas (por exemplo, museus de empresas) ou em unidades produtivas em funcionamento, que se tornam atrações educativas e turísticas pela sua especificidade (CHIKUROVA; OSHKORDINA, 2020;

MORAL-MORAL; FERNANDEZ-ALLES, 2019). Constitui uma forma crescentemente relevante de turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de explorar o património industrial de uma região. Na Região Centro de Portugal, o *marketing* está a desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento desta variante do turismo, ao promover os locais e atividades relacionadas com o património industrial da região. O *marketing* assume-se, pois, como uma ferramenta essencial para atrair público para a região e para promover as atividades relacionadas com o seu património industrial, na medida em que ajuda a criar uma imagem positiva do território e a comunicar a rica história do seu setor produtivo aos visitantes (SILVA, 2018).

Atualmente, o Centro de Portugal tem uma ampla variedade de iniciativas de Turismo Industrial em funcionamento, que inclui visitas a fábricas históricas, museus, centros de visitantes e locais de produção ainda em atividade. Além disso, existem eventos especiais como feiras de artesanato, festivais de gastronomia, exposições, workshops e outras atividades que permitem aos visitantes experimentar a cultura local e conhecer as tradições e práticas relacionadas com a produção industrial. Como referem Guerra, Moreno e Almeida (2019), a criação de experiências peculiares e memoráveis é fundamental para atrair e reter turistas. Na área específica do Turismo Industrial, as empresas e organizações procuram criar experiências personalizadas para os visitantes, como rotas temáticas, campanhas integradas de comunicação, eventos

de promoção, visitas guiadas, demonstrações de produção e eventos especiais (MOTA; COSTA, 2013).

Desta estratégia é exemplo o MUTEX - Museu dos Têxteis, localizado no distrito de Castelo Branco, e inscrito na rede municipal de museus. Sedeado numa antiga empresa de lanifícios, pretende preservar a memória do património da indústria têxtil da região. Consciente da riqueza do espólio desta fábrica, o Município definiu uma estratégia para transformar a antiga fábrica de lanifícios num polo de interesse turístico, através da sua transformação num espaço museológico de Turismo Industrial, capaz de atrair a atenção de visitantes, nacionais e internacionais.

A visita ao MUTEX permite conhecer o processo industrial e técnico ligado ao setor têxtil, principal atividade da antiga fábrica que preserva toda a maquinaria original. Ao longo da mesma, é possível conhecer o percurso da lã, desde o processo de limpeza ou depuração à cardação e fição, conhecendo também o respetivo enquadramento territorial e histórico. O roteiro termina numa área do edifício onde se recria, para efeitos museológicos, uma oficina de tecelagem. Existe, ainda, um espaço designado por “espaço memória”, que representa um tributo aos operários fabris e aos empresários responsáveis pela criação desta indústria na região. Como refere Cardoso (2012, p. 38-39), “[...] o património industrial é um tesouro cultural, pois em cada elemento que o integra há uma história. Cada elemento contém um valor histórico/cultural/social/pessoal muito rico e que, em conjunto com os outros elementos, contam a história de um povo”.

A estratégia de comunicação é um vetor importante para dar a conhecer a existência do MUTEX. Da sua estratégia promocional fazem parte ações de comunicação digital, a realização de visitas organizadas e eventos de natureza diversa, como sejam a Celebração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, atividades culturais, conferências, peças de teatro ou o Desfile Castelo Branco Moda 2018.

4. Conclusão

O Turismo Industrial é uma forma crescentemente relevante de turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de explorar o património industrial de uma região. Na Região Centro de Portugal, o *marketing* está a desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento desta variante do turismo, assumindo-se como uma ferramenta essencial para atrair público para a região e para promover atividades relacionadas com o seu património.

Referências

CARDOSO, V. Turismo industrial: uma abordagem metodológica para o território. **Revista Turismo e Desenvolvimento**. 1, p. 37-59. [S.l.] 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.34624/rtd.voio.12599>> Acesso em: 25 abr. 2023.

CHIKUROVA, T.; OSHKORDINA, A. *Industrial Tourism as a Factor in the Development of a City and Region*. **Advances in Social Science, Education and Humanities Research**.

392, p. 569-572. [S.l.] 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339190641_Industrial_Tourism_as_a_Factor_in_the_Development_of_a_City_and_Region
Acesso em: 25 abr. 2023.

GUERRA, T. F.; MORENO, M. P.; ALMEIDA, A. S. A. de. O turismo industrial e a representação da identidade: Concetualizações em torno do envolvimento comunitário. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, 16, n. 03, p. 103-117. 2019. DOI: 10.21714/2179-9164.2019.v16n3.006. Disponível em: <<https://www.rev.hosp.org/hospitalidade/article/view/840>> Acesso em: 30 abr. 2023.

MORAL-MORAL, M.; FERNÁNDEZ ALLES, M. *Percepciones Del Residente Local Hacia El Turismo Industrial Como Una Modalidad De Desarrollo Sostenible*. **Revista de Estudios Regionales**. Universidades Públicas de Andalucía, 1, p. 45-69. 2019. Disponível em: <<https://id.eas.repec.org/a/rer/articu/v1y2019p45-69.html>> Acesso em: 30 abr. 2023.

MOTA, A.; COSTA, C. Estratégias de planeamento em turismo industrial: Uma análise de casos de estudo. **Revista Turismo e Desenvolvimento**. 19, p. 9-24. [S.l.] 2013. Disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/12509/8265>> Acesso em: 30 abr. 2023.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Feevale, 2013.

SILVA, P. **Turismo Industrial na Sub-Região do Médio Tejo**: estado da arte e visão prospetiva. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural) – Instituto Politécnico de Tomar, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.26/28578>> Acesso em: 27 abr. 2023.

Comunicação na educação para diversidade! Inscreva-se já e se torne um agente de transformação na educação!

ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO
ÉTICA E RESPEITO

RELAÇÕES PÚBLICAS E REPARAÇÃO DE DANOS: VALE E COMUNIDADES NO PÓS-ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO

Lívia Magalhães de Brito

1. Introdução

O presente trabalho é resultado de uma investigação inicial, cujo objetivo é compreender os diálogos, entre partes interessadas, no caso do desastre ambiental provocado pela barragem mina Córrego do Feijão, pertencente à mineradora Vale S/A, no município de Brumadinho - MG e que afetou o rio Paraopeba e cidades no entorno. Trata-se da tentativa de acumular repertório sobre o campo da Participação Informada, no contexto da reparação do rompimento da barragem em 2019, a fim de compreender e estabelecer aproximações e/ou distanciamentos com o campo das Relações Públicas, bem como reforçar a importância dessa área de pesquisa na tentativa de promover interações entre as partes: empresa responsável pelo dano decorrente do rompimento e as pessoas pertencentes às comunidades prejudicadas.

2. Materiais e métodos

Neste trabalho, buscou-se narrar um breve histórico sobre o rompimento e o pós-rompimento da barragem de Brumadinho, considerando os atores envolvidos nas tratativas que possibilitaria algum tipo de ressarcimento dos danos que foram provocados com o desastre. Dados

presentes em documentos como a Ação Civil Pública (ACP), o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito do Rompimento da Barragem de Brumadinho (CPI Brumadinho) e as informações que constam no *site* do Instituto Guaicuy (umas das Assessorias Técnicas – ATIs contratadas no âmbito judicial) foram fundamentais para contar um pouco desse capítulo triste da história recente. A bibliografia levantada, está incluída no universo de referências que será aprofundado em outras discussões pela presente pesquisadora, a fim de que componha o acervo de informações que fundamentarão o processo de doutoramento em comunicação em curso.

3. Resultados e Discussões

O Governo do Estado de Minas Gerais sistematizou em seu *site*, informações sobre o histórico do rompimento da Barragem Mina de Córrego do Feijão, do Complexo Paraopeba II, localizada em Brumadinho – MG, ocorrido em 25 de janeiro de 2019, tirando a vida de 272 pessoas e afetando 26 municípios com os impactos do escoamento dos 12 milhões de m³ de rejeitos de minério. No mesmo dia em que a barragem se rompeu, a Advocacia-Geral do Estado de Minas Gerais - AGE entrou com liminar que incluía o bloqueio de 1 bilhão de reais da Vale S/A, cooperação com o Poder Público nas ações de remoção dos rejeitos de minério e resgate das vítimas. Foi instituída uma “Força-Tarefa” formada por instituições de justiça para buscar a responsabilização da mineradora, pelos danos provocados com o desastre.

Com as negociações estabelecidas no âmbito judicial, os diálogos entre Vale e sociedade estiveram vinculados a esta esfera, sendo a Força-Tarefa a representante dos atingidos. A solução encontrada para a promoção da participação das comunidades atingidas se deu via contratação de organizações em fins lucrativos, em 2020, para atuarem como assessorias técnicas independentes – ATIs, desempenhando o papel de assistente técnico das comunidades e das Instituições de Justiça, no entanto, as decisões permaneceram judicializadas, sem a participação direta dos interessados, e no dia 4 de fevereiro de 2021, firma-se um acordo, através do qual fica instituída a responsabilização da empresa, pelos danos transcorridos. Coube à mesma iniciar a reparação socioambiental e socioeconômica.

No plano de trabalho da ATI Instituto Guaicuy (2020), a mobilização social está evidenciada como a forma de promover a participação, mas apresenta esse contexto atrelado às ações de comunicação. O referido documento explica que “... é preciso dialogar com as pessoas atingidas e promover o desenvolvimento de postura crítica e ativa, que indaga, constata, compara, avalia, valora e decide.” (p. 54). Para Brito,

As metodologias de trabalho do campo das Relações Públicas devem ser adotadas com maior frequência nos processos de mobilização e participação social, pois, a partir das práticas deste campo, é possível pensar de maneira objetiva as relações de poder estabelecidas, através do conhecimento da realidade estabelecida. (p. 23, 2021)

Necessário pontuar que a comunicação com as comunidades, pode ser fortalecida por práticas de relações públicas, para a promoção do diálogo entre as instituições negociadoras do processo de reparação e as pessoas das comunidades atingidas. Esse formato de comunicação mostra-se numa perspectiva ativista (HOLTZHAUSEN, 2016), visto que a sua finalidade será a de fomentar trocas entre atores antagônicos.

4. Considerações finais

A contextualização, a partir do universo de informações apresentadas, demonstram que o processo de reparação, que ficou estabelecido como resultado das negociações, ao qual estão submetidas as comunidades afetadas pelos rejeitos de minério, talvez não tenham dado conta das complexidades trazidas pelos danos causados. Isso porque os interlocutores, mesmo antagônicos, não se conectaram no decorrer das decisões judiciais que foram cruciais para todos os envolvidos. Pensar em práticas de Relações Públicas no processo de reparação de danos é enxergá-la como possível promotora do gerenciamento das crises e instrumentalizadora da mediação de conflitos.

Referências

BRITO, Livia Magalhães de. **Politização da participação informada em contextos de mobilização social para busca por direitos: uma reflexão sobre o trabalho legítimo das Relações Públicas.** 2021. 32 f. Monografia

(Especialização em Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

GUAICUY. Plano de trabalho de assessoria técnica às comunidades da área 5 [...]. Belo Horizonte: Instituto Guaicuy, 2020b.

HALTZHAUSEN, D. *Capítulo Las Relaciones Públicas y el giro pos-moderno en la teoría de las organizaciones.* IN: HALTZHAUSEN, D. **Relaciones Públicas como activismo.** Barcelona, 2016.

MPMG - Ministério Público de Minas Gerais. **Acordo Judicial Para Reparação Integral Relativa Ao Rompimento Das Barragens B-I, B-IV E B-IVA / Córrego Do Feijão.** Disponível em: <<https://www.mg.gov.br/sites/default/files/paginas/Minuta%20versao%20final.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

MPMG - Ministério Público de Minas Gerais **Força-Tarefa Brumadinho.** Disponível em: <https://www.mpmg.mp.br/data/files/21/F4/E1/51/2D44A7109CEB34A7760849A8/Brumadinho%20-%20ACP%20Principal%20-%20rea%20osocioec_nomica%20.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2023.

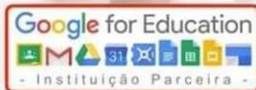


ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO

ATUAR COM ÉTICA E RESPEITO AOS NOSSOS PÚBLICOS

@baianadecomunicacao

www.baianadecomunicacao.com



OPINIÃO PÚBLICA NO CONTEXTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Marcello Raimundo Chamusca Pimentel
Marcia Maria Carvalhal Britto Pimentel

1. Introdução

A popularização da Inteligência Artificial (IA) e a proliferação de aplicativos baseados nesta tecnologia têm trazido transformações em diversos aspectos da sociedade contemporânea (SANTAELLA, 2023), incluindo a forma como a Opinião Pública é formada e influenciada (FARIAS; LEMOS; REBECHI, 2020). A interação entre IA e Opinião Pública é um tema de significativa relevância para pesquisadores das áreas de comunicação, sociologia, ciência política, dentre outras relacionadas aos aspectos humanos. Nesta pesquisa, buscamos explorar e analisar como a Inteligência Artificial tem interferido na formação da Opinião Pública, bem como suas implicações sociais, políticas e éticas acontecem nesse contexto.

2. Materiais e métodos

A presente pesquisa se baseia em uma abordagem qualitativa, com a realização de uma revisão sistemática da literatura sobre o tema central e subtemas que orbitam em torno do tema principal, especificamente o advento da Inteligência Artificial e suas interferências na formação da Opinião Pública. Foram consultadas bases de dados

acadêmicas, como IEEE Xplore, JSTOR e Scopus, utilizando uma combinação de palavras-chave/frases-chave, como "Inteligência Artificial", "Opinião Pública", "Inteligência Artificial e Opinião Pública", "comunicação" e "influência", dentre outras. Também foram incluídos na revisão livros publicados por autores da área sobre essas temáticas (ROSS; JONES; KALAGIANNIS, 2018; MARTINO, 2018; FARIAS, 2019; FARIAS; LEMOS; REBECHI, 2020; SANTAELLA, 2023).

3. Resultados e discussão

Os principais conceitos trabalhados para a construção dos argumentos fundamentais da pesquisa são:

3.1 Opinião Pública

A Opinião Pública pode ser compreendida como a expressão das crenças, valores e atitudes compartilhadas por um determinado grupo de indivíduos em relação a um assunto específico. A formação da Opinião Pública ocorre por meio de processos complexos, envolvendo a interação entre diferentes atores sociais, como a mídia, os grupos de interesse, os líderes de opinião e os próprios cidadãos (PERUZZO, 2017).

3.2 Inteligência Artificial e Opinião Pública

A Inteligência Artificial tem desempenhado um papel cada vez mais importante na moldagem da Opinião Pública.

Algoritmos de IA são capazes de analisar grandes volumes de dados e identificar padrões e tendências nas opiniões expressas pelos usuários nas redes sociais, fóruns *on-line* e outras plataformas digitais. Esses algoritmos podem influenciar a percepção pública sobre determinados assuntos, filtrando informações, amplificando certas vozes e reforçando bolhas de opinião (FARIAS, 2019; FARIAS; LEMOS; REBECHI, 2020; SANTAELLA, 2023).

3.3 Implicações Sociais, Políticas e Éticas

A crescente influência da Inteligência Artificial na Opinião Pública traz consigo uma série de implicações sociais, políticas e éticas. A personalização algorítmica pode limitar a diversidade de pontos de vista aos quais as pessoas são expostas, contribuindo para a polarização e o enfraquecimento do debate público saudável. Por outro lado, algoritmos de IA podem ser utilizados de forma manipulativa, disseminando desinformação e influenciando eleições e decisões políticas, moldando a Opinião Pública de acordo com interesses de grupos específicos (ROSS; JONES; KALAGIANNIS, 2018; MARTINO, 2018).

A revisão sistemática da literatura, em andamento, vem revelando alguns estudos que abordam a Inteligência Artificial, bem como a Opinião Pública, mesmo que de modo separado - sem muitas vezes buscar entender a interação desses dois temas -, outras buscando essa interação, mas não de forma explícita. Diversas pesquisas, entretanto, que visam investigar o fenômeno da Opinião Pública, evidenciam a influência dos algoritmos de IA na

sua formação e no seu direcionamento, bem como suas implicações sociais, políticas e éticas. Além disso, também foram identificadas lacunas na literatura, indicando a necessidade de mais pesquisas empíricas e estudos mais profundos, para compreender melhor os mecanismos pelos quais a IA pode moldar a Opinião Pública e desenvolver possíveis abordagens regulatórias.

4. Considerações finais

A influência da Inteligência Artificial na Opinião Pública é um tema complexo e em constante evolução. Difícil de se estudar no presente momento, dada a velocidade das transformações neste âmbito na atualidade. Os resultados iniciais desta pesquisa demonstram que os avanços tecnológicos têm proporcionado transformações significativas no modo que a formação da Opinião Pública se dá, trazendo desafios e oportunidades para a sociedade. É essencial que governos, empresas e sociedade civil estejam atentos às implicações sociais, políticas e éticas destas interações entre IA e Opinião Pública, a fim de garantir um ambiente informado, plural e democrático, para que o avanço tecnológico não sirva para nos destruir, mas para nos tornar uma sociedade mais solidária, mais justa e mais fraterna.

Referências

ROSS, P.; JONES, M.; KALAGIANNIS, D. *Artificial Intelligence: A Guide to Intelligent Systems*. 4th ed. Harlow: Pearson Education Limited, 2018.

MARTINO, L. C. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes e Redes.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2018.

PERUZZO, C. M. K. **Dicionário de Comunicação.** São Paulo: Editora Contexto, 2017.

FARIAS, Luiz-Alberto de. **Opiniões Voláteis: Opinião pública e construção de sentido.** São Paulo: Editora Metodista, 2019.

FARIAS, Luiz Alberto de; LEMOS, Else; REBECHI, Cláudia Nociolini (ORGs.). **Opinião pública, comunicação e organizações: convergências e perspectivas contemporâneas** [recurso eletrônico]. São Paulo, SP: Abrapcorp, 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Digitaliza Conteúdo, 2023.



C

**CORPO
DOCENTE
ALTAMENTE
QUALIFICADO**

+ de 80% de doutores
e mestres



ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO

**OFERTAR ALTO
PADRÃO
EDUCACIONAL NA
ÁREA DE
COMUNICAÇÃO**

@baianadecomunicacao

www.balanadecomunicacao.com



TECNOLOGIAS DIGITAIS APLICADAS A CRIANÇAS PORTADORAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Núbia de Oliveira Santos

A primeira descrição médico-pedagógica dos sintomas do TEA é datada do ano de 1800. Na ocasião, o pesquisador e médico Jean Itard encontrou um garoto nu, vagando pelas ruas, apresentando dificuldades orgânicas, associadas a uma privação do contato social. Na sequência da descrição de Itard, outros estudos provieram de Leo Kanner, ano de 1943, os quais configuram, de modo exitoso, a ideia de que as relações sociais e afetivas são defasadas no portador de TEA. É como se o contato físico, os movimentos, os ruídos não existissem ali e, sim, uma solidão extrema. Também há o *déficit* na comunicabilidade, ou seja, existe o mutismo, a ecolalia e o uso de palavras estranhas, seguidas da obsessiva igualdade na rotina, em que mudanças de ambiente são consideradas com muito dissabor, além da memória que guarda material sem sentido e da hipersensibilidade a estímulos, reagindo intensivamente a pequenos ruídos. Esses aspectos são amplamente discutidos como *déficit* na cognição social, uma vez que esta é a inserção de várias áreas: perceptiva, cognitiva, social e emocional (TANGUAI, 2000).

Para Ruther (1979, p.15), autismo é “[...] uma síndrome comportamental orgânica com *déficits*: cognitivos, sociais, comprometimento na linguagem e comprometimento social”, o que, conforme Facion, Marinho e Rabelo (2002, p.

51)), traduz-se em “[...] uma síndrome que compromete o desenvolvimento infantil a qual afeta a habilidade de interagir da criança, sua comunicação, levando-a a interessar-se por atividades estereotipadas”, Para tanto, Tanguai (2000, p.29), afirma que uma criança autista já nasce com tendências comportamentais natas, tendem a demonstrar dificuldades na expressão facial, apresenta dificuldades em discriminar o rosto da mãe do de outras pessoas, não interage com a mesma, não reconhece o significado emocional e contextual das expressões faciais, gestos e emoções. Essa visão permite objetar o fato da existência do estresse familiar.

É válido salientar a contribuição salutar que a escola proporciona, ao abrir-se para o acolhimento e inclusão de estudantes portadores de TEA, uma vez que desenvolve a educação dos sentidos, o aprendizado das sensações e as transformações dessas em operações como: julgar, comparar, raciocinar. Ao receber alunos autistas, a escola executa sua função executiva na conduta de pensamento para a utilização de estratégias certas e suas atividades com objetivo final determinado. Conforme Fuster (2015), a função executiva que a escola deve desenvolver no autista está relacionada ao ato de antecipar, controlar impulsos e flexibilizar pensamentos e ações.

A aplicação de práticas educacionais inclusivas nas escolas tem se mostrado muito mais eficiente quando se valem de recursos das tecnologias digitais. Essas tecnologias desempenham um importante papel no desenvolvimento e na inclusão dos alunos portadores de TEA, uma vez que estimulam frequências cognitivas e afetivas, propiciando

um contato com ritos socializadores. Jogos interativos e *apps* constituem um ambiente seguro para a prática de habilidades sociais. São ferramentas que, via de regra, trazem propostas que simulam situações sociais reais, permitindo que as crianças autistas desenvolvam habilidades sociais fundamentais, como entabular uma conversa, manter contato visual ou ser capaz de interpretar corretamente expressões faciais e entonações de fala (BERNARDO, 2019).

As ferramentas de realidade virtual e as redes sociais têm sido, igualmente, utilizadas como recursos de socialização de crianças autistas. Os ambientes virtuais simulam situações de contato social, em um ambiente seguro e controlado. Essas tecnologias são, especialmente, favoráveis para a construção de relacionamentos, para crianças autistas, cujas habilidades sociais sejam precárias. Ademais, as tecnologias digitais podem ser de inestimável auxílio, também, para crianças autistas com dificuldades na fala, posto que oferecem símbolos visuais que representam palavras ou frases, facilitando a comunicação de autistas não-verbais, à medida em que escolhem os ícones que traduzem as suas necessidades. Esses *apps* são categorizados como de comunicação aumentativa e alternativa (CAA) (BERNARDO, 2019).

Porém, apesar de constituírem excelentes ferramentas de socialização, as tecnologias digitais não podem substituir o contato direto com outras pessoas. Pais, familiares e educadores devem continuar a se valer de técnicas convencionais de socialização, desenvolvidas para crianças portadoras de TEA, sob pena de não obterem avanços

significativos na sua socialização, caso deixem a critério das tecnologias as responsabilidades que são inerentes às suas funções educativas.

Referências

BERNARDO, L. T. **Mídias digitais como recurso de acessibilidade para estudantes com autismo nas aulas de Educação Física.** 2019. 152 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

FACION, J. R; MARINHO, V.; RABELO, L. **Transtorno autista, transtornos invasivos do desenvolvimento associados a graves problemas do comportamento: reflexões sobre um modelo integrativo.** Brasília: CORDE, 2002.

FUSTER, J. M. *The prefrontal cortex-an update time is of the essence*, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.com-pdf>. Acesso em Dez.2016.

RUTHER, M. *Diagnosis and definition of autism: a reappraisal of concepts and treatment.* New York: Plenum press. 1979. Disponível em:[http://www.scielo .br-pdf](http://www.scielo.br-pdf).Acesso em Dez.2016.

TANGUAI, P. E. *Pervasive developmental disorder: a ten year review. Journal of academy of child and adolescent psychiatry*, 34. 2000, p. 945. Disponível em:<http://www.scielo.br-pdf>. Acesso em Out.2016.

APLICAÇÕES DA TEORIA DOS GRAFOS: A REDE SOCIAL *LINKEDIN*

Alfons Heinrich Altmicks

Postulada pela primeira vez pelo Matemático Leonhard Euler, em 1735, quando formulou o seu célebre problema das pontes de Königsberg, provando que seria impossível atravessar todas as pontes da cidade sem repetí-las, ao menos uma vez, a Teoria dos Grafos constitui um subcampo da Matemática que se ocupa das relações entre objetos, por meio de representações gráficas complexas e de cálculos em matrizes de adjacência. Na atualidade, a Teoria dos Grafos tem sido amplamente utilizada em uma miríade de campos epistêmicos, tão díspares quanto a Sociologia Analítica, as Ciências da Computação, a Psicologia Social e a Comunicação Digital. Pode-se conceituar grafos como conjuntos compostos de pontos (atores / vértices / nós) e linhas (relações / ligações / arestas).

Dentre as aplicações possíveis e pertinentes da Teoria dos Grafos, consta a análise da rede social *LinkedIn*. A rede *LinkedIn* constitui uma plataforma de relacionamento profissional, com mais de 700 milhões de usuários e atuando em mais de 200 países, na qual figuram empresas, instituições de ensino e profissionais das mais diversas áreas. A proposta do *LinkedIn* é integrar profissionais, numa perspectiva interdisciplinar, oportunizando *networking*, contratações, formações específicas e desenvolvimento de carreira. Diante da imensidão de usuários da rede e da complexidade das conexões que promovem entre si, é quase

impossível entender a estrutura do *LinkedIn* e os padrões de interação entre os seus usuários, sem o auxílio de instrumentos de análise com base na Estatística ou na Matemática aplicada. Nesse sentido, o uso de grafos no entendimento do *LinkedIn* fornece *insights* valiosos, sobre a relação entre os seus inscritos, desde a identificação de comunidades profissionais até a recomendação de conexões relevantes.

As principais contribuições trazidas pela Teoria dos Grafos para o estudo da rede social *LinkedIn* podem ser tipificadas, segundo as categorias abaixo:

- a) **Análise de centralidade e de potência de influência dos usuários da rede.** Entende-se, por centralidade, a relevância de determinado ator / vértice / nó, em relação aos demais atores / vértices / nós, componentes da rede. Os atores / vértices / nós mais centralizados costumam ser, também, os mais impactantes da rede. A análise da centralidade e da potência dos atores / vértices / nós da rede social *LinkedIn* pode ajudar na identificação dos usuários que têm maior influência ou que são naturalmente formadores de opinião. Essas informações podem ser estratégicas para empresas que buscam parceiros na divulgação dos seus produtos e serviços, posto que, uma vez identificados os usuários com maior número de conexões, estes podem vir a ser pontes para o alcance de públicos maiores ou mais específicos.
- b) **Definição de padrões de engajamento de públicos estratégicos.** Os grafos podem mapear as interações entre os usuários, identificando os padrões de

engajamento dos públicos considerados estratégicos. Dessa forma, as empresas podem direcionar as suas campanhas, com maior eficiência, a partir da adaptação de conteúdos, linguagens e gêneros de mensagens.

- c) **Identificação de *clusters* e comunidades, objetivando a cooptação de profissionais ou a implementação de estratégias de *marketing* para esse público.** *Clusters* são conjuntos de usuários que possuem um nível significativo de conexões entre si, ao passo em que comunidades constituem grupos de usuários, aglutinados em torno de interesses, experiências ou habilidades em comum. A confecção de grafos pode auxiliar na segmentação da rede *LinkedIn*, no sentido do direcionamento de estratégias de *marketing* propostas aos profissionais de cada área, bem como a sua cooptação. Na medida em que os grafos permitem a identificação de agrupamentos de públicos, afeitos a temáticas específicas, é capaz de segmentá-los, de acordo com os seus interesses ou com as suas habilidades.
- d) **Recomendação de conexões e conteúdo.** Com base nas conexões existentes entre os usuários, os grafos podem ser aplicados na sugestão de novas conexões relevantes, levando em consideração categorias de interesses compartilhados, experiências profissionais semelhantes ou conexões em comum.
- e) **Personalização dos conteúdos emitidos.** Por fim, os grafos permitem o entendimento qualitativo das conexões entre os usuários, facilitando a personalização dos conteúdos exibidos no *feed* do *LinkedIn*. Ao compreender as preferências dos usuários, é possível

sugerir oportunidades relevantes, ampliando a eficácia da rede.

Conclui-se que a Teoria dos Grafos constitui um ferramental imprescindível para a compreensão das interações entre os atores / vértices / nós da rede social *Linkedin*. Com os grafos, é possível desvelar padrões e *insights*, que dificilmente seriam identificados de outra forma. Os grafos permitem a análise da centralidade e da potência de influência dos usuários da rede, a definição dos padrões de engajamento de públicos estratégicos, a identificação de *clusters* e comunidades e a recomendação de conexões, bem como a personalização dos conteúdos emitidos. Por tudo isso, recomenda-se a Teoria dos Grafos como recurso indispensável para aperfeiçoar a experiência de uso da rede social *Linkedin*.

Consultas

BOLLOBÁS, Béla. *Modern Graph Theory*. 2ª ed., New York: Springer, 2002.

DIESTEL, Reinhard. *Graph Theory*. 5ª ed., New York: Springer, 2017.

CHARTRAND, Gary; LESNIAK, Linda; ZHANG, Ping. *Graphs & Digraphs*. 6ª ed., London: Chapman and Hall/CRC, 2015.

WEST, Douglas B. *Introduction to Graph Theory*. 2ª ed., Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, 2001.

EVOLUCIÓN DE LA COMUNICACIÓN DIGITAL EN BOLIVIA

Lidia Juanita Quispe
Adonai Quispe
José-María Valpaso

1. Introducción

La Comunicación Digital ha experimentado un crecimiento acelerado en los últimos años, revolucionando la forma en que nos comunicamos, interactuamos y obtenemos información. La Bolivia, un país situado en el corazón de América del Sur, no ha sido ajeno a esta transformación digital. En este resumen, exploraremos la situación de la Comunicación Digital en Bolivia, examinando su evolución, desafíos y oportunidades en el contexto boliviano.

2. Evolución de la Comunicación Digital en Bolivia

En las últimas décadas, Bolivia ha experimentado un aumento significativo en el acceso a Internet y el uso de dispositivos digitales. La expansión de la infraestructura de telecomunicaciones y la disminución de los costos han contribuido a una mayor conectividad en todo el país. Esto ha permitido que más bolivianos accedan a plataformas digitales y participen en la comunicación en línea.

En sus inicios, el acceso a Internet era limitado y restringido a ciertos sectores de la sociedad. Sin embargo, con el paso del tiempo, se han implementado políticas y programas para

ampliar la infraestructura de telecomunicaciones y reducir la brecha digital.

El avance más significativo se ha dado en la expansión de la conectividad a Internet en áreas rurales y remotas del país. Anteriormente, muchas comunidades no tenían acceso a servicios de Internet, lo que limitaba su participación en la comunicación digital. Gracias a la implementación de proyectos de conectividad, como la instalación de fibra óptica y el despliegue de redes móviles, se ha logrado llevar el acceso a Internet a lugares antes inalcanzables.

Otro aspecto importante de la evolución de la Comunicación Digital en Bolivia es el aumento en el uso de dispositivos móviles. Los smartphones se han convertido en una herramienta fundamental para acceder a Internet y comunicarse en línea. Esto ha permitido que un mayor número de personas tenga acceso a servicios digitales, como redes sociales, aplicaciones de mensajería instantánea y servicios bancarios en línea.

Además, la adopción de las redes sociales ha sido un factor clave en la evolución de la Comunicación Digital en Bolivia. Plataformas como Facebook, WhatsApp, Instagram y Twitter han ganado popularidad y se han convertido en canales importantes para la interacción social, la difusión de información y la participación ciudadana. Las redes sociales han jugado un papel fundamental en la movilización social y política, permitiendo a los ciudadanos expresar sus opiniones y conectarse con otros de manera más directa.

3. Desafíos de la Comunicación Digital en Bolivia

A pesar del progreso notable en la Comunicación Digital en Bolivia, aún persisten desafíos importantes en forma de brecha digital. Esta brecha se manifiesta en disparidades significativas en el acceso a Internet entre áreas urbanas y rurales, así como entre diferentes grupos socioeconómicos. Mientras que en las ciudades es más común encontrar una conectividad estable y rápida, en las zonas rurales la disponibilidad y calidad de acceso a Internet pueden ser limitadas. Esta desigualdad en el acceso digital crea una brecha en términos de oportunidades educativas, económicas y de participación ciudadana.

Además, la falta de habilidades digitales también representa un desafío para la comunicación digital en Bolivia. A pesar de los avances en infraestructura, muchas personas enfrentan dificultades para utilizar las herramientas y plataformas digitales de manera efectiva. La falta de conocimientos y habilidades digitales puede limitar su capacidad para acceder a información, comunicarse en línea y aprovechar las oportunidades que ofrece el entorno digital. Es fundamental promover la alfabetización digital y brindar programas de capacitación que ayuden a cerrar esta brecha en habilidades.

Asimismo, la barrera del idioma puede ser un factor limitante para la participación plena en la comunicación digital en Bolivia. Aunque el español es el idioma oficial, existen diversas lenguas indígenas en el país que son habladas por comunidades específicas. La falta de contenido digital en lenguas indígenas puede dificultar la inclusión y la

participación de estas comunidades en el entorno digital. Es importante promover la preservación y promoción de las lenguas indígenas en el ámbito digital, fomentando la creación de contenido y el acceso a servicios en estos idiomas.

4. Oportunidades y beneficios

La Comunicación Digital ha brindado oportunidades significativas para el desarrollo económico, la participación ciudadana y la difusión de información en Bolivia. En primer lugar, las redes sociales han cambiado la forma en que las personas se comunican y comparten información. Plataformas como Facebook, Twitter e Instagram han permitido a las empresas y emprendedores promocionar sus productos y servicios de manera más eficiente y alcanzar a un público más amplio. Además, las redes sociales han democratizado la difusión de noticias, permitiendo a los ciudadanos compartir información de manera instantánea y participar en debates públicos.

Además de las redes sociales, los sitios web y las plataformas de mensajería instantánea también han desempeñado un papel crucial en la comunicación digital en Bolivia. Los sitios web permiten a las empresas establecer su presencia en línea y llegar a clientes potenciales en todo el país. Las plataformas de mensajería instantánea, como WhatsApp y Telegram, facilitan la comunicación directa y rápida entre individuos y grupos, lo que ha mejorado la colaboración y la coordinación en diversas áreas, como el trabajo en equipo y la organización de eventos.

La Comunicación Digital también ha impulsado la participación ciudadana en Bolivia. A través de las redes sociales y otros canales en línea, los ciudadanos pueden expresar sus opiniones, compartir experiencias y participar en debates sobre temas de interés público. Esto ha permitido una mayor inclusión y diversidad de voces en el discurso público, fomentando una sociedad más democrática y participativa.

Además, la Comunicación Digital ha sido una herramienta invaluable para la difusión de información en Bolivia. Las personas pueden acceder a noticias en línea de manera inmediata y tener acceso a una variedad de fuentes informativas. Esto ha aumentado la rapidez y la amplitud con la que se puede acceder a información relevante, lo que a su vez ha fortalecido la transparencia y la rendición de cuentas en la esfera pública.

5. Impacto de la Comunicación Digital en la sociedad boliviana

La Comunicación Digital ha tenido un impacto profundo en la sociedad boliviana, revolucionando la forma en que las personas se relacionan, obtienen información y se organizan. Las redes sociales, en particular, han desempeñado un papel fundamental en la transformación del panorama social y político del país. Estas plataformas han brindado a los ciudadanos una voz más directa y accesible, permitiéndoles expresar sus opiniones, compartir información y participar activamente en el debate público.

A través de las redes sociales, los bolivianos pueden conectarse con personas de todo el país e incluso a nivel internacional. Esto ha generado una mayor diversidad de ideas y perspectivas, promoviendo un intercambio de información en tiempo real. Las redes sociales se han convertido en espacios virtuales donde los ciudadanos pueden compartir noticias, denunciar injusticias y organizar movilizaciones sociales.

En la esfera política, las redes sociales han sido una herramienta poderosa para la movilización y la participación ciudadana. Los ciudadanos pueden expresar su apoyo o crítica a través de publicaciones, comentarios y acciones en línea. Además, las redes sociales han desempeñado un papel clave en la difusión de información durante momentos clave de la historia boliviana, como elecciones y protestas sociales.

La comunicación digital también ha permitido una mayor transparencia y rendición de cuentas en la esfera pública. Los ciudadanos pueden monitorear y cuestionar las acciones de los líderes políticos y las instituciones, así como exigir respuestas y cambios. La comunicación directa y la retroalimentación instantánea proporcionadas por las redes sociales han impulsado la apertura y la participación ciudadana en la toma de decisiones.

Sin embargo, es importante tener en cuenta que la comunicación digital también ha planteado desafíos en términos de desinformación y polarización. La rapidez y la facilidad con la que se puede compartir información en línea han llevado a la propagación de noticias falsas y discursos de odio. Esto requiere una mayor responsabilidad por parte de

los usuarios y una educación continua en alfabetización mediática y digital.

6. Desafíos futuros y perspectivas

A medida que la Comunicación Digital continúa evolucionando en Bolivia, surgen nuevos desafíos y oportunidades que deben abordarse de manera efectiva. Uno de los principales desafíos es la brecha digital, que se refiere a las disparidades en el acceso a Internet y la tecnología entre diferentes grupos de la sociedad. Es fundamental implementar políticas y programas que promuevan la igualdad de acceso a la conectividad y la infraestructura tecnológica en todas las áreas del país, incluyendo tanto zonas urbanas como rurales.

Además, la alfabetización digital es esencial para aprovechar al máximo las oportunidades que ofrece la Comunicación Digital. Es necesario brindar capacitación y educación en habilidades digitales a todas las personas, desde una edad temprana hasta la adultez. Esto incluye el aprendizaje de herramientas básicas de tecnología, la comprensión de los riesgos y beneficios de Internet, así como el desarrollo de habilidades críticas para evaluar y utilizar la información en línea de manera responsable.

La seguridad y la privacidad en línea también son temas de gran importancia. A medida que aumenta la dependencia de la comunicación digital, es necesario proteger la información personal y garantizar la privacidad de los usuarios. Es importante promover buenas prácticas de seguridad

cibernética, como el uso de contraseñas fuertes, la protección de datos personales y la conciencia sobre posibles riesgos en línea, como el phishing y el robo de identidad.

Asimismo, se deben fomentar un uso responsable y ético de la tecnología digital. Esto implica promover la ciudadanía digital, que comprende el respeto por los derechos de los demás en línea, el combate al acoso y el discurso de odio, y la promoción de comportamientos éticos en el uso de la tecnología. Es fundamental educar a los ciudadanos sobre los beneficios y los riesgos de la comunicación digital, y promover una cultura de respeto y responsabilidad en línea.

7. Conclusion

En conclusión, la evolución de la Comunicación Digital en Bolivia ha sido notable, pero aún existen desafíos por superar. A través de la expansión del acceso a Internet, el aumento del uso de dispositivos móviles y la adopción de las redes sociales, se ha logrado una mayor conectividad y participación en línea. Sin embargo, la brecha digital, la falta de habilidades digitales y la barrera del idioma siguen siendo obstáculos para una participación plena en la comunicación digital. Es crucial abordar estos desafíos mediante políticas y programas que promuevan el acceso equitativo, la alfabetización digital y la diversidad lingüística. Solo así se logrará una comunicación digital inclusiva y se podrán aprovechar plenamente los beneficios que ofrece la tecnología digital. En un mundo cada vez más digitalizado, es fundamental que todos los bolivianos puedan participar y contribuir a la sociedad digital del siglo XXI.

VIOLÊNCIA ESCOLAR, REDES SOCIAIS VIRTUAIS E O ACESSO À EDUCAÇÃO

Evanice de Almeida Pereira
Simônica Barros Muniz Alexandre
Solange Barros Muniz Mota

A formação do Estado Brasileiro demandou mão de obra especializada e qualificada, o que justificou o processo de imigração promovido pelo governo brasileiro, no final do século XIX e início do século XX. Esse processo se tornou importante para o desenvolvimento da nação brasileira, bem como demonstrou-se importante para os imigrantes que aqui chegaram, tornando-se numa oportunidade de recomeço de uma nova vida.

Contudo, esse processo de imigração, de alguma forma interligado ao processo de extinção do trabalho escravo, como forma de promoção do trabalho livre, não foi tão benéfico para estes o quanto foi para aqueles. Para os imigrantes, se tornou uma oportunidade de recomeço; para os negros, se tornou um tormento no recomeço.

Tais processo, imigração e fim da escravidão, em solo brasileiro, permitiu a construção dos grandes centros urbanos, bem como a permanência nos setores mais rurais do País, sem muito desenvolvimento. Dessa forma, o processo educacional no Brasil se desenvolverá de forma lenta, gradual e seletiva.

Somente com o desenvolvimento dos estados e o processo migratório interno do País, com as pessoas buscando

oportunidades nos grandes centros, aliado às políticas públicas de incentivo e promoção à alfabetização e à colocação das crianças em espaços de aprendizagem, por força de lei, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961, depois 1971, até a atual, de 1996, é que as diferenças sociais, tão gritantes, serão menos acentuadas.

Fenômenos ligados à Educação, presentes em nossos dias, sendo perceptíveis pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, impulsionados pela internet, principalmente através das redes sociais, tais como o acelerado processo de escolarização e divulgação das informações, bem como o ampliado arcabouço de recursos tecnológicos de aprendizagem, têm produzido uma educação voltada à perseguição da qualidade do ensino e da dinamização da aprendizagem.

Entretanto, nem tudo são flores. Aliados a essa inclusão escolar, há, contudo, fenômenos ligados ao ambiente de aprendizagem que precisam ser entendidos e erradicados, tais como as violências no ambiente escolar, conhecidos como *Bullying* Escolar, que resultam em processo de ataques e violências extremadas, resultando até mesmo em mortes.

É mesmo possível que tais violências no ambiente escolar, bem como o franco desenvolvimento do processo de aprendizagem estejam intimamente ligados ao processo de inclusão escolar, bem como à troca de saberes próprias do processo de globalização. Entretanto, entender as raízes, o processo e mensurar o resultado de tais fenômenos podem

ser vitais para a promoção de uma educação saudável, promissora, mais direcionada e menos violenta.

Deve-se ressaltar ainda que a educação nos grandes centros, principalmente das Regiões Sul e Sudeste do País, apresenta melhores índices de aprendizagem, de alguma forma ligada ao maior desenvolvimento industrial e tecnológico dessas regiões. No entanto, deve-se ressaltar que nessas regiões, a violência escolar é mais incisiva, acontecendo de forma mais violenta e devastadora. Restou demonstrado que alguns ataques de grupos aos ambientes escolares, dos quais alguns resultou em mortes, tem alguma relação direta com o *Bullying* Escolar.

Ao mesmo tempo que é notável a contribuição das mídias digitais, notadamente as redes sociais, frutos do desenvolvimento tecnológico do país, para o aprimoramento educacional, notável também é o processo violento das relações interpessoais entre os diversos e os pares no ambiente escolar. Por isso, entender tais fenômenos (desenvolvimento tecnológico e violência no ambiente escolar), novamente, torna-se crucial no intuito de se promover a pacificação no ambiente escolar e dinamização do processo de aprendizagem, de forma mais social, igualitária e democrática.

Referências

FANTE, Cléo. Fenômeno *Bullying*: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2.ed. Campinas: Versus, 2005.

FANTE, Cléo; Pedra, João A. **Bullying** escolar: Perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GARCIA, Joe; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. **Indisciplina, conflitos e bullying na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2000.



**APRENDA A SE
COMUNICAR
COM EFICIÊNCIA.**

Matricule-se na Escola
Baiana de Comunicação
agora mesmo.

 **ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO**

A PALEONTOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO SERTÃO DE ALAGOAS

Hyalle Kellsa Rocha Souza
Thalysiane Alves de Souza
Vagno Rocha Souza

1. Introdução

A Paleontologia se trata de uma ciência que nos permite entender melhor as evidências da vida na terra no passado, ajudando-nos a compreender a História e a evolução das espécies dos seres vivos. Apesar disso, dada a sua relevância, a Paleontologia é um assunto científico esquecido nas escolas e, através desse tipo de escassez no ensino geral, é imprescindível trabalhar com os alunos a importância de aprender a ciência da Paleontologia. É uma pena que temas como a Paleontologia não sejam abordados adequadamente, ou, em alguns casos, mesmo sejam desconsiderados nas escolas (ALMEIDA et.al, 2013).

Sabendo da importância da paleontologia nas escolas em nosso país e em especial em nosso município, onde pouco espaço no ensino nas escolas, este trabalho tem por objetivo desenvolver atividades práticas dentro do contexto da Paleontologia, voltadas para o Ensino Básico. Salientamos o nosso desejo de que os conteúdos paleontológicos, não são discutidos em sala de aula, possam ser retomados na dimensão letiva, posto que possuem um cabedal muito importante para que as pessoas possam entender de onde viemos e como chegamos até aqui.

2. Materiais e métodos

O referente trabalho tem sua fonte de pesquisa fundamentada pelo estudo bibliográfico. Em especial, baseamo-nos em Jorge Luiz Lopes, a partir do seu livro “Reconstrução paleoambiental”, fundamentado no estudo de mamíferos pleistocênicos de Maravilha e Poço das Trincheiras, Alagoas, Nordeste do Brasil.

3. Resultados e discussão

No município de Maravilha, sertão de Alagoas, há um museu de Paleontologia. O museu foi criado pela prefeitura do município, com orientação do professor História Natural da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Dr. Jorge Luiz Lopes, no dia 20 de maio de 2007. Atualmente o Museu Paleontológico é referência para pesquisadores do País e do mundo. Recentemente, foi inserido no Mapa do Turismo Brasileiro e posteriormente no roteiro de algumas agências receptivas, apesar de não contar com estrutura de hospedagem, devido, sobretudo, ao seu passado.

Esse pacato e pequeno município não era visto pela parte cultural e muito menos pelo turismo, porém depois das descobertas, passou a ser notícias nas páginas dos jornais, sendo conhecido pelos achados pré-históricos em seu território, exibidos atualmente em várias partes da cidade, em réplicas de tamanho original.

A descoberta foi por acaso, onde o primeiro achado foi um pedaço de osso de uma preguiça gigante, encontrado por

um agricultor quando arava a terra no sítio “Ovo da Ema”. Foi assim que se chegou ao conhecimento de um sítio paleontológico, com vasto material fóssil de animais pré-históricos, nas imediações da cidade. Porém, só a partir do ano de 1997 que o paleontólogo Jorge Luiz Lopes iniciou os estudos e se dedicou a encontrar os fragmentos de ossos de animais gigantes, que viveram há mais de 30 mil anos. Foram encontrados fragmentos grandes e pequenos, de preguiça-gigante, com quase seis metros de altura, de partes de esqueletos de tigre-dente-de-sabre, do toxodonte e do mastodonte, assim como partes de carapaças de um tatu gigante. Os acervos desses materiais se encontram partes no Museu de Paleontologia do Sertão e outra Parte no Museu da universidade Federal de Alagoas (UFAL).

O município investiu na colocação de réplicas dos animais em tamanho natural nas praças públicas da cidade como a preguiça gigante, que assusta as crianças e chama a atenção pelo seu tamanho, que chega a cerca de 8 metros de altura, exibindo suas garras afiadas. Além de outras réplicas que também chamam a atenção dos visitantes, é o tigre dente de sabre e o Tatu gigante que se destacam no centro da cidade. Dessa forma, aproveitando essas riquezas do município, esse trabalho traz uma sugestão de atividade prática dentro das circunstâncias da Paleontologia, voltadas para o Ensino Básico, onde propomos a execução de uma oficina em que os alunos terão a oportunidade de produzir peças de gesso simulando os fósseis, enterrá-las e encontrá-las, a fim de que sejam discutidas questões sobre o processo de fossilização, descoberta e identificação de fósseis, e estratificação do solo. Sendo possível que o aluno vivencie

os métodos e estudos paleontológicos e tragam para sua realidade uma disciplina que pode estar distante da sua compreensão temporal.

Nesse sentido, manifestar conceitos importantes da paleontologia e esclarecer técnicas de forma prática, para que o aluno possa conhecer os métodos e estudos e trazer para sua realidade uma matéria que pode estar longe da sua compreensão temporal, tendo como objetivos, trabalhar a formação e tipos de fósseis, definir períodos geológicos com base na segmentação e compreender o trabalho de um paleontólogo, assim como sua importância.

4. Considerações finais

É importante salientar que, por ser uma área negligenciada nas escolas, é preciso incentivar e instigar nossos alunos desde pequenos. Inclusive, mostrar que a Paleontologia é de extrema importância para a formação de conhecimento, podendo ser mais abordada nas escolas ou que poderia ser mais incentivado a visitação aos museus ou centros de paleontologia de nosso município, a fim de agregar mais conhecimento no processo de aprendizagem do estudante. Por isso, é de suma importância divulgarmos mais trabalhos sobre o tema, a fim de trazer mais conhecimento a população e mostrar a importância da paleontologia como ciência, preparando nossos alunos para o conhecimento, para atender melhor os turistas, já que nosso município está inserido no Mapa do Turismo Brasileiro.

Referências

ALMEIDA, L. F. de; ZUCON, M. H.; SOUZA, J. F. de; REIS, V. S.; VIEIRA, F. S. **Ensino de paleontologia**: uma abordagem não-formal no Laboratório de Paleontologia da Universidade Federal de Sergipe. *Terrae Didactica*, Campinas, SP, v. 10, n. 1, p. 14–21, 2015. DOI: 10.20396/td.v10i1.8637384. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8637384>. Acesso em: 30 maio. 2023.

BRASIL: A TERRA DOS DINOSSAUROS. Direção: John Smith. Produção: Discovery Channel. Rio de Janeiro: Discovery Channel, 2010. 1 DVD (50 min).

CARVALHO, I. S.; FERNANDES, A. C. S.; SCHULTZ, C. L.; ROCHA, P. L. B. da. **Paleontologia do Brasil**: Conceitos e Métodos. Rio de Janeiro: Interciência, 2007.

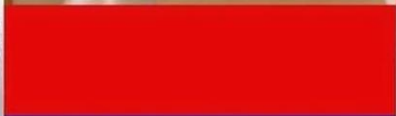
COSTA, A. L. G.; BRAGA, J. J.; AMARAL, N. A. **Paleontólogo por um dia**: descobrindo os fósseis. Disponível em: [https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597692/2/Paleontologo por um dia.pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597692/2/Paleontologo%20por%20um%20dia.pdf) Acesso em: 30 maio. 2023.

SILVA, J. L. L. 2001. **Tafonomia em mamíferos Pleistocênicos: caso da planície colúvio – aluvionar de Maravilha – AL**. Dissertação apresentada ao Departamento de Geologia. Universidade Federal de Pernambuco, 88p.



**DEDICAÇÃO E FOCO
NO SUCESSO E NA
FELICIDADE
DOS(AS)
NOSSOS(AS)
ALUNOS(AS)**

@baianadecomunicacao



www.baianadecomunicacao.com



**ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO**



REFLEXÕES SOBRE A TRÍADE LUDICIDADE, APRENDIZAGEM E FUNÇÕES EXECUTIVAS

Velda Gama Alves Torres

1. Introdução

Nos últimos 20 anos as discussões sobre educação no Brasil têm indicado a necessidade da criação de espaços de aprendizagens mais lúdicos e significativos para os alunos. Compartilhando dessa perspectiva, a proposta deste trabalho é abordar como a ludicidade, isto é, a experiência interna, de consciência, daquele que a vivencia (LUCKESI, 2002), pode contribuir para o estímulo das funções executivas (FE) em espaços de aprendizagem constituídos nas interfaces entre mobilidade, tecnologias e entretenimento, considerando as narrativas filmicas com um desses espaços. As funções executivas envolvem um construto constituído por funções cognitivas como pensamento, decisão, planejamento, controle motor, atenção, flexibilidade mental e controle inibitório (COSENZA; GUERRA, 2011). Estão associadas ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social, e, conseqüentemente, ao modo como ocorrem os processos de aprendizagem.

Mais especificamente este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma prática pedagógica para mediação do aprendizado sobre as perspectivas de dois clássicos da sociologia - Karl Marx e Max Weber, tendo como objeto lúdico de aprendizagem produções

cinematográficas escolhidas pelos alunos. Fomentando assim a autonomia e protagonismo do aluno, aliando o entretenimento ao processo de ensinar e aprender, tornando-o mais prazeroso, lúdico e interativo.

Os filmes são recursos didáticos que contribuem significativamente para o aprendizado a partir da ludicidade, mas exigem do professor um planejamento prévio da maneira como serão explorados com relação ao conteúdo a ser abordado, de modo a estimular o interesse, debates e reflexões críticas dos alunos; e assim possibilitar essa experiência nas quatro dimensões proposta por Luckesi (2002): 1) individual/interior - relacionada a sentimento, mente, compreensão interna, interpretativa e hermenêutica do sujeito; 2) individual/exterior - visível, observável e comportamental; 3) coletiva/interior - na esfera do coletivo comunitário, dimensão subjetiva que a insere no campo dos valores, da cultura e da comunidade na qual o sujeito está inserido; 4) coletiva/exterior - que é objetiva, sistêmica, tecendo uma rede intersubjetiva de relações observáveis.

Utilizar na educação recursos tecnológicos, como os audiovisuais e dispositivos como computadores, celulares e/ou tablets conectados a internet, é também uma forma de se aproximar das vivências dos alunos, pois estes são atributos culturais que perpassam cada vez mais as suas práticas cotidianas. Trata-se de pensar a educação sob uma perspectiva ampla, considerando os espaços de aprendizagem para além da sala de aula. Visto que, conforme salientado por Martín-Barbero (2014, p.121),

[...] a educação já não é concebida a partir de um modelo de comunicação escolar que se encontra ultrapassado tanto espacial quanto temporalmente por processos de formação correspondentes a uma era informacional na qual a idade para aprender são todas e o lugar para estudar pode ser qualquer um. [...] Estamos passando de uma sociedade com sistema educativo para uma sociedade do conhecimento e aprendizagem contínua. (grifos no original).

Pensar a educação sob a perspectiva apresentada até aqui é reconhecer que já não é mais possível pensar as instituições de ensino e o professor como únicos detentores do conhecimento, por ser este um modelo ultrapassado/descharacterizado. Conseqüentemente, essa perspectiva implica em adotar os princípios da educomunicação, isto é, pensar a educação como “um conjunto de ações voltadas a criar e a desenvolver ambiências favorecedoras do diálogo social, mediante um conjunto de ações em vários subcampos: a educação para a comunicação; a mediação tecnológica, a expressão comunicativa, a pedagogia da comunicação e a gestão de processos comunicativos” (SOARES, 2011, p. 12). E, nesse sentido, adotar práticas pedagógicas que envolvam movimentos de reflexão e ação para o uso dos dispositivos midiáticos (ORMANEZE, 2014).

Baccegga (2009, p.23) corrobora com essa proposta ao afirmar que um dos desafios da educação, no que se refere ao uso de dispositivos midiáticos, é “verificar criticamente que a realidade em que estamos imersos, e que contribuimos para produzir, modificar e reproduzir, é

sempre uma realidade mediada e mediatizada.” Desse modo, o professor tem como papel, no processo de formação do aluno, auxiliar no desafio de leitura do mundo, isto é, de ler e interpretar o mundo que é apresentado pelas mídias.

Essa compreensão sobre a educação implica também em reconhecer que não apenas o professor precisa se reinventar e reconhecer o seu papel no processo de formação do aluno, mas que as instituições de ensino também precisam. E, nesse sentido, devem disponibilizar meios e infraestrutura adequada para tornar os processos de ensinar e aprender mais lúdicos e interativos. Assim, buscando adotar práticas didáticas a partir das perspectivas até aqui apresentadas, foi proposto aos alunos uma análise filmica contextualizada teoricamente com base nos pressupostos teóricos dos dois autores supracitados. Nas próximas seções serão apresentados, respectivamente, o detalhamento dessa proposta didática, os resultados alcançados com relação ao aprendizado construído pelos alunos e as considerações finais a partir do que foi percebido durante essa prática didática.

2. Materiais e métodos

A atividade foi aplicada para as duas turmas da disciplina Fundamentos da Sociologia e Antropologia - matutino e noturno. A utilização de um filme como objeto de aprendizagem teve como proposta didática uma análise filmica contextualizada teoricamente, sob a perspectiva de dois autores clássicos da Sociologia - Karl Marx e Max

Weber. Foram formadas quatro equipes, definido um autor para cada duas equipes, que se diferenciariam nessa atividade a partir do filme escolhido para essa análise e do modo como essa perspectiva seria abordada. Cada grupo teve a autonomia de definir o filme que iria analisar com base nos pressupostos teóricos do autor que iriam abordar. Foram compartilhados com os alunos textos e vídeos abordando as perspectivas teóricas desses autores, e orientado que também deveriam fazer pesquisas na internet para ampliarem o entendimento sobre esse conteúdo. Após a leitura dos textos deveriam escolher um filme para essa análise, que possibilitasse identificar em sua narrativa as principais concepções teóricas do autor a ser abordado. Foi orientado que o nome do filme escolhido pela equipe deveria ser informado no grupo do *WhatsApp* da disciplina para evitar que outra equipe analisasse o mesmo filme, sendo definido uma data limite para o compartilhamento dessa informação no grupo.

Foi indicado aos alunos as principais concepções teóricas desses autores que deveriam ser abordadas nas atividades. As equipes que iriam analisar as perspectivas de Max Weber deveriam apresentar as concepções do autor sobre o objeto de estudo da Sociologia, os quatro tipos de ações sociais, os tipos ideais, os tipos de dominação e a noção de desencantamento do mundo, bem como cenas do filme para exemplificar tais conceitos, analisando-as criticamente. Seguindo a mesma proposta, as equipes que iriam analisar Karl Marx deveriam apresentar as concepções do autor sobre o objeto de estudo da Sociologia, o capitalismo, a teoria do conflito, o materialismo histórico,

noções sobre o trabalho, meios de produção, mais valia, alienação e fetiche da mercadoria, e também exemplificar esses conceitos com cenas do filme sob uma perspectiva crítica. As dúvidas durante o processo de desenvolvimento da atividade poderiam ser esclarecidas nas aulas remotas no *Google Meet* ou no *WhatsApp* - no grupo da disciplina ou por meio de uma mensagem privada.

Para a apresentação oral da atividade as equipes deveriam utilizar slides com tópicos referentes às concepções teóricas indicadas e incluir as cenas do filme que iriam analisar. Os slides deveriam ser compartilhados no *Google Classroom* um dia antes da apresentação das equipes. Após cada apresentação foram realizadas intervenções, de modo a mediar esse processo de aprendizagem, ampliando e/ou esclarecendo concepções teóricas dos autores abordados. Também foi perguntado aos alunos sobre a experiência de desenvolver esta atividade.

Os critérios que seriam utilizados na avaliação foram previamente informados para que pudessem planejar o desenvolvimento e apresentação do trabalho também a partir destes. Os quais incluíram pontualidade no dia da apresentação, presença e participação de todos os integrantes da equipe, cumprimento do tempo definido para a apresentação (mínimo de 25 minutos e máximo de 35 minutos por equipe), clareza e organização na apresentação da perspectiva teórica do autor e na análise filmica realizada, domínio do conteúdo apresentado, criatividade - no sentido de estratégias para motivar a participação dos

demais alunos na aula, qualidade visual dos slides e publicação dos slides na data combinada.

3. Resultados e discussão

Os resultados apresentados pelas equipes atenderam as expectativas previstas para a atividade, desde a pertinência do filme escolhido para a análise ao modo como identificaram as perspectivas dos autores nas cenas do filme, demonstrando compreensão da perspectiva do autor, consolidando este aprendizado. Os prazos para informação sobre o nome do filme no grupo do *WhatsApp* e publicação dos slides no *Google Classroom* foram cumpridos. Em sua maioria, os grupos atenderam a todos os critérios utilizados na avaliação.

No processo de avaliação foi possível identificar funções executivas que foram estimuladas com essa atividade - como pensamento/cognição, decisão, planejamento, atenção, flexibilidade mental e controle inibitório, contribuindo para um aprendizado com muito mais prazer, conferido pela autonomia, protagonismo e ludicidade que a atividade possibilitou - isto é, a experiência interna, de consciência em relação ao que envolvia o que foi proposto, contemplando as quatro dimensões possíveis a serem vivenciadas em uma experiência, sob a perspectiva de Luckesi (2002) aqui já mencionada: 1) individual/interior; 2) individual/exterior; 3) coletiva/interior; 4) coletiva/exterior. O foi possível observar a partir do relato dos alunos quando perguntados, ao final da apresentação, sobre a experiência com essa proposta pedagógica.

Em sua maioria, os alunos relataram que inicialmente fizeram a leitura dos textos, assistiram aos vídeos disponibilizados no *Google Classroom*, discutiram sobre o entendimento que tiveram, definiram e assistiram ao filme definido por eles. Em algumas equipes os integrantes assistiram ao filme juntos por meio de aplicativos que permitem interações durante essa experiência. Também foi relatado a realização de pesquisas em outras fontes na internet para ampliar a compreensão sobre a perspectiva do autor. Em seguida, dividiram entre os integrantes os conceitos a serem abordados, para que cada um pudesse desenvolver a sua parte da apresentação. Elaboraram os slides a partir desse trabalho colaborativo, e em algumas equipes a definição das cenas do filme mais pertinentes para a abordagem também foram definidas em grupo. É importante ressaltar que algumas equipes elaboraram slides também de forma colaborativa utilizando o *Google Apresentações*.

Quando perguntados ao final das apresentações sobre a experiência de realizar essa atividade e como contribuiu para o aprendizado, afirmaram que foi uma atividade prazerosa e que torna mais fácil a assimilação do conteúdo. Essa percepção dos alunos está diretamente relacionada com o fato da ludicidade possibilitar a vivência de uma experiência plena, visto que quando envolvido em uma atividade lúdica o indivíduo está totalmente imerso, com atenção plena, não havendo lugar para se pensar em outra coisa além dessa própria atividade, conforme salientado por Luckesi (2002).

Nas palavras do autor, nesse momento o indivíduo está inteiro, pleno, flexível, alegre e saudável; e se não ocorre dessa forma - isto é, se está participando de uma atividade lúdica e dividido/pensando em outra coisa - é porque não está totalmente imerso/participando da atividade, e esta não será plena e nem lúdica. Isso porque a ludicidade busca a experiência plena do indivíduo, reconhecendo como ser de especificidade e subjetividade.

4. Conclusão

As produções cinematográficas fazem parte do cotidiano dos alunos, principalmente, como entretenimento, envolvendo uma recepção, muitas vezes, voltada apenas para a narrativa fílmica - a história contida no roteiro do filme. E, o uso do filme como recurso didático é um convite para o aluno ir além, envolvendo-se em uma experiência de recepção mais crítica e reflexiva apoiada nos aprendizados construídos nas disciplinas. Buscando retirar da narrativa do filme informações/conteúdos que, muitas vezes, não estão explícitos nas cenas, e sim subentendidos em um cenário, fala e/ou modo de agir dos personagens, entre outras marcas/pistas identificadas nessa experiência de recepção.

Com a experiência didática aqui apresentada foi possível, mais uma vez, reiterar a premissa de que o uso de filmes como recurso didático pode contribuir para um aprendizado mais imerso, com atenção plena, e conseqüentemente tornar o processo de ensinar e aprender mais lúdico, interativo e prazeroso. Trata-se de uma

concepção apoiada no reconhecimento do papel que esse recurso audiovisual pode desempenhar na formação do aluno.

Por fim, acrescenta-se que a proposta deste trabalho não foi apresentar uma abordagem sobre o uso de filmes e de outros recursos tecnológicos nos processos de ensinar e aprender, mas de contribuir para provocar reflexões didático-pedagógicas a partir do compartilhamento da experiência sobre a utilização de um desses recursos e assim contribuir para ampliar o conhecimento já produzido por outros pesquisadores, estabelecendo uma rede de cooperação que possa fortalecer os estudos que têm sido desenvolvidos nas áreas da Comunicação, Educação, Tecnologia e neuropsicologia, especialmente na interface com a Cultura Digital e suas conexões.

Espera-se que os resultados apresentados neste trabalho também possam contribuir para subsidiar a produção de ambientes de aprendizagem mais lúdicos e interativos, que possam manter estimuladas as FE, a partir da relação que alunos e professores estabelecem com a cultura digital.

Referências

BACCEGA, M.A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. **Comunicação & Educação**. Ano 14, n. 3, set/dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/come-duc/article/viewFile/7837/7235>. Acesso em: 18 maio. 2021.

COSENZA, R. M., & Guerra, L. B. **Neurociência e educação**: Como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed. 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). **Educação e Ludicidade** – Ensaios 02, GEPEL/FACED/UFBA, 2002, p. 22-60. Disponível em: <[http://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas\(1\).pdf](http://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas(1).pdf)>. Acesso em 18 maio 2021.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

ORMANEZE, Fabiano. Educomunicação, comunicação comunitária e jornalismo literário: três teorias e algumas propostas em um projeto de extensão. **Revista Linha Mestra**. Unicamp: ALB, v. 1, n. 25, jul/dez 2014, p. 36-52.

SOARES, Ismar. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). **Educomunicação** – construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 13-30.

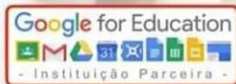


ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO

**PROMOVER PRÁTICAS
INOVADORAS,
ESTIMULANDO O
PIONEIRISMO E
AÇÕES DE
VANGUARDA NA
NOSSA COMUNIDADE
ACADÊMICA**

@baianadecomunicacao

www.baianadecomunicacao.com



A COMUNICAÇÃO E SUAS INTENCIONALIDADES PEDAGÓGICAS

Ana Patrícia Falcão

Atualmente, milhares foram as transformações no âmbito educacional. Novas realidades, novas adaptações e, por conseguinte, novas abordagens lançadas. A diversidade sociocultural desvela realidades que antes haviam sido excluídas e reforça a reflexão de como apreendemos e compreendemos o mundo e a nós mesmos.

A busca contínua pelo diálogo dentro das escolas, assim como pela democratização deste espaço como local de representatividade e resistência, é, portanto, necessária. Resistência definida aqui por Foucault (1983, p.97), como “[...] algo que desarticula o poder, desarma o que está posto como verdade irrefutável, dá mobilidade ao sujeito para pensar sobre outras perspectivas de ação”, considerando a escola o local onde todos possam se comunicar e tenham lugar de fala.

As relações que permeiam a Educação e a Comunicação geram reciprocidade que se transformam em ideias e que estas constroem hipóteses que neste esquema dialógico entre sujeitos e objetos, se conectam. No entanto, a dialogicidade não pode ser apenas uma troca verbal entre sujeitos e objetos, há singularidades nesta troca. Como disse Moran:

[...] Educar é um processo de desenvolvimento global da consciência e da comunicação (do educador e do educando), integrando dentro de uma visão de totalidade, os vários níveis de conhecimento e de expressão: o sensorial, o intuitivo, o afetivo, o racional e o transcendental (a integração com o universo) (1996, p. 24).

Dito isso, o Morin (1996) supõe que a interação entre sujeitos, saberes e objetos provocam mudanças de comportamento que geram reflexões e conseqüentemente, aprendizagens. É importante destacar a troca e a comunicação mediatizadas pelo pensamento e pelas singularidades dos sujeitos e das suas próprias realidades mencionadas pelo autor e que traduz o pensamento habermasiano que, nestas possibilidades de troca, respeitando as diferenças e sendo mediatizados pela realidade que os toca, é que os sujeitos constroem os seus conhecimentos e os seus entendimentos comunicacionais.

Neste contexto, estamos a considerar a fala, o seu uso, e a linguagem como elemento aglutinador de ações que ponderam entre o valor assertivo, que muitas vezes é representativo no contexto, o apelativo que faz com que outras pessoas interajam e emitam opiniões, e o valor expressivo sob a ideia de expor as experiências pessoais. Assim, Habermas infere sobre a ação comunicativa, afirmando ser necessário estabelecer pretensões de validade e de relações com esses três valores.

Habermas (1990, p.95) afirma “Qualquer ato da fala, através do qual um falante se entende com um outro sobre algo, localiza a expressão linguística em três referências: em

referência com o falante, com o ouvinte e com o mundo.” Há como vimos uma reciprocidade entre esses conceitos, um caminho a percorrer para que se manifeste o processo comunicativo e para que se chegue ao entendimento através do diálogo, da argumentação e necessariamente da interação.

Nesse âmbito de subjetividades e objetividades oriundas da linguagem e do caminho que a mesma faz ao processo comunicativo, o seu sentido epistemológico de superação da visão tradicional do conhecimento com o propósito de ser entendida não apenas como instrumento de comunicação de um conhecimento já produzido, mas como condição de possibilidade do conhecimento como tal (APEL, 1995, pp 297ss), afirma-se a ideia de Freire (1987, p. 28) pretendida aqui nesta discussão que, “[...] a educação é um processo de apropriação do saber pelo sujeito, a fim de que ele adquira instrumentos para desenvolver a reflexão, criticidade e emancipação”. A escola a sistematiza para que a transformação ocorra entre o homem e a sociedade.

E é neste espaço, no chão da escola e das universidades, que essa libertação com vistas à interação dos sujeitos para construir os valores coletivos e socialmente aceitos, que acontece verdadeiramente essas ações comunicativas. É sob esta perspectiva que Habermas (1990) rejeita o sujeito como um ser solitário e que não reflete, considerando a comunicação como geradora de conhecimentos, na busca da emancipação destes sujeitos.

Referências

APEL, Karl-Otto. *La transformación de la filosofía*. Madrid: Taurus, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HABERMAS, Jurgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.



A LEI Nº 11.645 E SUA APLICABILIDADE NO ENSINO DA HISTÓRIA: O RECORTE KAIMBÉ

Paulo Henrique Gonçalves dos Santos
Anayme Aparecida Canton Altmicks

Nosso País possui uma imensa diversidade étnica, assim como diversas regiões moldadas por um sincretismo que conforma, em seu curso, a própria cultura brasileira, complexa e desafiadora. Nesse sentido, é urgente compreender os processos formativos identitários de uma nação, que ainda revela imaturidades no contexto do conhecimento sobre a sua própria cultura. O contato dos indígenas com os europeus, no processo civilizatório, fez com que fosse perdida a verdadeira origem, alma ancestral, trazendo lacunas para a História de nossos antepassados, negada, invisibilizada e silenciada, até os dias atuais.

Para falarmos sobre a aplicabilidade da Lei Nº 11.645 (BRASIL, 2023) nas escolas públicas municipais de Euclides da Cunha, faz-se necessário elencar um fator importante, existente no mesmo, que é a presença de um povoado genuinamente indígena, que possui uma história que precisa ser apresentada nas escolas e, que por vezes, reproduz a cultura colonizadora e de apagamento dessa identidade, adotando o posicionamento de exclusão e reprodução do preconceito que sabemos ser real com relação aos povos originários, negros, quilombolas e comunidades tradicionais em nossa sociedade.

Nesse sentido, pensar na Educação do município traz reflexões sobre como essa Educação que vem sendo construída na aldeia Massacará e vem sendo difundida pelas escolas no município de Euclides da Cunha, uma vez que se tem feito tantos esforços no sentido de se trabalhar a identidade indígena, por parte dos professores Kaimbé, que poderiam ser modelos para elaboração do currículo municipal no que tange aos conteúdos e disciplinas que trabalham com a temática afro-indígena. (MACEDO; SÁ, 2015)

Ao trabalhar o ensino de História nas escolas, no que tange à temática indígena, é fundamental que tenhamos o correto entendimento da identidade brasileira e sua ancestralidade, no sentido de tornar possível sentir as rupturas e perdas criadas pelo processo de colonização e percebendo suas implicações para o cenário atual das civilizações indígenas.

Não ocorreu descobrimento algum e o que precisa e deve ser dito é que o ocorrido com nossos ancestrais foi ocupação e saque de nossas almas, terras e cultura, fazendo-se necessário para compreender revirar do avesso tudo que foi dito até o momento nos livros de uma História que teve como versão a do colonizador. A História de “heróis” desbravadores e aventuras de navios e descobertas de terras produtivas nunca existiu. É preciso considerar a transcendência e a espiritualidade existentes no contexto de formação da identidade indígena brasileira sobretudo a relação histórica no que tange aos territórios com o qual possuem uma ligação de alma carregadas de vivências e memórias ancestrais. São vasos-corpos que materializam a

essência de seu povo, com constructos psíquicos que trazem mais de 500 anos de invasão e apagamento (GONZAGA, 2021).

É importante, portanto, falar de toda a carga que os povos indígenas carregam, ao longo de sua existência, de atravessamento desses corpos, de sua cultura, espiritualidade, Arte, língua e terra. Ao longo de sua existência os povos indígenas construíram uma experiência que atravessa seus corpos, arte, língua e cuidados com a terra.

Baseados em suas espiritualidades e saberes moldaram uma cultura carregada de tensões com construções, reconstruções, e lutas contra apagamentos e para garantir suas terras e produzir sua existência nelas. Efetivar o ensino da História dos povos indígenas, conquistado depois de muitas lutas pela implantação da lei 11.645/2008 (BRASIL, 2023), faz parte dessa valorização dos conhecimentos ancestrais marcados nos corpos, nas atitudes e nas ações de hoje desses povos que enfrentaram o colonialismo.

As leis para a Educação Indígena, criadas a partir da Constituição de 1988 (BRASIL, 2016), permitiram a construção de um caminho na direção de uma escola, que respeite o desejo dos povos originários em ter uma Educação que valorizasse as suas culturas e, concomitantemente, franqueasse-lhes o acesso às culturas de outros grupos indígenas e dos não-indígenas. Isso representou algo novo, no cenário educacional, sobretudo, no que se refere aos órgãos responsáveis pela Educação Indígena, que, por sua vez, teriam que se redefinir, em suas

práticas e no âmbito das suas próprias instituições, passando a incluir e a respeitar as particularidades de cada etnia, frente a diversidade de povos e línguas existentes no Brasil (BRASIL, 1998).

Por meio da História podemos refletir e compreender sobre as comunidades indígenas discutindo a partir das diversas formas de expressar suas memórias ancestrais e de suas narrativas. É preciso encarar toda a violência sofrida e a real face do colonizador compreendendo os processos de subalternização infligido aos indígenas em suas vidas, terras e cultura. Em Euclides da Cunha o povo Kaimbé vem trabalhando por pela valorização de sua História e afirmação da identidade indígena com o apoio de toda a comunidade sendo um celeiro de pesquisas e de vivências interculturais. Formalizar ações interculturais de educação nos diferentes níveis de ensino vão contribuir para quebrar o silêncio sobre as questões étnicas e raciais fortalecendo a identidade, o respeito à diversidade, necessários ao convívio social.

A questão identitária é fundamental na construção do processo educativo indígena e, para que isso se torne efetivo, saber as suas origens e a sua História, com base no respeito ao outro e a si mesmos, são valores que fundamentam a manutenção das tradições, conquistas e costumes, como afirma autor indígena, Daniel Munduruku (2000, p. 97): “Saber quem somos é o primeiro passo para o respeito ao outro que nasce pelo respeito a si mesmo. Quem se respeita, respeita o outro. Quem é livre, quer que o outro também seja”.

Referências

BRASIL, Senado Federal. **Lei n. 11.645**. 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/l11645.htm Acesso em 18 mar 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2016.

GONZAGA, Alvaro de Azevedo. **Decolonialismo indígena**. São Paulo: Matrioska Editora, 2021.

MACEDO, Roberto Sidnei Alves; SÁ, Sílvia Michele Macedo de. **Etnocurrículo, etnoaprendizagens: a Educação referenciada na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses**. São Paulo: Angra, 2000.

Ofertados pela

Faculdade LUSÓFONA

Consulte aqui o cadastro da instituição no sistema e-MEC

Quatro cursos de pós-graduação em **COMUNICAÇÃO** presenciais

Aproveite a promoção e matricule-se agora!

Em parceria com a

ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO

ÉTICA E RESPEITO



**TRATAMENTO
HUMANIZADO ,
RESPEITANDO A
INDIVIDUALIDADE E
AS PERSPECTIVAS
DE CADA UM(A)
DENTRO DO
PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM**

@baianadecomunicacao

www.baianadecomunicacao.com



**ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO**

LITTÉRATURE MARGINALE ET CYBERESPACE: UNE RELATION ÉTROITE

Alfons Heinrich Altmicks
Norma Sueli Nunes Rangel da Silva

Selon Castells (2015), le réseau d'extension informationnelle, connu sous le nom d'Internet, trouve ses origines dans la période historique de la Guerre froide, bien que son développement en tant que moyen de communication à grande échelle n'ait réellement commencé que lorsque sa technologie a pénétré les campus de l'Université de Los Angeles. Son origine académique a en quelque sorte déterminé sa nature, dotant ce véhicule de caractéristiques contre-hégémoniques, essentielles à sa proposition de construction coopérative et anarchique de la connaissance.

Le réseau mondial d'ordinateurs est composé - et c'était sa conception originale - d'un réseau d'informations non hiérarchique et collaboratif. Cela signifie que chaque noyau d'expression de ce véhicule, chaque ordinateur dans le monde, est à la fois un pôle émetteur et un pôle récepteur de contenus. À l'origine, cette technologie visait à la réorganisation automatique du réseau de communication en cas de destruction de certaines de ses matrices - par exemple, en cas de catastrophe nucléaire. Ainsi, le message serait préservé et redistribué même si sa source originale était éliminée. En tant que technologie militaire, Internet représentait l'expression la plus élevée de communicabilité jamais créé par l'esprit humain.

Cependant, selon Castells (2015), la grande révolution apportée par ce véhicule se produirait lorsqu'il passerait entre les mains de l'initiative civile. Au début des années 1970, épuisées les ressources de développement de langage militaire, les technologies de communication non hiérarchiques ont été transférées aux universités américaines pour être développées. Une fois sur les campus de ces universités, leurs langages - ainsi que leurs contenus et leur technologie - ont commencé à être développés de manière collaborative. De nombreuses personnes se sont penchées sur ces questions pour les résoudre collectivement, même si elles étaient séparées dans le temps et dans l'espace géographique.

Ce développement collectif du véhicule l'a caractérisé en lui donnant une nature intrinsèquement interactive. En réalité, presque tout sur le réseau mondial d'ordinateurs repose sur le principe de l'interactivité, qui suppose simplement la capacité de modifier le message d'origine à la source émettrice, que ce message soit un contenu, une information, un langage ou même la technologie du véhicule lui-même. Lorsque Richard Stallman a conçu le concept de Copyleft en 1988, il portait en réalité le concept d'interactivité à son expression maximale. Le Copyleft représente un brevet ouvert qui permet non seulement l'utilisation collective des produits, mais aussi leur modification en fonction des besoins de l'utilisateur. Ainsi, étant interactive et collaborationniste, l'internet est incontrôlable.

Ainsi, le réseau mondial d'ordinateurs serait plus qu'un simple moyen de communication; il constituerait un mécanisme de projection de toutes les consciences humaines,

porteuses de connaissances, de subjectivités et de techniques, organisées à partir d'une dimension sociale et technologique commune. En tant que tel, selon Setton (2011), on peut supposer que la physiologie d'Internet favorise l'adoption d'une manière tout à fait particulière d'organisation psychique, subjective et intellectuelle.

Avec la propagation de l'utilisation d'Internet au Brésil et le développement des ressources technologiques, on observe une plus grande intensité d'accès à l'ordinateur (ARRUDA, 2004). Ainsi, nous trouvons aujourd'hui la littérature marginale répandue sur le réseau, abandonnant son support papier pour adopter l'écran comme lieu d'expression. De ce point de vue, la littérature marginale atteint un public diversifié, différent de celui traditionnellement composé en grande partie d'intellectuels, de critiques littéraires et de chercheurs. Aujourd'hui, la littérature marginale gagne en visibilité, tant au niveau national qu'international, et occupe une place de plus en plus importante dans les universités, les écoles, les foires et même sur le web.

Dans ce contexte, le réseau mondial d'ordinateurs a contribué/contribue à une plus grande propagation et diffusion de cette littérature, car il permet à un grand nombre de personnes d'accéder à la "brochure électronique", numérisée et prête à être lue ou téléchargée, ce qui favorise sa diffusion, sa commercialisation et son expansion. Cela génère un nouveau cycle de production de la littérature marginale dans l'environnement virtuel, qui se divise aujourd'hui entre sa forme solide et statique d'impression sur papier et sa navigation à travers les nuages cybernétiques.

Le cyberspace a élargi les formes de communication, de circulation et de consommation, offrant de nouvelles possibilités de travail, de commerce et d'accès aux biens et services. Face à ce "nouveau temps", la littérature marginale s'est adaptée aux nouvelles exigences de la contemporanéité, mais certains écrivains vivent le dilemme du ressentiment, craignant qu'elle ne perde ses caractéristiques premières et cesse d'être "solide", c'est-à-dire que les brochures dans leur forme concrète disparaissent pour ne laisser place qu'à la forme virtuelle.

Avec l'incorporation de nouvelles technologies, imprimées et électroniques, la littérature marginale (re)existe face à la technologie elle-même. Dans ce sens, la littérature marginale devient anthropophage, symbiotique, car chaque fois qu'elle est à la dérive, elle trouve en elle-même, en se joignant à sa propre fin, une façon d'émerger. Cette nouvelle façon de rester en vie en tant que tradition ressignifiée permet également l'émergence de nouveaux auteurs et de nouvelles formes de collaboration.

Bibliographie

ARRUDA, Eucidio. **Ciberprofessor**: novas tecnologias, ensino e trabalho docente. Belo Horizonte: Autentica/ FCH – FUMEC, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Networks of outrage and hope**. 2^a ed., London: Polity Press, 2015.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo, contexto, 2011.

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADA PARA A COMUNICAÇÃO INFANTIL

Vanessa Cardoso da Cruz Barbosa

Ao pensar no desenvolvimento cognitivo e emocional de um a criança, não há como negar que a comunicação é parte essencial desse processo, desde seus primeiros dias de vida quando passam a se comunicar com a mãe e com pessoas que fazem parte de seu núcleo familiar. Com o passar do tempo, os processos se intensificam, na medida em que esses relacionamentos se intensificam, mediante o amadurecimento e convívio social.

Os contos de fada têm um papel importante, nesse contexto, na medida em que são capazes de introduzir a criança ao universo da fantasia, trazendo, em suas histórias, situações que remetem às realidades enfrentadas no dia-a-dia. Justamente por isso, os contos de fada são tão conhecidos e admirados pelo universo infantil. Gênero de narrativa popular, com uma grande variedade de histórias e personagens mágicos que fizeram parte do universo de muitas crianças, e que vem sendo discutidos e analisados, até os dias de hoje, apresentam temas como amor, amizade, justiça, angústia, aventura, promovendo emoções que são fundamentais para o desenvolvimento infantil, contribuindo para a comunicação e desenvolvimento das relações interpessoais entre os pequenos trazendo como característica sua linguagem clara e direta compreensível ao universo lúdico da criança.

Outra característica interessante nos contos de fadas é que trazem, em seus personagens, problemáticas que apresentam a comunicação como mecanismo para resolução de seus problemas, ou seja, em suas situações de conflito, tudo poderia se resolver, mais rapidamente, se os personagens se comunicassem melhor, uns com os outros, a exemplo da Cinderela, que, maltratada pelas suas irmãs e pela madrasta cruel, em vez de se defender ou reclamar, permanece em silêncio e sofre sozinha. Isso nos leva a pensar em como dialogar com a criança sobre a importância de falar sobre seus sentimentos e emoções, além de outras questões como violências sofridas, por exemplo, sempre expressando o que faz bem, mas também as situações que causam desconforto.

Cinderela poderia ter se comunicado melhor com a sua família, em sendo o pai, madrasta e irmãs, e evitar assim a situação humilhante em que ela vivia. E, nesse cenário, é possível até que o professor explore com as crianças através do diálogo sobre a família e seus papéis, conhecendo um pouco mais sobre o contexto familiar de seus alunos. As crianças tendem a reproduzir, de maneira lúdica, através da representação de seus personagens favoritos, situações reais. É importante que o professor esteja atento a essas questões para auxiliar nesses processos de comunicação, caso ocorra necessidade.

Um outro contexto interessante é o papel desse príncipe, que se apresenta buscando “aquela que se encaixa no sapatinho de cristal”, momento em que, mais uma vez, aparece a figura estereotipada da “madrasta má” e suas filhas que negam, para Cinderela, a possibilidade de viver a

felicidade plena. Este trecho da história nos permite vislumbrar uma infinidade de questões, como, por exemplo, os modelos sociais pré-definidos para que as pessoas se “encaixem” – e, no universo da criança, isso não é diferente, podendo trazer também a questão da inclusão. Outro contexto é o das configurações de família, que precisam ser discutidas em sala de aula e reconhecidas no contexto escolar, bem como as questões de gênero, que estão explícitas no fato de ter “um príncipe encantado” como resumo de felicidade.

São muitas questões que podemos e devemos trazer para formação dessas crianças, que podem aprender a importância da empatia e da comunicação, tendo respeito para o com o outro e seus sentimentos, como na história de Bela (personagem de A Bela e a Fera), que, à medida que vai conhecendo a realidade da Fera, que antes causava medo e repugnância, passa a sentir carinho e desenvolve um vínculo com o personagem. Esse sentimento de empatia nos ajuda na compreensão do outro, bem como favorece os processos de comunicação, ensinando, na resolução de conflitos, algo essencial para uma boa comunicação interpessoal, na medida que, apresentam personagens que resolvem os seus conflitos, usando o diálogo e a negociação para resolvê-los.

Quando o feroz lobo mau tenta derrubar a casa dos três porquinhos, juntos, eles conseguem definir como escapar dessa situação de perigo, ou seja, nem sempre podemos ter tudo o que queremos, mas é possível resolver os problemas com respeito, diálogo e união. As crianças também

aprendem a reconhecer sentimentos como raiva e frustração, como quando amam ou odeiam os personagens.

Os contos mostram a importância de se expressar de maneira clara e assertiva buscando o que se deseja sempre com respeito para com o outro. Essas histórias permitem que a criança seja introduzida nesse universo social de convivência podendo lidar com situações que vida pode trazer, aprendendo a lidar com suas emoções, sejam elas de alegria ou dor, ultrapassando tempos estando presentes em nossa memória afetiva. Nesse sentido, a literatura infantil, mais que um recurso de desenvolvimento cognitivo lúdico, é essencial para que a criança trabalhe seus aspectos integrais enquanto ser humano.

Referências

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

BETTERMAN, R. Os contos de fadas desconhecidos dos Irmãos Grimm. In: MOURA, M.; CAMBEIRO, D. (orgs.). **Magias, encantamentos e metamorfoses: fabulações modernas e suas expressões no imaginário contemporâneo**. Rio de Janeiro: De Letras, 2013.

Ofertados pela

ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO

Quatro cursos de pós-graduação em **COMUNICAÇÃO** presenciais

Em parceria com a

ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO

Aproveite a promoção e matricule-se agora!

Consulte aqui o cadastro da instituição no Sistema e-MEC

ACESSO AO

ÉTICA E RESPEITO

ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO

O CORDEL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Jaqueline da Conceição Santos Araújo

1. Introdução

O processo de alfabetização é essencial na vida escolar do educando, na perspectiva da aquisição do sistema de escrita, assim como das vivências culturais diversas, aliando cognição e ludicidade. Destarte, a utilização do cordel pode contribuir positivamente, nessa etapa de estudo, através das características linguísticas, literárias e culturais.

Esse gênero literário vem se expandindo, ultimamente, em nosso país, com o surgimento de vários poetas e poetisas que expressam conteúdos diversificados, contemplando o saber histórico, cultural, assim como, temas da atualidade.

Delimita-se, portanto, o tema que norteia este estudo, qual seja, o Cordel no processo de alfabetização. Realizado à luz do objetivo que procura analisar a influência da literatura de cordel para o desenvolvimento da leitura e escrita, especificamente no período da alfabetização e letramento.

2. Materiais e métodos

Com o objetivo de aproximar-se da realidade e obter uma melhor percepção do cotidiano escolar das pessoas envolvidas com a temática, realizou-se a pesquisa de campo com enfoque qualitativo, utilizando como instrumento de recolhimento de dados, o questionário, com professores

atuantes em escolas públicas, em turmas do ensino fundamental que se encontram em processo de alfabetização, em diferentes escolas, com o objetivo principal de compreender e explicar o problema, que é o objeto da pesquisa.

3. Resultados e discussão

De acordo com os dados obtidos, percebe-se que sessenta por cento dos educadores participantes são do sexo feminino e quarenta por cento são do sexo masculino. Sobre o tempo de atuação dos educadores, foi possível concluir que, oitenta por cento dos participantes possui mais de dez anos, e vinte por cento, de um a cinco anos.

Em relação ao gênero literário em questão, todos os respondentes demonstraram um certo conhecimento sobre a literatura de cordel, enfatizando a construção poética e a cultura nordestina.

Sobre a utilização de textos em Cordel na prática pedagógica com os educandos, oitenta por cento dos professores participantes afirmou que utiliza os textos em Cordel na sala de aula, e vinte por cento utiliza às vezes. Assim, os professores retrataram a influência positiva do Cordel no desenvolvimento da leitura e escrita, principalmente por possuir uma linguagem simples e representar o cotidiano através de temas diversificados. Em relação aos aspectos culturais, os professores acreditam que trabalhar com o Cordel pode contribuir significativamente para a valorização e preservação da cultura, o

fortalecimento da identidade e a ampliação dos conhecimentos.

Para os professores participantes, as rimas presentes na estrutura poética do Cordel, facilitam no campo da consciência fonológica, que é uma condição importante no processo de alfabetização. Todos os professores participantes utilizam contação de histórias, leitura de poesias e rimas, e leitura com interpretação de história; três professores utilizam leitura de Cordel e dois utilizam roda de leitura, para explorar durante as aulas o gênero literário Cordel. Oitenta por cento dos professores pesquisados utiliza textos em Cordel, com estrutura de quadrinhas, e vinte por cento utiliza os livretos tradicionais.

4. Considerações finais

A análise das respostas obtidas pelos professores possibilitou alcançar o objetivo principal que foi perceber a influência do Cordel no processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. Quanto aos objetivos específicos, os participantes demonstraram um certo conhecimento sobre a temática e afirmaram trabalhar com o gênero em sala de aula, porém, percebe-se que ainda de forma um pouco tímida. Em relação à contribuição do Cordel com a leitura, escrita e os aspectos culturais, os mesmos enfatizaram uma influência positiva para a aprendizagem. Partindo para o campo mais específico da alfabetização, em que atualmente se considera a consciência fonológica como um caminho imprescindível nesse contexto, as afirmações perpassaram pelas mesmas

concepções de que o gênero literário em questão pode trazer subsídios importantes através das rimas presentes em sua composição poética.

Referências

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. 3. ed. – São Paulo: Claridade, 2019.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel: História, Temas e Estilos**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

MELO, Rosilene Alves de. (org.) **Literatura de cordel: conceitos, pesquisas, abordagens**. Jundiaí. SP: Paco Editorial, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2021.

Ofertados pela

Faculdade LUSÓFONA

Consulte aqui o cadastro da instituição no Sistema e-MEC

Quatro cursos de pós-graduação em **COMUNICAÇÃO** presenciais

Aproveite a promoção e matricule-se agora!

Em parceria com a

ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO

ÉTICA E RESPEITO

The banner features a portrait of a man in a suit and tie on the right side.

ARTE E ANCESTRALIDADE FEMININA INDÍGENA

Anayme Aparecida Canton Altmicks

Neste resumo, buscamos configurar o reconhecimento das produções artísticas indígenas e suas relações com o trabalho das mulheres, dentro das comunidades, bem como a representatividade do feminino ancestral, numa perspectiva étnica. Esperamos elencar os movimentos realizados pelas mulheres indígenas, dentro e fora de suas comunidades, bem como os seus espaços de expressão e representação, de si e de suas etnias.

Quando falamos em arte Indígena, a primeira imprecisão que surge é a de que se trata de artesanato. Precisamos, pois, delimitar o que, de fato, é Arte, baseando-nos no seu significado clássico, para entendê-la como produção do devir social. De acordo com Adami (2020, p. 1):

A designação do termo Arte vem do latim *Ars*, que significa habilidade. É definida como uma atividade que manifesta a estética visual, desenvolvida por artistas que se baseiam em suas próprias emoções. Geralmente a arte é um reflexo da época e cultura vivida. A Arte existe desde os primeiros indícios do desenvolvimento do homem, inicialmente utilizada para suprir necessidades de sobrevivência, como utensílios de cozinha e inscrições em cavernas.

Partindo dessa asserção, podemos, confortavelmente, reconhecer como Arte, a produção estética indígena, uma

vez que os seus itens estão presentes e categorizados na lógica de Adami (2020), independente de serem, ou não, eleitos como objetos de pura fruição estética.

Nas peças indígenas, elementos ancestrais estão representados, seja nos traços e composições em cerâmica e em crauá, seja nas armas e nos seus instrumentos, também percebidos nos artefatos, no grafismo e em todos os elementos resultantes do universo emocional e religioso. Partindo desse entendimento, a arte indígena estaria contida no amálgama de manifestações culturais, das mais variadas etnias, cada uma delas com elementos diferenciados, cuja riqueza se manifesta desde o material, utilizado para confeccionar os artefatos e diversos outros utensílios, às cores usadas nas plumagens e grafismos.

A arte indígena se diferencia da arte branca, em vários aspectos. Enquanto a arte branca, eurocêntrica, é centrada no individualismo, na unicidade do item e na expressão pessoal do artista, a arte indígena está mais relacionada à coletividade, à ancestralidade e à transmissão de conhecimentos tradicionais. A ênfase não está tanto no autor individual, mas sim na comunidade e nas conexões com a Natureza e com o Sagrado. Além disso, a arte indígena está intrinsecamente ligada à cultura e à história do povo indígena que a produz. Ela pode ser usada como uma forma de preservar e transmitir conhecimentos tradicionais, contar histórias, celebrar rituais e fortalecer a identidade cultural. Já a arte branca, muitas vezes, é valorizada apenas pelo seu valor estético, comercial e

individual, sendo menos diretamente relacionada às tradições culturais específicas.

Uma característica marcante no contexto artístico indígena é a presença feminina, nos espaços de produção, que, por sua vez, submete-se à subjetividade da mulher indígena, empoderada do seu papel, dentro de seu contexto étnico. O trabalho artístico feminino tem garantido a subsistência de muitas famílias e vem ganhado visibilidade, possibilitando a inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como nos espaços de fala sobre os seus direitos. A mulher indígena tem ganhado, cada vez mais, voz nos espaços de poder, inclusive no cacicado – o que antes era permitido apenas aos homens.

Dentro das comunidades indígenas, os papéis desempenhados pelas mulheres têm se modificado. Cada vez mais, as mulheres têm saído de seus lares para o trabalho, que, por vezes, mantém o sustento de seus lares com posições de destaque dentro de suas comunidades. Antes, era o cuidado com a família, os afazeres da casa e a produção de artefatos, como potes, redes, vestimentas; atualmente, essas mulheres trazem a sua produção para o ambiente comercial, seja na forma de cooperativas, seja como artesãs autônomas, seja como empresárias.

O fato é que as mulheres indígenas têm desempenhado um papel fundamental na produção artística, trazendo sua visão de mundo, experiências e expressões culturais únicas para o cenário artístico. Ao longo dos anos, essas mulheres têm assumido um protagonismo cada vez maior, reivindicando seu espaço e valorizando suas habilidades

artísticas. Ao passo em que se inserem no jogo do mercado da Artes, não perdem as suas referências ancestrais, as suas obras permanecem caracterizadas por um profundo senso de conexão com a Natureza, a espiritualidade e as tradições de suas comunidades. Elas incorporam símbolos e narrativas, que refletem sua identidade cultural e reforçam a importância de preservar as suas heranças ancestrais.

Além da comercialização, as mulheres indígenas também têm utilizado a arte como uma ferramenta de empoderamento e fortalecimento de suas comunidades, diante das deslegitimações enfrentadas pelas etnias indígenas. Nesse sentido, essas mulheres compartilham conhecimentos tradicionais com as gerações mais jovens, incentivando o desenvolvimento de novos talentos e a preservação das tradições culturais. Por meio da Arte, elas reafirmam sua identidade, resgatam memórias e contribuem para a construção da tolerância e do respeito para com as culturas indígenas.

No entanto, é importante ressaltar que a valorização e o reconhecimento da produção artística das mulheres indígenas ainda enfrentam desafios. Ainda existem estereótipos e preconceitos arraigados que limitam a sua visibilidade e o acesso a oportunidades. Portanto, é necessário um maior apoio e sensibilização por parte da sociedade branca, para que essas mulheres possam continuar a desempenhar o seu papel essencial na preservação e renovação das expressões culturais indígenas.

A Arte Indígena tem como foco principal abordar as vivências e experiências, permitindo que aqueles que a

apreciam possam entrar em contato com a cultura e conhecer melhor as suas histórias. Ela desempenha um importante papel como veículo de comunicação, transmitindo as realidades vivenciadas pelos indígenas e servindo como um espaço de representação na sociedade, retratando as suas lutas e vitórias. Além de tudo isso, a Arte tem se tornado uma plataforma de expressão para as mulheres indígenas, tanto dentro quanto fora de suas comunidades. Por meio dela, essas artistas encontram voz e empoderamento em seu papel feminino. Elas utilizam a Arte como uma forma de se afirmarem, compartilhando suas perspectivas únicas e desafiando estereótipos e barreiras sociais.

Através de suas criações artísticas, as mulheres indígenas reivindicam a sua identidade cultural e reforçam a importância de suas contribuições para a sociedade. Elas trazem à tona temas relacionados à ancestralidade, espiritualidade, conexão com a natureza e questões sociais relevantes. Ao expressarem suas visões e experiências por meio da arte, elas fortalecem sua autoestima, resgatam memórias coletivas e transmitem conhecimentos tradicionais para as gerações futuras. A Arte Indígena, assim, se torna uma plataforma de resistência, permitindo que as mulheres indígenas se posicionem, compartilhem suas narrativas e desafiem a marginalização e a invisibilidade. Elas encontram, na Arte, um espaço onde podem redefinir sua representação e afirmar sua presença, contribuindo para a valorização da diversidade cultural e o reconhecimento dos direitos indígenas.

Referências

CONDURU, Roberto. **Arte indígena brasileira**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

JULIO, Suelen Siqueira. **Mulheres indígenas na América Latina Colonial**. 28º Simpósio Nacional de História – Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, Santa Catarina, 2015

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A arte no período pré-colonial. In ZANINI, Walter (Org.). **História geral da arte no Brasil – v. 1**. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983.

DIAS, Rosa Maria. Arte e vida no pensamento de Nietzsche. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, v.36 n.1, p. 227-244, 201.



VAQUEIRO: SÍMBOLO DA CULTURA DO ALTO SERTÃO NORDESTINO

Carleane Soares Rocha
Natercia Fagna Souza da Costa Maciel

O Nordeste Brasileiro é marcado por diversas manifestações culturais que remontam desde o período colonial. Dentre elas, temos “o vaqueiro”, tradição cultural e fenômeno de folkcomunicação, cujas raízes figuram na atividade econômica da criação de gado. O vaqueiro é o profissional responsável por cuidar do gado e conduzi-lo através do sertão.

Quando os portugueses introduziram o gado na Região Nordeste do Brasil, deu-se início a essa prática e, com o tempo, a criação de gado se tornou uma atividade econômica importante, e a figura do vaqueiro passou a desempenhar um papel fundamental nesse processo. O vaqueiro é visto como um profissional habilidoso, que conhece bem o comportamento do gado e sabe como conduzi-lo através do sertão. Também é conhecedor de técnicas de montaria e manejo do gado, que foram desenvolvidas ao longo dos anos, e que são transmitidas de geração em geração.

Além disso, o vaqueiro é uma figura reconhecida por sua coragem, habilidade e determinação. Esses valores são celebrados em festas e eventos tradicionais, como as vaquejadas, que são competições em que os vaqueiros demonstram suas habilidades na captura do boi. Nessas festividades, é comum o uso de vestimentas adequadas e

principalmente o uso do couro do boi, A principal vestimenta de montaria que eles usam é o Gibão, uma peça confeccionada, pelo próprio vaqueiro, em couro curtido de bode ou boi, de forma artesanal. Ela se estende do pescoço à cintura, com uma tira, que prende a peça ao pescoço do vaqueiro; com mangas compridas para proteção dos braços e o chapéu de couro que chamado Quipá. Ao longo dos anos, essa cultura se desenvolveu e se adaptou às mudanças na economia e na sociedade nordestina. Embora a criação de gado ainda seja uma atividade importante na região, a imagem do vaqueiro também se tornou uma expressão artística e cultural, que é valorizada por todo o Brasil e símbolo da região nordestina.

Na atualidade os vaqueiros ainda trabalham em fazendas, rodeios, mas a atividade também é usada apenas como um *hobby*, principalmente, na época das celebrações das festas tradicionais, como as vaquejadas e pegas de boi, que envolvem competição e premiações. No interior de algumas cidades do alto sertão, os vaqueiros são mais comuns nas pegas de boi. Essa pratica consiste em uma capturar um boi solto em uma área de mata fechada, sem cercas ou limites definidos. É uma prática realizada há séculos pelos vaqueiros nordestinos, para reunir o gado que se espalha pelo sertão, muitas vezes, em regiões de difícil acesso.

A atividade geralmente envolve um grupo de vaqueiros a cavalo, que utilizam seus conhecimentos e habilidades em cavalgada e manejo de gado para cercar e laçar o animal em questão. É uma prática que requer muita habilidade e coragem, uma vez que o boi pode se tornar agressivo e oferecer riscos aos participantes.

A pega de boi no mato também é considerada uma manifestação cultural, envolvendo tradições e valores que são passados de geração em geração, além de ser um esporte praticado por disputa de premiações, nessas os animais são criados exclusivamente para esse fim. No entanto, essa tradição enfrenta vários desafios para se manter viva. Um dos principais, é a pressão dos grupos de defesa dos direitos dos animais, que argumentam que as vaquejadas são cruéis com os bois. Como resultado, algumas cidades e estados brasileiros proibiram as vaquejadas, o que tem afetado a economia e a cultura local. Além disso, a urbanização e a modernização da região Nordeste também têm contribuído para o declínio da profissão. Muitos jovens migraram para as cidades, em busca de empregos e oportunidades, deixando para trás a vida no campo e as tradições rurais.

Apesar dos desafios, muitas pessoas ainda valorizam o vaqueiro e trabalham para manter viva a tradição familiar. Existem organizações que lutam pelos direitos dos vaqueiros e das vaquejadas, bem como iniciativas para preservar o patrimônio cultural e histórico da região Nordeste. Com esses esforços, essa manifestação cultural pode continuar a ser uma parte importante da identidade e da história do Nordeste brasileiro.

Consulta

BAHIA. Secretaria de Cultura. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. **Ofício de vaqueiro**. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013. (Cadernos do IPAC, 6).



@balanadecomunicacao

**EDUCAÇÃO DE
EXCELÊNCIA E ALTO
PADRÃO,
PROFESSORES
ALTAMENTE
QUALIFICADOS,
PROGRAMAS
INOVADORES E O
COMPROMISSO COM
A ÉTICA E O
RESPEITO A VOCÊ:
VENHA SER FELIZ NA
ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO**



**ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO**

www.balanadecomunicacao.com

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO INFANTIL

Vanessa Cardoso da Cruz Barbosa

A comunicação humana é o veículo que possibilita, ao homem, desde os primórdios, a interação social, podendo ser representada por diversas formas de linguagens. Todavia, as linguagens oral e escrita ganharam notoriedade, à medida em que se tornaram instrumentos de manutenção da Cultura, e, sendo interativas, permitem, aos membros de cada comunidade, estabelecer vínculos singulares em sua comunicação.

Este resumo deriva de um estudo bibliográfico sobre a contribuição da Literatura para o desenvolvimento da linguagem humana, abordando os benefícios do trabalho de literatura com crianças na Educação Infantil, em séries iniciais, visando o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Bem como, retrata a importância da desses mecanismos pedagógicos enquanto instrumentos de incentivo ao desenvolvimento dos processos comunicacionais, sendo artifício que dialogam nas esferas do concreto e do abstrato, permitindo o avanço da criança em suas aprendizagens. Enfatiza, ainda, a importância de as instituições de educação infantil possibilitarem o acesso irrestrito à Literatura, visando o desenvolvimento cognitivo e emocional dos sujeitos, além de uma formação ética, estética e política. O resumo ainda aborda a visão teórica de

Vygotsky, Piaget e Wallon, no tocante ao desenvolvimento da linguagem humana, possibilitando uma visão ampla do trabalho literário nas escolas de educação infantil.

A Literatura, enquanto Arte, torna-se fundante no desenvolvimento de um cidadão consciente de seu papel social e contribui na formação da personalidade, principalmente, quando trabalhada de maneira correta, na idade em que as crianças estão na formação dos conceitos de valores, convicções e interesses que serão armazenados no consciente e que servirão de conciliador de consonâncias entre desejos instintivos do sujeito e as reações permitidas socialmente (VYGOTSKY, 2009, p. 14).

Na primeira infância, a comunicação está intrinsecamente correlacionada aos sistemas semióticos. Ao adquirir a habilidade de se comunicar com o uso da Língua, a comunicação passa a ter uma função essencial no desenvolvimento intelectual, uma vez que, em um primeiro momento, o pensamento não é verbal, e a linguagem não é intelectual. Assim, só quando se entrelaçam pensamento e linguagem, é que as estruturas mentais vão se constituindo no subconsciente da criança. Dessa maneira, uma vai influenciando a outra e, a personalidade da criança se constrói, mediante as vivências culturais presenciadas. A teoria epistemológica aborda a interação social como fundamental para a construção das estruturas cognitivas no ser humano, desde o momento de seu nascimento. Assim, evidencia-se a necessidade do contato com outros seres para que haja o conhecimento.

Para a aquisição do conhecimento, a criança passa por estágios de desenvolvimento, em que, em cada um deles, o pensamento é estruturado, mediante um tipo diferente de interação com os objetos estudados. Por exemplo, no pré-operatório, surge a linguagem, fato que ocasiona o aceleração do desenvolvimento do pensamento. Nessa fase, há um fenômeno chamado animismo, o qual a criança atribui vida aos objetos, a criança os compara a ela, se é capaz de falar, chorar, rir ... assim como tudo à sua volta ou em seu campo de conhecimento, inclusive os animais e plantas.

Esse dado denota a relação de interação existente entre o indivíduo e o meio, e a linguagem, nessa vertente, ganha *status* de instrumento de comunicação e interação humana, bem como de articuladora da construção das estruturas mentais e da personalidade psíquica da criança, assim como, os fatores biológicos, hereditários e adquiridos através da interação social com o meio e tudo e todos que dele fazem parte (BARBOSA; SILVA, 2009, p. 45). Destarte, há uma relação direta, uma linha ténue entre o desenvolvimento da linguagem, tanto oral como escrita, enquanto recurso de expressão de pensamento e como agente de comunicação entre seres, sendo, ou não, pertencentes ao mesmo círculo de convivência ou à mesma classificação biológica da criança.

Entender a linguagem como instrumento cultural possibilita sistematizar coerentemente os significados dos signos que a compõe. E sendo o ser humano um ser interativo e social, não é difícil concluir que quanto mais

lúdico for o processo de aprendizagem da oralidade e da escrita, mais facilmente elas serão internalizadas, bem como as cargas históricas, éticas, estéticas e políticas que representam.

Desse modo, a Literatura atua como um recurso fundamentalmente lúdico, possibilitador do aprendizado eficaz e correto da língua falada e da escrita, além de auxiliar no desenvolvimento do processo criativo da aquisição da linguagem. Assim, compreender as diferentes correntes teóricas a respeito do surgimento e do desenvolvimento da linguagem e do pensamento, facilita a organização do material necessário para a efetivação da aprendizagem sistemática das linguagens oral e escrita, na educação infantil.

Referências

BARBOSA, Fabiana; SILVA, Zeneide. A teoria psicogenética de Piaget. **Construir Notícias**, Pernambuco, nº 44, janeiro/fevereiro 2009.

BETTERMAN, R. Os contos de fadas desconhecidos dos Irmãos Grimm. In: MOURA, M.; CAMBEIRO, D. (orgs.). **Magias, encantamentos e metamorfoses: fabulações modernas e suas expressões no imaginário contemporâneo**. Rio de Janeiro: De Letras, 2013.

VYGOTSKY, Lev. Semenoviche. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática, 2009.

REPRESENTATIVIDADE FEMININA KAIMBÉ

Magna Silva Gonçalves Kaimbé
Anayme Aparecida Canton Altmicks

Pretendemos, com esse resumo, promover o entendimento sobre o papel das mulheres indígenas Kaimbé, em sua comunidade, colocando em evidência as suas conquistas e as suas contribuições, referentes às dinâmicas sociais e culturais do município de Euclides da Cunha, Bahia, tendo como referência os relatos das mulheres, representantes da comunidade indígena, que nos possibilitaram transcrever as suas vivências. Esses registros, que preservam a memória Kaimbé para as futuras gerações, nos permitiram refletir sobre como essas mulheres se inserem na sociedade, na busca pelo respeito aos seus direitos e a manutenção da sua identidade étnica.

Apesar dos desafios enfrentados em relação à representatividade indígena feminina, nos espaços públicos, as mulheres indígenas Kaimbé buscam alcançar o seu protagonismo, que lhes foi negado cruelmente, posto que as mulheres indígenas brasileiras foram levadas a crer na impossibilidade de ocuparem posições de liderança e representatividade, sendo relegadas à invisibilidade social.

Os povos originários convivem, desde os primórdios da colonização, com a negação das suas identidades étnicas e culturais e com o silenciamento das suas vozes e com o apagamento de suas existências, expostos, desde sempre, à sanha do colonizador, tendo seus direitos negados

enquanto cidadãos brasileiros, reduzidos a figuras místicas e estereotipadas, que foram enraizadas no universo do entendimento acerca da realidade de ser indígena.

O silenciamento veio na forma de nomenclatura, uma vez que, usando a expressão “índio”, reduziram os diversos povos em uma única condição, que deveria ser a de silvícola sem identidade e sem cultura, na intenção da dominação dessas comunidades tradicionais, negando os seus direitos, definindo-os como incapazes de gerir as suas vidas. Não há como deixar de pensar os processos de apagamento – literal – de vidas e história de muitas etnias que deixaram de existir e outras tantas que se recuperam, tentando resgatar elementos de sua cultura, que se perderam com as invasões territoriais e colonizadoras.

Nesse cenário, o papel feminino, bem como seu trabalho praticado no núcleo das famílias indígenas e nas comunidades, foi desvalorizado, colocando as mulheres indígenas em uma posição de inferioridade. As mulheres indígenas lutam para romper com os estereótipos que lhes foram impostos por um sistema colonialista e machista, liderando movimentos e lutando pelo direito de existência, ganhando força e espaço de representatividade, em diversos setores da nossa sociedade.

As mulheres vêm enfrentando diversas batalhas, no sentido de reivindicar espaços de equidade e respeito, trazendo para reflexão social a condição da mulher e o seu papel na sociedade. Muitas conquistas foram alcançadas e obstáculos superados, mas o preconceito e o racismo são fortemente presentes e se ocupam em tentar nos calar e apagar nossas

histórias. É necessário problematizar os espaços, deixando claro os vários papéis das mulheres, respeitando esse lugar que é plural e diverso, que possui múltiplas identidades. Nesse sentido, se faz necessário pensar nesses tantos femininos e feminismos que nos atravessam na luta por respeito.

Nessa trajetória, muitas de nossas guerreiras ficaram pelo caminho e delas tiramos ensinamentos e forças para cuidar de nossas famílias e filhos, pensando nas futuras gerações, ensinando, através de nossas histórias, a força presente em nossos territórios e a energia que carregamos de nossos ancestrais, que não nos deixam desistir de lutar.

Podemos destacar o papel das mulheres Kaimbé, enquanto educadoras, dentro e fora da escola, uma vez que a Educação Indígena acontece antes do processo de Educação Escolar. Esse processo começa nas famílias indígenas e a escola é o espaço de continuidade de nossa cultura, no qual compartilhamos os conhecimentos transmitidos por nossos anciãos, complementados pelos saberes adquiridos no ambiente escolar, reconhecendo a Educação como agente transformador, auxiliando no processo de reconstrução de nossas memórias e na afirmação de nossa identidade, para fortalecê-la, tendo como suporte a busca pelo aperfeiçoamento profissional, não permitindo que revivamos o apagamento cultural e silenciamento de nosso povo.

Nosso objetivo é disseminar a cultura do povo Kaimbé, em diversos setores municipais, estaduais e acadêmicos, alcançando visibilidade social, deixando um legado de

nosso feminino ancestral, que conquistou o seu lugar por meio de muitas lutas. Esperamos despertar a consciência humana para a história dos povos indígenas, em especial do povo Kaimbé, na sociedade euclidense, uma vez, que mesmo estando inserida no coração da cidade, pouco se fala nas escolas do município sobre nossa história.

O Colégio Estadual Indígena Dom Jackson Berenguer Prado pode contribuir, sobremaneira, para preservar e fortalecer a nossa identidade, valorizando e transmitindo os nossos saberes e a história ancestral, para todo o município, tendo em vista a experiência dos professores indígenas e os projetos educacionais sendo realizados na comunidade, uma vez que o currículo da escola indígena pode ser estendido para uma proposta de ensino que atenda ao município, em suas escolas não-indígenas.

Numa sociedade que se coloca como democrática e plural, é dever promover a igualdade social entre todos os indivíduos, reconhecendo seus direitos protegendo da segregação e do preconceito. Todos somos iguais perante a Lei, sem que haja distinção de qualquer natureza, nesse sentido, é de suma importância o desenvolvimento de práticas que estimulem a democracia entre raças e etnias preservando as identidades dos povos originários (SOUZA FILHO; BERGOLD, 2013).

Através da Educação, conseguimos combater o preconceito, a violência e a discriminação contra os povos indígenas, transformando essas realidades diante das adversidades impostas pelos diversos fatores sociais, promovendo o reconhecimento não só do papel feminino, mas, também,

de nossa etnia, que nos forma e faz parte de cada um de nós, resignificando os padrões futuros de comportamento diante das diferenças, seja em relação à raça, cor, gênero sexualidade ou qualquer outra forma de existir.

Referências

ALTMICKS, Alfons Heinrich. CANTON, Anayme Aparecida. Arte e cultura Kaimbé: A EJA enquanto agente influenciador da produção de artesanato. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 10, Vol. 10, pp. 181-200. Outubro de 2020.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de; BERGOLD, Raul Cezar. **Os direitos dos povos indígenas no Brasil: desafios no século XXI**. Curitiba: Letra da Lei, 2013.



C

**PESQUISA E
EXTENSÃO**

- 3 Grupos de Pesquisa ativos no CNPq
- Núcleo de Extensão com projetos inovadores



**CONHEÇA AS
ESTRATÉGIAS DA
ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO PARA
CAPACITAR A JUVENTUDE
BAIANA A PROSPERAR
NA INDÚSTRIA DA
COMUNICAÇÃO**

Derrubando barreiras,
oferecendo oportunidades para
estudantes de Comunicação

www.baianadecomunicacao.com
[@baidadecomunicacao](https://www.instagram.com/baianadecomunicacao)

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA DE MASSA

Maria Luiza de F. R. Altmicks

De uma perspectiva socioantropológica, entende-se que a Cultura é capaz de revelar os entes subjetivos, sobre os quais se estruturam as noções de identidade e pertencimento. Até mesmo os processos de conformação dos sujeitos com as suas classes sociais são determinados pela Cultura. Ou, pelo menos, assim acontecia, até o surgimento da comunicação de massa, cuja dinâmica produz – ou reproduz – uma miríade de entes culturais, cujo escopo é o de afastar os sujeitos dos valores, hábitos e perspectivas, típicos das classes sociais a que pertencem.

Após a Revolução Industrial, a Cultura passou a atender a uma determinante normativa e ideológica. De acordo com Duarte (1998), a Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, trouxe mudanças significativas aos âmbitos político, econômico e social, redirecionando a cultura ocidental, desde então até a contemporaneidade. Uma dessas mudanças foi a nova concepção de divisão do trabalho, visando dinamizar a produção, a partir da separação das tarefas de cada trabalhador. Essa nova lógica do trabalho permitia que os trabalhadores, que, antes, exerciam as suas funções dentro de suas casas, agora tivessem um local específico para trabalhar e um horário a ser seguido com disciplina e rigor.

Como consequência, os momentos de lazer passaram a ser mais frequentes nas vidas das pessoas, uma vez que, enquanto não estavam trabalhando, procuravam se entreter com programações prazerosas. No entanto, os recursos que propiciavam esse tipo de divertimento eram muito excludentes, agregando apenas a parte elitizada da sociedade. Essa circunstância se alteraria com o surgimento dos Music Halls, espaços em que aconteciam espetáculos teatrais e musicais popularescos. Esses ambientes eram frequentados pelo proletariado, o que gerava toda a sorte de preconceitos de classe. Os Music Halls eram marginalizados, tidos como ambientes espúrios, mal frequentados. Por outro lado, a elite burguesa se alimentava da arte clássica, que, além de supervalorizada, ainda era percebida como um símbolo de prestígio e status, para aqueles que a consumiam. A partir dessas percepções, nasceu a ideia de que a cultura erudita seria superior e, portanto, mais valorizada que a cultura popular (DUARTE, 1998).

Entre a Segunda metade do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX, surgiram meios de comunicação com características de largo alcance. Inicialmente, esses veículos eram restritos às elites, porém, com a sua popularização, surgiu a chamada comunicação de massa, caracterizada por disseminar facilmente informações para uma quantidade massiva de pessoas (DUARTE, 1998). Os meios pioneiros, que possibilitaram o alcance massivo dos públicos, foram o jornal e o rádio. Neles, surgiram as primeiras novelas, que eram separadas por episódios diários e retratavam a vida cotidiana como entretenimento.

Posteriormente, com o sucesso das suas produções, o cinema também se tornou um importante meio de comunicação de massa, seguido pela televisão, na primeira metade do Século XX (DUARTE, 1998).

A apropriação e a adaptação dos traços da cultura erudita e da cultura popular, pelos meios de comunicação de massa, gerou a cultura de massa (DUARTE, 1998). Segundo Morin (1997), o consumo da cultura de massa – nominada pelo autor como “Terceira Cultura” –, está vinculado ao lazer e ao tempo livre, ou seja, a cultura de massa, que tem por objetivo atingir diversos públicos por meio de um só produto, é a própria cultura do lazer. O autor (MORIN, 1997) afirma que esse fenômeno gera a despersonalização do processo de produção, uma vez que os produtos culturais são comercializados, perdendo o seu real sentido e sendo fabricados de maneira veloz e em grandes quantidades, para atender às demandas da massa. Isso faz com que a essência da Cultura se perca, oferecendo aos consumidores produtos culturais superficiais e sem valores (do ponto de vista ético e estético).

Dessa perspectiva, Morin (1997) corrobora o posicionamento dos teóricos da primeira geração da Escola de Frankfurt, segundo os quais, a cultura de massa teria uma função narcotizante. Engendrada pelas elites para o consumo dos proletários, a cultura de massa serviria para promover a acomodação do povo, impedindo que as pessoas formassem uma visão crítica sobre si ou sobre as suas próprias condições de vida. A cultura de massa é composta de produtos peneiros de ideologias provindas das

classes abastadas, produzidos sem apuro, de maneira serializada, absolutamente vazios de qualquer laivo de criticidade ou de criatividade (DUARTE, 1998).

Carvalho (2010) adverte sobre o processo de mercadorização da Cultura. Para o autor, a maneira com que a Cultura é desvinculada do seu real significado e transformada em espetáculo para o consumo alheio, faz com que perca a sua identidade. Nesse contexto, Benjamin (apud CARVALHO, 2010) estabeleceu os conceitos de vivência e experiência: a experiência é capaz de causar um impacto existencial no indivíduo, reconectando o mesmo com a comunidade a que pertence e permitindo-lhe um maior enraizamento do próprio ser; a vivência é caracterizada pela superficialidade e fugacidade. Dessa maneira, nota-se que a espetacularização da cultura inibe a sua essência, tornando-a apenas um mero produto. Imersa nessa lógica, até a forma de produzir a Cultura é alterada. Se, antes, a Cultura era considerada nobre, sacralizada, digna da proteção do Estado; hoje, é baseada em um sistema que visa o lucro acima de qualquer questão social, no qual o Estado é um dos que mais se beneficiam com a espetacularização da Cultura (CARVALHO, 2010).

Em relação à influência que a comunicação de massa desenvolveu sobre a Cultura, pode-se afirmar que a comercialização da Cultura, via meios massivos de comunicação, restringiu os bens culturais até o ponto em que o teor crítico e revolucionário destes se tornaram esvaziados, comprometendo, assim, a sua função emancipadora. Afinal, o consumo de uma cultura

mercadorizada torna muito difícil o questionamento do sistema sociocultural em que as pessoas estão imersas. Quando a Cultura passa a ter um caráter simplista e objetivo, visando apenas controlar o comportamento das pessoas (seja de maneira ideológica ou econômica), ela se torna apenas um instrumento de manipulação, perdendo o seu sentido original e se tornando apenas um meio para atender as demandas de lazer das massas.

Referências

CARVALHO, José Jorge de. 'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares na América Latina. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**. Recife, ano 14, vol.21, n. 1, pp. 39-76, jan./jun. 2010. ISSN: 2525-5223. Disponível em https://periodicos.ufpe.br/revistas/re_vistaanthropologicas/article/view/23675/19331 Acesso em 18 nov 2022.

DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural**: uma introdução. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no Século XX**: Neurose. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

Ofertados pela

Faculdade LUSÓFONA BAHIA

Consulte aqui o cadastro da instituição no sistema do MEC

Quatro cursos de pós-graduação em **COMUNICAÇÃO** presenciais

Aproveite a promoção e matricule-se agora!

Em parceria com a

ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO

ÉTICA E RESPEITO



PROPORCIONANDO
EXPERIÊNCIA
PRÁTICA E
ORIENTAÇÃO



DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NEGRAS NA INSERÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO

Jaira da Luz Santos

1. Introdução

A realidade estrutural da discriminação enfrentada por mulheres negras está introduzida em seus cotidianos pelas diversas formas de preconceito, promovidas pelo colonialismo, patriarcalismo, Capitalismo, racismo e sexismo. No que diz respeito ao mercado de trabalho, há certa “intencionalidade colonial”, no qual se percebe pelas barreiras refletidas na sociedade (OLIVEIRA, 2021). É visível a segregação de empregos entre homens e mulheres, mais ainda quando relacionada às mulheres negras. Esse preconceito tem suas raízes na escravidão, apesar de ter sido “abolida”, há mais de um século.

O racismo e o preconceito se fazem presentes nos mais diversos espaços de trabalho, principalmente, naqueles que são ocupados majoritariamente por pessoas não-negras (ALMEIDA DE ATAÍDE, 2013). Devido ao caráter patriarcal e paternalista da sociedade brasileira, atribui-se à mulher branca o papel de esposa zelosa e dedicada, cuja única obrigação é cuidar do marido e ser mãe dos seus filhos. Contrariamente, a negra pode ser considerada como uma mulher essencialmente produtora, com um papel semelhante ao do seu esposo. Conforme Césaire (2021), antes de qualquer coisa, como escravizada, ela era uma

trabalhadora, não só nos afazeres da casa grande, nos quais se incluem as atividades que não se limitam somente a satisfazer os mimos dos senhores, senhoras e seus filhos, mas igualmente como produtora de alimentos para a escravaria, como, também, no campo, nas atividades subsidiárias da corte e do engenho.

Por outro lado, além da sua capacidade reprodutiva, pela sua condição de mulher, mãe em potencial de novos escravizados, davam-lhes a função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado de mão-de-obra interno, ou seja, a mulher negra era uma fornecedora de mão-de-obra em potencial, concorrendo com o tráfico negreiro. Essa herança fez com que, nos dias atuais, a mulher negra se encontre em situações semelhantes, nas quais, muitas vezes, é mãe solteira, com dupla jornada de trabalho, cuidando da casa e dos filhos (CÉSAIRE, 2021).

2. Materiais e métodos

Esta é uma investigação de enfoque qualitativo, baseada no procedimento de análise e síntese de natureza bibliográfica. De acordo com Minayo (2002), a pesquisa bibliográfica consiste em selecionar as leituras e fazer a análise do material, com uma visão seletiva, crítica, analítica ou descritiva.

3. Resultados e discussão

O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010; 2017), mostra que a população negra feminina

é composta por mulheres pretas e pardas, que ocupam, em grande maioria, serviços domésticos, sendo referendadas como principais meios de sustento e manutenção da família. Cerca de 39,6% das mulheres negras ocupavam, em 2017, as piores condições de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos (20,6%) (IBGE, 2017). De acordo com a pesquisa, as mulheres negras eram maioria entre as pessoas desempregadas e no trabalho doméstico (IBGE, 2017). Desse modo, entendemos que, no Brasil, a desigualdade social afeta de diferentes formas a vida social e profissional das mulheres, sobretudo das mulheres negras. Logo, podemos observar que essas segregações estão diretamente interligadas com a estratificação social e com as questões raciais e de gênero.

Costa (2019) pondera que a falta de oportunidade da mulher negra no mercado de trabalho, está diretamente ligada à herança escravocrata, na qual, o principal agravante é a manutenção do privilégio dos grupos dominantes, em que os maiores beneficiados são os brancos. Nessa estrutura de segregação, os povos pretos são os mais afetados, pois implica diretamente na forma de tratamento que o povo preto receberá dessa população dominante, ou seja, o efeito disso é a discriminação cada vez mais presente na sociedade. Desse modo, quando se trata da mulher negra, essa problemática fica mais perceptível, sendo assim, se a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupavam na sociedade colonial, é devido ao fato de ser uma mulher de raça negra, carregando o histórico dos seus antepassados.

Essa “herança” deixa marcas profundas nas relações sociais entre pessoas negras e não-negras.

Nesse contexto, o estudo sobre as desigualdades sociais abarca, necessariamente, a compreensão do processo de estratificação social e seus mecanismos de produção e reprodução. As dimensões de raça e gênero se configuram como marcadores sociais chave, na hierarquização das posições que os sujeitos ocupam nessa estratificação. É nesse sentido que as desvantagens historicamente observadas penetram a estrutura de classes de modo a atualizar discriminações e manterem segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas. (GONZALEZ, 1988).

4. Conclusão

Em um contexto histórico mais abrangente, podemos observar que a mulher negra sofreu, desde o início das viagens entre continentes, com a ideia de poder e posse, humanos passaram a escravizar outros humanos, com base em cor de pele e critérios que foram julgados e de maneira que diminuísse o outro. A mulher preta era tratada como menor que os outros seres humanos, inclusive colocados abaixo do homem preto, que também era visto como menor que os outros. O racismo e a escravidão foram responsáveis por enquadrar a mulher preta no ideal de indivíduo responsável por cuidar do lar, ou de crianças e de preparar alimento, além de outras atividades que lhe trazia humilhação.

Apesar de sobreviver em meio a dificuldades que sempre batiam a porta, as mulheres foram capazes de superar crises e todas as atrocidades que cercavam sua existência. Em tempos mais atuais, o resquício das épocas passadas ainda continua: a mulher preta, sendo de classe baixa em grande parte, sofreu e sofre com a exclusão e discriminação, simplesmente por algo que não pode ser escolhido. Seu gênero, classe social e cor, são fatores utilizados para diminuir qualquer dor e sofrimento. A discriminação é bem mais visível no meio social, seja, na escola, no comércio, no trabalho, num passeio, na política, até mesmo na igreja, dentre outros.

Portanto, levando em conta todos os meios existentes no contexto histórico e as suas ligações com as ações da assistência social, pode-se observar a necessidade ímpar de mais profissionais inseridos na área, mas com a visão ampla de mudanças positivas a respeito da discriminação, preconceito, racismo sofrido pela mulher negra, principalmente no mercado de trabalho, objetivando a busca de melhorias nas desigualdades sociais, em um país tão diversificado, em termos de cultura e tradições, com tantas riquezas, mais ainda pobre em atitudes de gerar pessoas humanamente igualitárias, que não vejam, na cor nem na condição financeira ou social, um defeito; mas, sim, que enxerguem o respeito à mulher preta, com todas as suas qualidades, capacidades e determinação de seguir em frente, um ser a conquistar o seu espaço, de forma digna e colaborativa na sociedade.

Referências

ALMEIDA DE ATAÍDE, A. M. **A mulher negra no mercado de trabalho**. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CÉSAIRE, A. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: **Revista Veneta**, v. 4, n. 6, 2021, p. 65. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

COSTA, E. V. A abolição. São Paulo: **Revista UNESP**, v. 9, n. 3, 2019, p. 23. Disponível em: <http://editora.unesp.br/>. Acesso em: 05 nov. 2022.

GONZALES, L. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. 92. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados populacionais. Brasília: **Revista IBGE**, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 nov. 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados populacionais. Brasília: **Revista IBGE**, 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 nov. 2022.

OLIVEIRA, R. F. S. **O Lugar do feminino negro no mercado de trabalho: para além do salário e da remuneração**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

O CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS COMO UMA POSSIBILIDADE DE GRADUAÇÃO

Caroline dos Santos Sena

1. Introdução

Quando se é um estudante entre 15 e 18 anos, cursando o Ensino Médio no Brasil, um dos maiores focos é estudar para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e decidir que carreira ou faculdade se quer estudar e seguir. Dentro desse contexto, nos são apresentadas diferentes opções de áreas, cursos e graduações, e, dentro delas, muitas já são conhecidas e desejadas, como Medicina, Engenharia ou Direito. Mas uma questão que foi observada é como o curso de Relações Públicas não se apresenta como uma opção para aqueles interessados na área de Comunicação. Se tem noção do que o curso de Jornalismo ou de Publicidade e Propaganda podem oferecer, mas, quando se fala de Relações Públicas, não é algo tão comum ou conhecido, segundo observações pessoais.

Esse resumo tem como objetivo observar o ambiente educacional do ensino médio brasileiro, para coletar informações sobre os fatores existentes, no que tange à formação da tomada de decisão dos estudantes para sua próxima área de estudo. Entender, nesse contexto, como funciona esse ambiente e as opções de escolha disponíveis para esses jovens, tendo um olhar mais direcionado à visibilidade dos cursos de Relações Públicas. Para analisar, dessa forma, as informações coletadas e formar uma linha

de entendimento sobre os motivos da existência dessa deficiência de informações, quanto aos cursos de Relações públicas. Para tanto, utilizamos pesquisas bibliográficas sobre a história da educação brasileira e das Relações Públicas no Brasil, além da aplicação de entrevistas com estudantes de Relações Públicas.

2. Materiais e métodos

Esse estudo foi dividido em duas partes, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico e uma entrevista semiestruturada para a captação de informações importantes para o estudo, e na segunda parte foi feita uma análise e cruzamento de dados referente às pesquisas realizadas anteriormente, buscando dessa forma encontrar respostas para o questionamento levantado nessa pesquisa. Possuindo uma estrutura qualitativa com enfoque na análise das informações encontradas.

3. Resultados e discussão

A invisibilidade das Relações públicas é uma realidade bastante discutida pelos estudiosos da área, por ser algo que é constantemente observado pelos profissionais que trabalham com essa função. Sendo esse um aspecto que possui grande importância, sendo que as atividades de Relações Públicas têm uma grande relevância para as organizações, mas não têm o mesmo reconhecimento. Utilizando do cruzamento das informações encontradas através dos estudos bibliográficos e as entrevistas

semiestruturadas que foram aplicadas, foi observado três diferentes aspectos que podem influenciar na invisibilidade da profissão, no ingresso à graduação de Relações Públicas por alunos finalizando o ensino médio.

Através dos aspectos sociais buscou-se entender a maneira como a sociedade funciona e a forma como isso afeta as escolhas dos jovens para a sua futura carreira, destacando a pressão social existente em fazer a escolha certa de acordo com o que as pessoas ao seu redor esperam dele, seja seus pais, familiares ou amigos. Ao analisar os aspectos educacionais foi observado como a estrutura da Educação é estabelecida, verificando os tipos de suportes disponibilizados pelas instituições e a maneira como isso é aplicado, além de compreender a forma como o histórico da Educação tem relação com isso. Analisando a maneira como a estrutura educacional funciona, tendo como recorte o ensino médio, se torna perceptível a falta de espaço existente para diferentes cursos serem vistos e considerados. Por fim, os aspectos profissionais buscaram entender como as relações públicas como profissão e seu desenvolvimento influenciam na invisibilidade atual. A história das Relações Públicas no Brasil foi marcada por muitas incertezas, mudanças estruturais e poucas oportunidades para um desenvolvimento mais consistente devido às mudanças políticas do País, o que resultou em uma profissão pouco conhecida e divulgada.

Não se pode negar que as Relações Públicas do Brasil trilharam por muitos desvios na trajetória que ela deveria ter seguido de forma natural como profissão legalmente institucionalizada, incubida de uma missão nobre, embora

esta ainda não seja devidamente conhecida nem reconhecida (KUNSCH, 1997, p.41).

Depois de analisar todos os três aspectos de modo individualizado, observando a maneira como eles afetam na invisibilidade do curso de Relações Públicas, foi possível perceber a importância que essas diferentes perspectivas têm para que exista esse desconhecimento referente à graduação nessa área.

4. Considerações finais

Ao fazer uma análise dos três aspectos de modo conjunto é possível perceber como a falta de conhecimento da graduação em Relações Públicas é uma realidade que acontece não apenas por causa da própria profissão, mas, principalmente, por causa de todos os elementos que envolvem o processo de escolha de um estudante de ensino médio. Notou-se que esse momento de decisão é cercado por diferentes pressões sociais e uma falta de incentivo de exploração de possibilidades para esses jovens, dificultando a descoberta de diferentes áreas de estudo, acarretando em escolhas de cursos que são mais conhecidos. O processo de pesquisa é essencial para o encontro de informações de diferentes profissões e áreas, e atualmente com a internet o acesso a tudo isso é facilitado, então mesmo profissões como Relações Públicas tem a capacidade de ser encontrada. A invisibilidade dessa área é algo que ainda precisa ser estudado, mas entender a maneira como os outros aspectos afeta em tudo isso é de extrema importância, visto que atualmente é possível encontrar

informações sobre a profissão de Relações Públicas através da internet, o que é necessário é que seja dado o primeiro passo e que esses estudantes possam ser incentivados a explorar outros caminhos.

Referências

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Relações Públicas e Modernidade: Novos Paradigmas na Comunicação Organizacional**. v. 56. São Paulo: Summus, 1997.



A Escola Baiana de Comunicação oferece cursos que vão transformar a sua maneira de se comunicar.

INSCREVA-SE JÁ!

 **ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO**



PROMOVENDO UMA
COMUNIDADE DE APOIO
PARA NETWORKING



A COMUNICAÇÃO NA ATUAÇÃO DOS ASSISTENTES SOCIAIS PERANTE A NECESSIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS CONHECIMENTOS INDÍGENAS DA ETNIA KAIMBÉ

Magna Silva Gonçalves Kaimbé

1. Introdução

A atuação dos assistentes sociais é de suma importância para nós, povo Kaimbé. Como auxílio desses profissionais, é possível firmar pesquisas em preservação e cultivo da flora local, para que as nossas futura gerações entendam o verdadeiro valor da Saúde, promovida pelas nossas ervas medicinais.

Diante da perda gradativa dos conhecimentos da comunidade Kaimbé sobre os seus recursos culturais, é imprescindível que os assistentes sociais, que atuam no Território Indígena do Massacará, auxiliem na preservação da riqueza de saberes e costumes, fazendo com que aumente o interesse das novas gerações Kaimbé em saber de aprender a cultivar os nossos traços culturais.

2. Materiais e métodos

Este é um estudo iminentemente qualitativo, baseado na apropriação bibliográfica, ressignificada pela vivência da autora no Território Indígena da sua etnia.

3. Resultados e discussão

A Cultura é o maior tesouro de um ser humano, algo que ele carrega e é construído de maneira natural e que passa a fazer parte da sua essência. Para os povos indígenas, a Natureza se cria e recria num processo de partilha com a Humanidade, dando-lhe, generosamente, tudo o que a espécie humana precisa para sobreviver. Essa, por sua vez, deve retribuir com respeito e reverência à Grande Mãe que tão generosamente partilha das suas existências ecológicas. Os indígenas nascem, crescem e se desenvolvem nos seus territórios, necessitando de apoio social e ambiental para manter e conservar a sua cultura (OLIVEIRA, AMAROSO, LIMA, SHIRATORI, MARRAS, EMPERAIRE, 2021).

Os Assistentes sociais, em um contexto indígena, devem manter as relações sociais, considerando os conhecimentos ancestrais estabelecendo relações de aprendizado e difusão dessas culturas. O meio social e o meio ambiente caminham juntos, assim como a Natureza e a Cultura, para os povos indígenas, em que todos os elementos se fundem na construção do ser. Tudo na Natureza tem sua importância e função, contribuindo para o equilíbrio do universo como pode ser descrito no trecho a seguir:

Num roçado, as mandiocas são polinizadas por abelhas e pequenas vespas que, atraídas pelo cheiro das flores, vão coletar néctar para, segundo os Wajãpi, fazerem bebida fermentada e festejarem em suas aldeias, á semelhança de como eles mesmos fazem na vida cotidiana (OLIVEIRA;

AMAROSO; LIMA; SHIRATORI; MARRAS; EMPERAIRE, 2021, p. 126).

A comunicação, na perspectiva do Serviço Social, pode contribuir sobremaneira para que os povos tradicionais desenvolvam suas potencialidades de desenvolvimento cultural, mantendo as suas tradições e fortalecendo as relações com as futuras gerações de indígenas, com o objetivo de perpetuar os conhecimentos ancestrais. Nesse sentido os assistentes Sociais vêm a ser colaboradores e difusores de informação, para o fortalecimento dessas relações sociais e culturais dos povos indígenas, revelando as realidades sociais e favorecendo no entendimento acerca das identidades culturais dos povos indígenas brasileiros, encampando, dessa forma,

[...] sua agenda de lutas históricas, denunciando a persistência do etnocentrismo em nosso país e, de certa forma, sua apropriação pelos interesses econômicos do grande capital. (CFESS., 2013, p. 1)

Na Sociedade da Informação, o Serviço Social, no âmbito das comunidades indígenas, não pode ser dissociado das atividades comunicacionais, primeiro, porque são naturalmente formadores de opinião; depois, porquê os povos indígenas contemporâneos acessam e se utilizam dos meios de digitais de comunicação, no sentido de dotar-lhes de um caráter de espaço de debates para os seus pleitos, no que devem ser – e efetivamente o são – assessorados pelos assistentes sociais.

4. Conclusão

Após conclusão do estudo, foi constatado que os saberes tradicionais do nosso povo precisam ser valorizados, apreciados, protegidos, para a preservação dos mesmos. É assegurado por Lei o direito à cidadania indígena e à preservação dos nossos mananciais social, espiritual e cultural, além da preservação do nosso Meio Ambiente. As questões indígenas nem sempre são reconhecidas, na sua importância, perante a sociedade de entorno. Nesse sentido, os assistentes sociais podem prestar uma inestimável ajuda, utilizando-se dos meios de comunicação – especialmente, os meios digitais –, como palco de debates e de mobilização da opinião pública e como mecanismo de pressão sobre as instâncias governamentais. Na Sociedade da Informação, o acesso à produção do conhecimento interétnico é condição de sobrevivência para as culturas indígenas.

Referências

CFESS. Conselho Federal de Serviço Social. **Manifesto sobre a Luta Indígena**. 2013. Disponível em <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/944> Acesso em 11 maio 2023.

OLIVEIRA, Joana Cabral de; AMAROSO, Marta; LIMA, Ana Gabriela Amorim de; SHIRATORI, Karen; MARRAS, Stelio; EMPERAIRE, Laure. **Vozes vegetais: diversidades, resistências e histórias da floresta**. São Paulo: USP/INICAMP, 2021.

INFLUÊNCIA DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO NOS ESTUDOS DAS RELAÇÕES PÚBLICAS

Maria Luiza de F. R. Altmicks

As teorias da comunicação são fundamentais para a compreensão dos processos comunicacionais na Pós-Modernidade. Desse modo, pesquisadores e comunicólogos estudam as teorias, com o propósito de analisar cada uma dessas vertentes, identificando aquelas que ainda são aplicáveis e usando-as como referência para a elaboração de novos estudos. Dentre essas teorias, faremos um pequeno recorte e dissertaremos sobre as teorias Funcionalista, Hipodérmica e Informacional e as suas influências nos estudos e nos conceitos das Relações Públicas.

A Teoria Funcionalista, herdeira do Positivismo, defende que as partes da sociedade possuem uma relação de interdependência, entre si, como num organismo vivo, no qual, se uma parte deixa de funcionar, toda a estrutura é afetada. As Relações Públicas circunscrevem-se a uma lógica semelhante, uma vez que o profissional de RP deve ter um olhar holístico diante da comunicação, certificando-se de que todas as partes da instituição que representa profissionalmente estejam cumprindo as suas respectivas tarefas e seguindo os valores e normas da organização, para que, desse modo, a estrutura funcione de maneira harmônica.

Em paralelo a isso, notamos que a Teoria Funcionalista buscava a compreensão dos efeitos dos meios de

comunicação de massa na sociedade, a partir do que, surgem dois tipos de preocupação: a ética, que estava relacionado com a influência dos meios de comunicação nos valores sociais; e a de cunho utilitário, que visava utilizar a comunicação para fins políticos e comerciais. Assim, as Relações Públicas partilham dessa preocupação, na medida em que precisam saber para quem passar determinada informação e de que modo, atentando-se aos valores daquela determinada sociedade e tendo em vista os seus objetivos finais.

A Teoria Hipodérmica, também chamada de Teoria da Bala Mágica, foi desenvolvida em meados do século XX, baseada no Behaviorismo, uma abordagem sistêmica, que estudava como o comportamento dos indivíduos pode ser condicionado através de estímulos. Essa teoria defendia que a massa, enquanto um conjunto de pessoas isoladas, que se comportam da mesma maneira e são desprovidas de senso crítico, pode ser facilmente manipulada através dos meios de comunicação. No entanto, depois de alguns estudos, ficou evidente que os meios jamais conseguiriam alcançar todas as pessoas, da mesma maneira e com a mesma intensidade, visto que “[...] para além dos meios, as reações dos indivíduos são atravessadas por variáveis” (SIMÕES; FRANÇA, 2017, p. 64). Desse modo, o campo das Relações Públicas se ocupa em estudar os públicos, a fim de adequar a mensagem que a organização deseja mandar, tornando-a mais eficiente e obtendo resultados positivos.

Por fim, a Teoria Informacional, elaborada a partir de 1948, estudava os problemas técnicos da comunicação, isto é,

relativos à transmissão e à recepção. Essa teoria visava prever e corrigir as interferências que poderiam prejudicar a transmissão da mensagem, ou seja, os ruídos, para que assim a informação fosse passada da maneira mais clara possível. As atividades de Relações Públicas dialogam com essa teoria, na medida em que o profissional de RP tem como uma de suas funções qualificar a comunicação entre as organizações e seus públicos, garantindo que a mensagem seja passada de maneira eficaz, prevendo e evitando possíveis ruídos.

A abordagem empírica da persuasão baseia-se nos fenômenos psicológicos individuais que intervêm nos processos comunicativos. Dessa maneira, essa vertente busca a compreensão do processo entre o estímulo e resposta. Diferente da Teoria Hipodérmica, a abordagem da persuasão entende que uma mesma mensagem pode gerar diferentes respostas, em cada indivíduo, devido a diversos fatores, como a percepção e memorização seletivas e suas personalidades distintas. A partir disso, os estudiosos começaram a elaborar pesquisas, com o intuito de encontrar relações entre os conteúdos dos programas da época e as características do público que os consumia. Por fim, conclui-se que, para os defensores dessa abordagem, “[...] os comunicadores devem atuar, de certa maneira, com o um psicólogo das massas, diagnosticando e trabalhando os estados mentais daqueles a quem pretendem persuadir” (SIMÕES; FRANÇA, 2017, p. 66).

Por outro lado, a abordagem empírica dos efeitos limitados é fundamentada em aspectos sociológicos, isto é, a mídia

possui uma influência limitada sobre a vida das pessoas, uma vez que é só uma das forças que regem a sociedade. Sendo assim, essa abordagem defende que as relações interpessoais, bem como os grupos e categorias sociais, atuam no processo de decisão de cada indivíduo. Portanto, os estudiosos que defendiam essa vertente buscavam correlacionar os conteúdos dos programas com as características das suas audiências. Dessa maneira, os meios atuam indiretamente na sociedade, por meio de uma influência que é filtrada pelo contexto social.

Tendo em vista os argumentos acima, percebe-se que as duas abordagens mencionadas contribuem com as atividades das Relações Públicas, na medida em que demonstram a importância do estudo de públicos para uma comunicação eficaz. Tanto na abordagem empírica da persuasão, quanto na abordagem dos efeitos limitados, os pesquisadores precisaram traçar o perfil dos espectadores, para assim, conseguir obter resultados mais promissores. Sendo assim, nota-se que os meios de comunicação devem sempre levar em conta as influências externas que contribuem com a forma de percepção do indivíduo sobre o mundo, as Relações Públicas, neste caso, podem contribuir com pesquisa e com o planejamento desse processo.

Referências

FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula G. **Curso Básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SUBJETIVIDADES NEGRAS FEMININAS: A SÍNDROME DA IMPOSTORA E O NÃO-LUGAR

Lathara Ferreira Veríssimo Januário

O presente estudo busca uma análise qualitativa acerca da síndrome da impostora a partir de um ponto de estudo interseccional. Para isso, foi utilizado o texto base de Clance e Imes (1978) e discutido com outros autores que tratam também da psicologia social do racismo, como Fanon (2008), Davis (2016) e Hooks (2019).

O primeiro estudo a respeito do que seria a síndrome da impostora foi escrito por Pauline R. Clance e Suzane A. Imes, em 1978. No estudo elas acompanharam algumas mulheres brancas, de classe média a alta e com altos estudos. A partir do que foi analisado com elas, traçaram um perfil sobre o que causa essa síndrome, quais são os comportamentos típicos de quem é acometido por ela, o porquê de serem mulheres, com especificidade e artifícios que utilizam para manter as máscaras de impostoras.

Assim, o presente estudo buscou se debruçar sobre as particularidades da síndrome da impostora em mulheres negras. Para isso, são trazidos autores que tratam sobre as subjetividades negras femininas e gerais, a fim de que haja um entendimento sobre corpos que estão no não-lugar, o não pertencimento. Corpos os quais são atravessados por múltiplas violências físicas, intelectuais e emocionais, as quais afetam objetivamente a construção de suas

subjetividades. Os corpos que são mais afetados são os corpos não-brancos e os corpos periféricos.

Para entender o adoecimento mental causado pelo racismo e o colonialismo na autoestima e confiança foi utilizado Fanon (2016), que trata diretamente da desse assunto, em “Pele negra, máscaras brancas” e em “Discurso sobre o colonialismo”, respectivamente. Para entender esse não-lugar do corpo diferente do CISTema, é importante observar essa imposição marginal motivada por raça, classe e gênero, bem como sexualidade e ter uma deficiência (intelectual ou física). Quanto mais longe do padrão eugênico, mais suas habilidades profissionais e capacidades cognitivas sofrem o demérito.

Alguns teóricos, como Amy Cuddy (2016), defendem que a culpa está na autossabotagem, na postura, ou na falta dela, culpando o próprio sujeito pelas violências e intercorrências das violências sofridas. Será que se a modelo Kathlen Romeu e seu bebê foram assassinados pela Polícia Militar por falta de postura ou autossabotagem? Pois esse é o caso extremo do genocídio que corpos não-brancos e periféricos sofrem e a partir da observação e vivência dessa realidade que se constroem as ideias, sonhos, desejos. Muitas vezes, o desejo passa a ser apenas o de sobreviver, talvez nem isso. Em “Cemitério dos Vivos”, Lima Barreto (1998), no alto de sua intelectualidade negada na Academia Brasileira de Letras, se rende à reclusão de seu corpo.

A mídia é uma das grandes aliadas no processo de adoecimento do sujeito. Com representações discriminatórias e tendenciosas.

Imagem 1: Ilustração de notícia do Estadão



Fonte:<https://www.poder360.com.br/midia/criticado-estadao-troca-foto-de-mao-negra-segurando-arma/>

A primeira imagem foi de uma notícia do Estadão sobre um assassino branco, mas escolheram utilizar uma mão negra na ilustração da reportagem. Então, é importante que pensemos quantas vezes somos bombardeados com esse tipo de imagem e representação.

Imagem 2



Fonte:<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/12/19/noticia-diversidade,1435251/perfil-publica-caricatura-racista-de-mbappe-para-final-da-copa-do-mundo.shtml>

A segunda imagem, digna de ilustrar uma nova edição de “Pele negra, máscaras brancas” trouxe uma caricatura de cunho racista de um dos maiores atletas da última copa do mundo.

O racismo adocece nossos corpos e precisamos passar por processos de cura. O primeiro ponto de extrema importância é assumir que o racismo existe e está presente nas simbologias e representações, bem como sua prática mata aos poucos os corpos que são vítimas deles,

suprimindo sua inteligência, capacidades técnicas e teóricas ou de fato violentado fisicamente.

Gonzales e Hasenbalg (2022) ensinaram sobre a necessidade dos negros construirmos nossa própria identidade, não deixar que nos limitem e decidam arbitrariamente sobre nossas vidas. Já Bell Hooks (2017; 2019) e Audre Lorde (2007) trouxeram um dos conceitos mais importantes: o do amor próprio e do autocuidado, não apenas consigo, mas com todos os semelhantes também.

Referências

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CLANCE, Pauline Rose; IMES, Suzanne Ament. *The imposter phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention. Psychotherapy: Theory, research & practice*, v. 15, n. 3, p. 241, 1978.

CUDDY, Amy. **Sua linguagem corporal molda quem você é**. 2016. Disponível em: https://www.ted.com/talks/amy_cuddy_your_body_language_may_shape_who_you_are?language=pt-br

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou

ressignificação cultural?. **Revista brasileira de Educação**, p. 40-51, 2002.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?:** mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** A educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes. 2017

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais**, ago-set-out 2022 <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=destaques>

ISP -RJ. **Dossiê Mulher** 2018. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/dossie-mulher-2018-isp-rj-2018/>

LORDE, Audre. **Sister Outsider: Essays & Speeches by Audre Lorde**. Berkeley Crossing Press, 2007. 124-133.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro:** processo de um racismo mascarado. Editora Perspectiva SA, 2016.

PROJETO CINE CULT: APLICAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS EM DISCIPLINAS TEÓRICAS NO CURSO DE COMUNICAÇÃO

Caique Correia de Castro
Heloisa Amália Ribeiro Santos
Velda Gama Alves Torres

1. Introdução

As inovações tecnológicas têm sido responsáveis pelas mais diferentes transformações sociais observadas em todo o mundo, envolvendo uma diversidade complexa de processo que tem influenciado nos padrões de consumo, nos estilos de vida, nas relações de trabalho, nas identidades, nos processos de ensino e aprendizagem e em outros aspectos nas mais distintas áreas, provocando cada vez mais distanciamento das tradições e de estruturas fixas/estáveis.

Nesse contexto, os usos dessas tecnologias têm influenciado os modos de produção, os processos de socialização e os modos de distribuição e usos dos conhecimentos. A popularização dos dispositivos móveis e o acesso a internet, por exemplo, foram e continuam sendo molas propulsoras do fenômeno da democratização da informação. São muitos os avanços da tecnologia e seus efeitos que se tem presenciado nas esferas social, econômica e política, com repercussões importantes na educação. Com um mundo de possibilidades na palma da mão, para conhecimento ou distração, o seguinte questionamento preocupante aparece

em sala de aula: como despertar o interesse e prender a atenção de uma turma inteira que apresenta resistência a métodos tradicionais e passivos de aprendizagem?

A facilidade de acesso a informação tem demandado ao docente pensar em novas formas de ensinar e aprender, que contribuam para manter o interesse do aluno pelos conhecimentos abordados em sala de aula, uma vez que ele pode ter acesso ao mesmo conteúdo por outros meios digitais. Tem como desafio a utilização de estratégias didáticas para um aprendizado diferenciado, adaptando-se a essa atual realidade, como defende Morán (2015 apud SOUSA et al., 2015). Nesse sentido, as metodologias ativas oferecem muitas possibilidades de estratégias diferenciadas e participativas.

Adotar metodologias ativas nos processos de ensino e aprendizagem implica na utilização de “estratégias de ensino-aprendizagem que buscam fugir do processo verticalizado, do professor que transmite o conteúdo aos alunos, que por sua vez se portam de maneira passiva, sem despertar criticidade ou criatividade alguma”. (MÄDER, 2019, p. 87). São propostas que convidam o aluno a ser protagonista do conhecimento que ele está adquirindo, por meio do sentimento de valorização e acolhimento de suas ideias pelo professor, como defende Mäder (2019, p. 88), ao afirmar que “[...] promover o sentimento de pertencimento no aluno é condição que contribui para o engajamento, sem o qual o aluno acaba por se tornar refratário à aprendizagem, pois não percebe relevância nem sentido nos conteúdos que lhe são apresentados”.

Esse processo acolhedor do ensino permite que a aprendizagem se construa e se fixe de maneira significativa, como defende Moreira (1999, p. 153, apud MÄDER, 2019, pg. 14), ao salientar que “a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação se ancora em conceitos ou proposições relevantes, preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz”. O objetivo deste trabalho é apresentar como uma proposta didática, envolvendo metodologia ativa, possibilitou, por meio das análises de filmes, uma aprendizagem significativa para os alunos de uma disciplina teórica dos cursos de Comunicação Social - Fundamentos de Sociologia e de Antropologia.

2. Materiais e métodos

O percurso metodológico incluiu a pesquisa bibliográfica, observação participante e entrevista semiestruturada com alguns alunos que cursaram a disciplina Fundamentos da Sociologia e Antropologia, no semestre de 2022.1, e participaram do projeto “Cine Cult”.

3. Resultados e discussão

O projeto “Cine Cult”, idealizado e proposto pela professora da disciplina, se trata da concepção de um material digital interativo, com o objetivo de estimular o interesse dos alunos pelos conteúdos de uma disciplina essencialmente teórica. O projeto envolveu a turma toda, com a proposta da criação colaborativa de um catálogo digital interativo

com indicações de filmes com narrativas que contribuíssem para reflexões sobre os conteúdos abordados na disciplina.

Os alunos com mais habilidades de direção de arte deveriam criar o arquivo, seguindo a estrutura de diagramação orientada pela professora, e compartilhar com os colegas de sala para que cada um pudesse contribuir com o conteúdo do catálogo, inserindo a sugestão do filme e uma resenha contextualizada (narrativa do filme e sua relação com os conteúdos da disciplina).

A atividade foi proposta no início do semestre para que ao longo das aulas os alunos pudessem pensar nos filmes que irão sugerir, finalizando o projeto para entrega no final do semestre. Os alunos tiveram total autonomia na gestão do projeto. Alguns deles ficaram à frente do projeto, acompanhando o cumprimento dos prazos estabelecidos por eles aos colegas para a inserção do filme e resenha, e também para que fosse mantido padrão definido na diagramação.

Cada aluno deveria escolher um filme, da sua preferência, que dialogasse com alguma das teorias vistas em sala de aula, para que pudesse, assim, fazer uma resenha contextualizando como a sua narrativa se conecta com tais conhecimentos teóricos. Uma proposta na qual o estudante se tornou protagonista no processo de aprendizagem, desenvolvendo, assim, o pensamento crítico e criativo, além de ter sido submetido a um “pensar certo”, como acreditava Paulo Freire (1996).

Pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente,

[...] O clima do pensar certo não tem nada a ver com a das fórmulas preestabelecidas, mas seria negação do pensar certo se pretendêssemos forjá-lo na atmosfera da licenciosidade ou do espontaneísmo. (FREIRE, 1996, p. 49).

Na entrevista realizada com alguns dos alunos que participaram do projeto foi relatado que essa proposta pedagógica foi determinante para a aprendizagem dos conteúdos, pela autonomia que proporcionou nesse processo de aprendizagem. Além disso, despertou para que os alunos passassem a assumir posturas mais reflexivas ao assistirem filmes, indo além das suas narrativas. M.L. associou o aprendizado ao fato de ser um filme que gostava. Para A.S. a atividade a fez “olhar o filme com uma visão ainda mais profunda e minuciosa”. L.B. afirmou que “deu pra revisar muitas coisas e visualizá-las no aspecto prático no mundo real”.

Esses três depoimentos reforçam a premissa de que a associação com conhecimentos prévios potencializa os processos de aprendizagem. Trata-se da aprendizagem significativa, na qual ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe (MOREIRA, M. A., 2012, p. 2). Uma estratégia sedutora na relação interativa professor-aluno, mobilizando o discente a desenvolver a sua própria potencialidade a partir de estímulos emotivos.

4. Considerações finais

No contexto atual, a persistência da aplicação de métodos tradicionais de caráter expositivo e hierárquico apresenta-se como retrógrado, desinteressante e maçante no espaço educativo, diante das possibilidades de propostas didáticas mais participativas, com autonomia e protagonismo do aluno. A substituição dessas metodologias passivas por alternativas que estimulem o protagonismo ativo, por parte dos discentes, cada vez mais tem apresentado resultados significativos no processo de ensino aprendizagem, desde que o docente visualize as tecnologias atuais como aliada na aplicação metodológica, apropriando-se delas.

O projeto “Cine Cult” apresenta-se como um exemplo de metodologia ativa que conseguiu despertar o interesse pelos conteúdos da disciplina e fomentar valores como liberdade, entretenimento, proximidade, interatividade e comprometimento por todos os envolvidos. A aplicação desse projeto em uma disciplina teórica, que essencialmente possui caráter expositivo, revelou como é possível garantir a atenção e o interesse dos alunos através do lúdico, distanciando-se da impressão o processo de aprendizagem nesse tipo de disciplina é “maçante” e “desinteressante”.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MÄDER, Maria Paula Mansur. **Metodologias Ativas na Educação Superior: Desafios para os Docentes no Curso De Publicidade e Propaganda.** 2019. 219 p. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

MOREIRA, M. A. O que é afinal aprendizagem significativa? **Revista cultural La Laguna Espanha**, 2012. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oque_eafinal.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

SOUSA, Rozane Pereira de; et al. Adesão de docentes às metodologias ativas como ferramenta de ensino-aprendizagem no ensino superior. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, [S.l.], v. 4, p. e-4002, out. 2019. ISSN 2526-3560. Disponível em: <<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/1159>>. Acesso em: 24 maio 2023.

ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO

A escola de comunicação oferece uma visão ampla e abrangente sobre as diversas áreas da comunicação, permitindo que seus alunos possam explorar suas habilidades e interesses.

ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO

A ênfase na prática e na experimentação faz da Escola Baiana de Comunicação uma referência no ensino de comunicação no Brasil.

@baianadecomunicacao
baianadecomunicacao.com.br

baianadecomunicacao.com.br



FOCO NA DIVERSIDADE
E INCLUSÃO EM TODOS
OS CURRÍCULOS



CULTURA MIDIÁTICA E CULTURA DA MÍDIA NA PÓS MODERNIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Maria Clara Costa Cabra
Maria Victoria de Medeiros Lopes

1. Introdução

A Academia em Comunicação Social utiliza do termo mídia e suas variações para denominar seus mais diversos fenômenos. Em seu sentido original, no inglês, o vocábulo *media* pode ser entendido simplesmente como meios de comunicação, mas, em Português, seu sentido varia conforme a literatura. Desse modo, quando esse termo é utilizado para denominar duas das principais correntes de pensamento dominantes dessa esfera, a cultura midiática e a cultura de mídia, é necessário diferenciar e comparar suas noções como forma de elucidar suas particularidades.

O presente trabalho, se apropria da bibliografia da autora brasileira Lúcia Santaella, professora titular da PUC-SP, e do acadêmico Douglas Kellner, visando revisá-las e estabelecer relação entre as duas a fim de desenvolver juízo crítico. Portanto, será abordado o modo em que esses dois conceitos se entrelaçam e se completam no amplo ramo da comunicação, considerando também a presença da Cibercultura como um elemento essencial de se entender os meios comunicativos na pós-modernidade.

2. Materiais e métodos

Este é um estudo de enfoque qualitativo para fins comparativos subsidiado pela análise bibliográfica das teses de (SANTAELLA,1996), (SANTAELLA, 2003) e (KELLNER, 2001).

3. Resultados e discussão

Apesar de ser a cultura dominante atual, a cultura da mídia é um fenômeno recente que se consolidou de fato no final da década de 1990, quando se disseminou o acesso a aparelhos de reprodução de uso doméstico, aqueles que veiculam informação, entretenimento e conhecimento, e estes passaram a compor papel influente na cultura tradicional, já consolidada. Ela é entendida como todos os aspectos componentes da trama da vida humana em sociedade veiculados por meios intermediários de comunicação de massa (KELLNER, 2001). Esses mesmos meios são geridos por instituições privadas que possuem seus próprios interesses e visões políticas, implicando diretamente na influência que têm sob os indivíduos e os envolvem em suas narrativas sem que percebam que estão sendo doutrinados a construir suas percepções acerca do ambiente e de si próprios.

Em adição a interesses propagandísticos, a cultura da mídia opera em favor de interesses econômicos, à medida que se organiza de forma industrial e produz seus atributos de forma padronizada, visando acúmulo de capital (KELLNER, 2001). Desse modo, ela anda a fim da cultura de consumo,

uma vez que as duas estão intrinsecamente ligadas por uma dependência recíproca. Enquanto a cultura de mídia tem papel primordial no sistema que renova a hegemonia das pautas correntes, ela se revela dicotômica ao aparelhar mecanismos de resistência e luta. Nesse sentido, o acadêmico Douglas Kellner afirma que:

[...] a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia. (KELLNER, 2001, p. 10-11).

Kellner (2001), alude aos trabalhos de Adorno e Horkheimer sobre indústria cultural, porém, é moderado em relação aos seus antecessores ao propor que a sociedade contemporânea está envolta no ambiente em que exerce papel além de apenas fabricar produtos alienantes, e sim uma cultura que de fato é formadora de identidades e dialoga com os indivíduos.

Em contrapartida, Santaella (2003) considera a cultura das mídias como transitória entre a cultura de massa e a cibercultura. A autora afirma que mesmo que se trate de uma transição, essa condição não implica no seu desaparecimento, já que ela se adapta facilmente e pode convergir com o que a autora também chama de eras culturais.

Essa dinâmica culminou no processo que Santaella (2003) denominou como hibridismo cultural, no qual, explana que a interação de duas ou mais culturas, geram uma nova complexidade cultural com reflexos da antiga, dessa forma,

e são consequência direta dos avanços tecnológicos e da difusão e intercâmbio entre as mídias. Esse fenômeno, também contou com o surgimento de dispositivos que facilitam o acesso a meios de comunicação e a comunicação em si, de forma gradativa, passou de um consumo massivo para individual.

3.1 Cultura Midiática

A cultura midiática, segundo Santaella (2003), traz como tese as conexões entre oralidade, visibilidade e tecnicidade, voltada para o momento em que o homem deixa de ser agente passivo dentro de uma comunicação massiva, e passa a ocupar o posto de agente ativo, num processo interativo e participativo. A autora aborda essa reflexão quando entra na temática da cibercultura, fazendo uma análise que perpassa sob o processo de ascensão da cultura midiática, cultura das mídias e se finda ao chegar no que designa por era digital, onde define que a cultura midiática é muitas vezes tomada como figura exemplar da cultura pós-moderna. Portanto, a cultura midiática aprovisiona a circulação mais fluida com as articulações mais complexas dos níveis, gêneros e formas de cultura, produzindo o cruzamento de suas identidades, visto que a cultura pós-moderna está ligada a uma nova forma de sociedade, é tida como a “cultura pós-industrial”, aquela responsável pela ampliação dos mercados culturais e pela expansão e criação de novos hábitos no consumo de cultura.

Entretanto, Santaella (2003) afirma que, em meados dos anos de 1980, a tecnologia dos microcomputadores já estava

presente em ambientes domésticos, e com o passar do tempo, os hábitos de seus consumidores foram mudando, o querer do “hoje e agora” e o consumo cada vez mais insaciável, fizeram emergir a cultura da velocidade e das redes e posteriormente a cibercultura como extensão da cultura contemporânea. Tal afirmação tem como fundamento a necessidade do simultâneo, da agilidade e da humanização das interações com as máquinas.

Partindo desse pressuposto, esses hábitos relacionados ao imediatismo não foram impostos, a introdução se deu de forma gradativa através da cultura das mídias. Porém, as mudanças mais profundas trouxeram como causa a extensão e desenvolvimento das hiper-redes multimídias de comunicação interpessoal, deixando aberto o leque para quem quisesse se aventurar em ser produtor, criador etc.

4. Considerações finais

Ao longo da explanação constante desse estudo, é possível concluir que existe uma clara distinção entre cultura da mídia e cultura midiática, que apesar de serem comumente confundidas, possuem suas particularidades. Embora seus conceitos sejam distintos, ambas as questões trabalham em conjunto na disseminação das informações da contemporaneidade.

Enquanto a cultura de mídias compartilha aspectos da cultura de massas e a transição entre as duas propostas possuiu como resultado cruzamentos culturais, todas as mídias estão conectadas entre si, cada uma com sua função

e desenvolvendo um papel comunicativo, porém todos esses meios transitam, chocam e multiplicam entre si.

A cultura da mídia proposta por Santaella converge com a ideia e cultura midiática também formulada por ela, a medida que a característica do hibridismo cultural em que as mídias se fundem, é semelhante ao aspecto de hiper-redes multimídias de comunicação interpessoal.

Quanto ao conceito de cultura da mídia proposta por Kellner, toda a perspectiva de alienação, padronização e interesses econômicos, é possível criar uma ponte com o que Santaella compreende enquanto cultura pós-industrial, aquela responsável pela ampliação dos mercados culturais e pela expansão e criação de novos hábitos no consumo de cultura

No que tange a cultura midiática, é peça chave para se compreender os deslocamentos e contradições, os desenhos móveis da heterogeneidade pluritemporal e espacial que caracteriza as culturas pós-modernas.

O ponto de intersecção dos dois conceitos se dá quando a cultura midiática exerce sua função crítica e análise sob a cultura da mídia. Também pode se considerar que a partir da terceira era da cultura midiática que a sociedade passou a ter contato com a cibercultura, que atualmente funciona como um alicerce indissociável da cultura da mídia.

Estabelecendo essa relação paralela que se sobrepõe em determinados momentos, a cultura da mídia e cultura midiática, apesar de serem independentes, passam a se fundir e por esse motivo, se confundem.

Referências

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.



A comunicação é
essencial para o
sucesso.

Na Escola Baiana de
Comunicação você
aprende a se
comunicar bem.

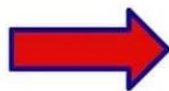
Inscreva-se!



ESCOLA BAIANA DE
COMUNICAÇÃO



OFERECENDO ACESSO A
PROFISSIONAIS E
RECURSOS DE ALTO NÍVEL



A EVOLUÇÃO DAS FALSAS NOTÍCIAS: O CASO RALUCA

Carla Gabriela Santos do Rosário
Maria Luiza de F. R. Altmicks

1. Introdução

A expressão “*fake news*” (notícia falsa, em Português) começou a ganhar força no ano de 2016, durante o processo de eleição presidencial dos Estados Unidos. Esse período foi marcado por uma grande quantidade de informações falsas que circularam no mundo digital, a fim de influenciar a opinião pública e manipular o resultado eleitoral. Por se tratar de um movimento predominantemente digital, as *fake news* muitas vezes eram disseminadas em grandes proporções, num curto espaço de tempo.

Cabe mencionar que a disseminação, bem como a adesão das *fake news* por parte da sociedade, são fatores contribuintes para o ciclo da desinformação, que por sua vez, impacta de forma integralmente negativa na civilização - ainda que esse efeito não seja percebido de forma imediata. Entende-se, portanto, que o fenômeno das *fake news* permite que a informação chegue de uma fonte qualquer, sem necessidade de comprovação e com o potencial de impactar diretamente na opinião pública, tornando-se capaz, inclusive, de definir os rumos das democracias contemporâneas.

2. Caso Raluca

Raluca, nome pelo qual é reconhecido nas redes sociais, é um jovem que, há alguns anos, começou a publicar vídeos em seu canal do *YouTube*, em que ele cria situações que estimulam as pessoas envolvidas a terem atitudes que elas não costumam ter em público. As pessoas não sabem que estão sendo gravadas até o vídeo ir ao ar. Em suas publicações, Raluca se apresenta com características estéticas e comportamentais que atendem simultaneamente aos gêneros femininos ou masculinos. Por isso, ele já declarou algumas vezes, ao longo das suas atividades nas redes sociais, a preferência dos pronomes “ele/dele” para o seu tratamento. Essa dinâmica se enquadra nas características de comunidades virtuais apontadas por Castells (2001, p. 59), em que as práticas sintetizam a liberdade de expressão diante das imposições midiáticas e censura governamental, além de terem autonomia para criar e divulgar o próprio conteúdo, possibilitando a formação de sua própria comunidade.

O “caso Raluca” se trata de uma polêmica, que surgiu com um dos seus *exposeds*, onde o alvo foi Jean Pierri Neckel, conhecido como Jean L nas redes sociais. Jean também tem um canal no *YouTube*, onde inicialmente fazia vídeos jogando Minecraft, mas há alguns meses mudou o foco do seu conteúdo para o universo da musculação. Assim, o jovem ainda estava construindo uma nova comunidade digital. Em março de 2023, Raluca publicou o vídeo intitulado “16 MINUTOS DE UM GADO REDPILL FAMOSINHO SE HUMILHANDO KKKKKKK (eu n aguento

mais)”, onde ele alegava que só conheceu Jean L quando recebeu mensagens dele, com interesse em ter alguma relação romântica com o autor do vídeo. O vídeo alternava entre a exibição de trechos de uma conversa pessoal entre Raluca e Jean L, realizada por chamada de áudio, e comentários de Raluca sobre os diálogos, sempre apontando características para reforçar a imagem de Jean como um Redpill, permitindo a construção de uma narrativa para justificar essa exposição e torná-la legítima na visão do seu público. Em resposta à situação, Jean L também publicou o vídeo “RESPOSTA AO RALUCA”, no qual mostrou conversas anteriores com Raluca, mostrando que eles já se conheciam e conversavam há alguns meses, além de apontar as descontextualizações feitas por Raluca para retratá-lo de forma negativa. Jean lamentou que teve sua sexualidade exposta daquela forma - até então, ele se apresentava como heterossexual - e relatou que ficou muito abalado mentalmente e fisicamente, inclusive, com redução no desempenho de seus treinos de musculação.

Após a publicação, Jean passou a receber ataques em suas redes sociais, tornando-se alvo de piadas e críticas dos seguidores de Raluca. O *youtuber* Rodrigo Carvalho, conhecido como Diggo por seu canal homônimo, fez um *exposed* para mostrar que Raluca já tinha um histórico de manipular as pessoas e criar situações para gerar conteúdo outras vezes. Ele compilou diversos vídeos publicados por Raluca, analisando áudios, imagens e investigando as pessoas envolvidas nesses casos. O vídeo “PUTZ RALUCA” teve 7,1 milhões de acessos em um mês e o vídeo “PUTZ

RALUCA 2.... esperava mais" alcançou 5.7 milhões de visualizações em 9 dias.

Os vídeos produzidos por Raluca visam ser fonte de entretenimento para os seus espectadores, utilizando como principal recurso as situações desconfortáveis e constrangedoras para as pessoas filmadas. A inclusão do *youtuber* em esferas públicas subalternas, sobretudo na comunidade LGBTQIAPN+, facilita a identificação e agrupamento do seu público, pois os discursos das pessoas expostas geralmente são pejorativos ou ofensivos a alguém ou a alguma minoria. Assim, as narrativas de depreciação e o desrespeito à privacidade alheia tornam-se tão justificáveis quanto satisfatórias.

3. Conclusão

As comunidades virtuais englobam pessoas e seus personagens com variados interesses e estilos de vida e, em vista disso, Castells (2003 p. 59) entende que essas comunidades não consolidam um sistema de valores sociais, o que justifica o mundo social da internet como “tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade”. Essa perspectiva pode ser observada na repercussão do caso Raluca nas redes sociais. A inversão de papéis entre quem expõe e quem é exposto, que ocorre nos vídeos de resposta feitos por Jean L e Diggo, levou a uma rápida construção de uma imagem negativa e descredibilizada de Raluca, não apenas no *YouTube*, mas em outras redes sociais, como o *Twitter* e no *TikTok*, através do marcador #RALUCA. Entretanto, não há indícios de que a situação tenha afetado

o retorno financeiro relacionado aos vídeos de Raluca. O *YouTube* é uma plataforma que promove a monetização de vídeos, e assim, o usuário pode receber uma quantia pelas publicações em seu canal (que pode variar de acordo com as visualizações, tempo em que o conteúdo fica disponível, etc) - como é o caso do Raluca. Os últimos vídeos de seu canal “AGORA EU TENHO PERMISSÃO PARA FALAR” e “RALUCO OU RALUCA?” atingiram, respectivamente, mais de 456 mil visualizações em 2 dias e 3,1 milhões de visualizações em 3 semanas. Então, após ser “desmacarado”, Raluca não parou de produzir vídeos com intuito de gerar polêmicas e, provavelmente, ele não vai parar enquanto for recompensado para fazer isso.

O caso Raluca evidencia uma lógica (*exposed*) que é prejudicial para uma parte das pessoas envolvidas, mas a outra parte ainda recompensada pela plataforma utilizada. E assim, os conflitos de interesses entre as grandes empresas e as políticas propostas para regulamentação das redes sociais são os maiores obstáculos no combate à desinformação no Brasil e no mundo.

Referências

ARRUDA, Eucídio. **Ciberprofessor**: novas tecnologias, ensino e trabalho docente. Belo Horizonte: Autentica/ FCH - FUMEC, 2004.

CASTELLS, Manuel. *Networks of outrage and hope: social movements in the internet age*. 2ª ed., London: Polity Press, 2015.



**DEFENDENDO A
IGUALDADE DE
REPRESENTAÇÃO E
OPORTUNIDADES
NA ÁREA**



A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E O *SELF* ESTENDIDO: UM ENSAIO SOBRE AS INTERAÇÕES SIMBÓLICAS NA ERA DAS REDES

Letícia Colares Casales Ventin
Velda Gama Alves Torres

1. Introdução

Este trabalho apresenta as bases da pesquisa que vem sendo desenvolvida a partir de um projeto de iniciação científica. O estudo tem como um dos fios condutores a teoria de extensão do *self*, que propõe que os indivíduos usam suas posses como meio para estender e fortalecer seu senso de eu, auxiliando-os no processo de criação e preservação do senso de identidade.

Nesta pesquisa, busca-se entender como, na sociedade contemporânea, perfis em redes sociais ocupam o papel de extensão do *self*, sendo palco para a espetacularização onde se vivem apenas representações de experiências, e não mais as experiências em si. Sob a perspectiva do interacionismo simbólico (BLUMER, 1969) na sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), a pesquisa se voltará para análise da relação social mediatizada por imagens e suas consequências, como será verificado em materiais disponíveis em plataformas midiáticas, desde cases históricos do jornalismo brasileiro a publicações em redes sociais.

O estudo busca investigar como a realidade contemporânea vem sendo habitada por pseudo-eventos e acontecimentos não espontâneos que guardam relação ambígua com a realidade. Será explorada a ideia de que no âmbito da espetacularização dessas relações o consumidor real torna-se um consumidor de ilusões, sendo a mercadoria justamente esta ilusão efetivamente real. A hipótese é que o comportamento social se realiza, em alguma medida, por meio de processos de interação, seja ela real ou ilusória, através de signos de pertencimento - sendo tais signos os produtos a serem mercantilizados na sociedade de consumo.

Assim, esta pesquisa busca verificar o potencial explicativo do interacionismo simbólico aplicado ao conceito de visão das relações contemporâneas enquanto espetáculo - visto que o espetáculo, segundo Debord (1977), não é denominado como um conjunto de imagens, mas sim uma forma de interação social entre pessoas, mediatizada por imagens.

2. Materiais e métodos

O aporte teórico-metodológico de base será a obra “A Sociedade do Espetáculo”, de Guy Debord, e o conceito de “*Self* Estendido” dos teóricos da corrente do Interacionismo Simbólico, usando como apoio também obras de outros pensadores como Zygmunt Bauman, Pierre Lévy e Paula Sibilia. Pretende-se criar fios condutores entre as ideias e termos expostos nas obras e os conceitos do interacionismo simbólico, fazendo das duas fontes uma única trama que

completa um retrato atual e necessário do poder de comunicação instantâneo vigente na decadente pós-modernidade na qual vivemos. Depois de trazer clareza aos termos e idéias a serem trabalhadas, será possível usar tais ferramentas para analisar situações onde a espetacularização foi o motor principal nas mídias em geral, e mais especificamente, em cases jornalísticos.

Em um primeiro momento será realizada uma pesquisa qualitativa a partir da análise de conteúdos de seis publicações no *instagram*, no período de 2021 a 2023, envolvendo reportagens, memes e outros tipos de postagens. O critério utilizado para seleção das postagens será a identificação daquelas que apresentem conteúdos que permitam uma análise mais ampliada sob a perspectiva da teoria de Espetáculo de Guy Debord.

Em um segundo momento da pesquisa serão selecionados 10 jovens usuários do *Instagram* (faixa etária de 19 a 30 anos) para uma entrevista em profundidade, buscando identificar sensações e efeitos psicológicos do modelo de interação dominante “Espetacular”. A seleção dessa amostra será aleatória, buscando a representatividade dos dados entre aqueles que tiveram acesso aos produtos midiáticos que foram analisados.

Os dados coletados nos dois momentos da pesquisa serão analisados e interpretados com base nas teorias aqui mencionadas, estabelecendo interlocução entre estes dados e os aportes teóricos mencionados, expondo ideias e pontos de vista, sem deixar de expor as experiências desta pesquisadora, enquanto jovem estudante de jornalismo e

artes no mundo pós-moderno, com relação a situações identificadas ao longo do processo de pesquisa.

3. Resultados e discussão

Espera-se como resultado uma pesquisa que retrata as relações socioafetivas do consumo de imagens e ilusões entre indivíduos na contemporaneidade, analisando o consumo como uma linguagem na qual a mercadoria seria o próprio comportamento, ilusões e processos interativos atrelados a eles. Ao conceituar o espetáculo, enquanto relação social, busca-se proporcionar uma compreensão mais precisa sobre a que ponto o capitalismo afeta o próprio processo simbólico do indivíduo, onde o sujeito passa a ser corroído em seu próprio interior pelas forças da alienação que, condicionando também o inconsciente, o faz identificar-se ativamente com o sistema que o contém.

Assim, espera-se contribuir para fortalecer a premissa de que o consumo é um processo sociocultural complexo que começa antes da compra em si, onde as próprias subjetividades e interações são os seus produtos mercadológicos. E desse modo evidenciar como toda essa complexidade do sujeito e seus modos de se relacionar são afetados pela sociedade de consumo pós-moderna, sendo essa uma perspectiva indispensável para compreender a subjetividade comportamental do consumidor na atualidade. Consequentemente, busca-se como resultado contribuir com o estado da arte sobre a temática, destacando a importância e atualidade do pensamento de Debord, pelo caráter revolucionário de sua obra e

pertinência para reflexões envolvendo o conceito de sociedade do espetáculo, cada vez mais presente na nossa sociedade, e de forma incontestável nas redes sociais. Pretende-se, ainda, que os resultados possam contribuir para reflexões sobre a necessidade de se combater o papel alienante que as imagens desempenham sobre o processo de formação identitária e a crescente ficcionalização da vida real através de recursos midiáticos para atender a um mercado que obriga a todos a estarem em constante operação, interação comunicando-se e reagindo.

Em tempos de realidade virtual, de ciberespaço e cultura da simulação, pode parecer ingênuo falar de revolução tendo em vista a realidade política, econômica e social do nosso país. Mas é justamente com base nessa realidade que vemos cada vez mais evidente a falsificação da vida social construída cuidadosamente pelo espetáculo, e por isso, a relevância desta pesquisa como contribuição para a contra hegemonia dos novos modos de dominação do capital, assim cumprindo também seu papel social enquanto um material fomentador do olhar crítico. Espera-se que os resultados da pesquisa possam contribuir para trazer à atualidade conceitos de autores distópicos, que nos dão a esperança de que, assim como a ideologia dominante tem materialidade no espetáculo, as idéias de mudança podem ter potência política.

4. Considerações finais

Pontuar sobre os modos de se relacionar, enquanto interações condicionantes e construtoras de identidade na

contemporaneidade, onde a ditadura da imagem opera através das redes fazendo a todos viverem interconectados e engajados quase obrigatoriamente, assim como a necessidade da visibilidade como legitimadora das existências e experiências, pode ter um potencial explicativo que contribui para compreender sobre como os indivíduos hoje ocupam um papel primeiramente como consumidores posteriormente de cidadãos. Nesse sentido, a intenção é que os resultados da pesquisa possam estimular reflexões sobre novos modos de consumo e participação social mais ativos e conscientes. A luta contra a alienação é relevante visto que há uma conexão entre a cultura massificada e a persistência da injustiça social.

Referências

BAUMANN, Z. O. **Mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 1998

BLUMER, Herbert. C. M. **Sociedade Como interação simbólica**. São Paulo: Plural, 2018.

BOURDIEU. Pierre. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

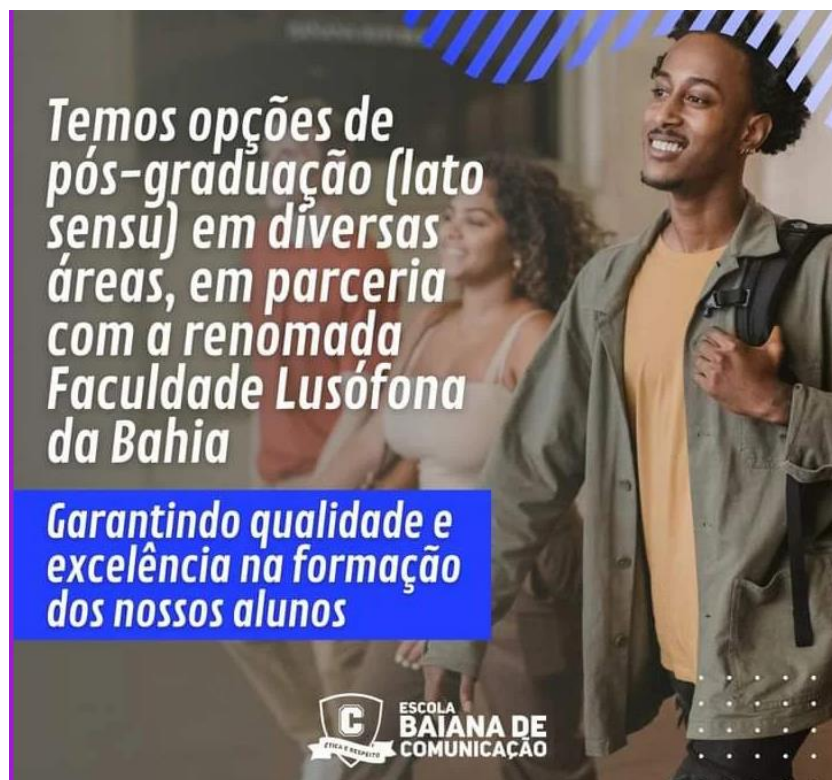
DEBORD. Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. EDITORA 34. Editora 34 Ltda.

MARX, K. **O Capital**: Crítica da Economia Política. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.


SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso**: Da Escravidão à Lava Jato, São. Paulo: Editora Leya, 2017.



Temos opções de pós-graduação (lato sensu) em diversas áreas, em parceria com a renomada Faculdade Lusófona da Bahia

Garantindo qualidade e excelência na formação dos nossos alunos

 **ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO**



PARA SABER MAIS SOBRE O TRABALHO DA
ESCOLA BAIANA DE COMUNICAÇÃO NO
EMPODERAMENTO DA JUVENTUDE NA INDÚSTRIA
DA COMUNICAÇÃO, VISITE O NOSSO PORTAL

www.baianadecomunicacao.com
[@baianadecomunicacao](https://www.instagram.com/baianadecomunicacao)



CRÔNICAS DE REVOLUÇÃO: CRÍTICA À VIOLAÇÃO DA AUTONOMIA FEMININA EM LIMA BARRETO

Lathara Ferreira Veríssimo Januário

1. Introdução

“Ah! A Literatura ou me mata ou
me dá o que eu peço dela.”
(Lima Barreto, 1920)

É sem dúvidas um desafio pensar em jornalistas homens que abertamente debatem questões de gênero, classe e raça, em espaços públicos, principalmente, quando trata-se de assuntos “tabu”, como é o caso do aborto, ainda mais raro quando se trata do início do século XX. Assim, o presente trabalho busca analisar criticamente algumas das crônicas de Lima Barreto, que tratam sobre as mulheres como sujeitas autônomas.

Afonso Henrique de Lima Barreto era um homem negro, nascido no Rio de Janeiro, que escreveu importantes obras como “Triste fim de Policarpo Quaresma” (1915), “Cemitério dos vivos” (1920), entre outros. Bem como escreveu fortes crônicas jornalísticas, que, talvez, ainda hoje, muitos jornalistas não tenham a coragem de expor, em papel ou meios digitais, semelhantes ideias.

A leitura de suas obras permite uma compreensão social crítica a partir de seu ponto de vista, como negro suburbano, órfão de mãe, que criticava e apontava problemáticas no governo e na sociedade brasileira como um todo. Um dos temas recorrentes em seus textos são as mulheres. Na coletânea de 37 crônicas, disponibilizadas pelo Acervo Público, a palavra mulher é repetida 55 vezes, em seus textos. Acentuando-se que um texto, em específico, chama-se “A mulher brasileira” (1911).

O interessante ao percorrer este caminho de leitura crítica, é fazer uma detalhada descrição de como Barreto escolhe as mulheres que irá relatar e como as posiciona socialmente. Além dos objetos decorativos, que ficam ao lado do marido, o jornalista trata-as como sujeitos em posição de igualdade com os homens e pontua suas objeções às interferências em suas vidas.

2. Materiais e métodos

O presente estudo busca uma análise qualitativa das representações críticas de mulheres dentro das crônicas jornalísticas (disponíveis no Arquivo Público) de Afonso Henrique de Lima Barreto, jornalista e escritor de importantes contos e romances.

3. Resultados e discussão

Lima Barreto foi um homem séculos à frente de seu tempo e sua brilhante petulância e autonomia foi também sua desgraça em vida, que ainda reverbera em morte. Nascido

em 13 de maio de 1881, Afonso Henrique de Lima Barreto fez singulares e poderosas contribuições para a literatura nacional, com seus contos e livros e também foi um grande ponto de exclamação nos jornais com suas crônicas, que retratavam e discutiam suas observações cotidianas.

Ao se debruçar sobre seus textos, é possível encontrar uma crítica sincera e objetiva acerca da sociedade brasileira em suas estruturas e comportamento e junto às propostas de mudança. Essa foi a pá que cavou seu túmulo, o que faz com que o grande escritor seja ainda hoje lembrado mais por seu alcoolismo e seus internamentos manicomiais (outra importante discussão).

O grande problema das abordagens de Lima Barreto sobre a sociedade é, em si, a abordagem explícita. Em “Discurso sobre o Colonialismo”, Césarie (2020) explora essa relação obrigatória em que o colonizado ou oprimido, precisa se reconhecer como inferior para que se mantenha a lógica de dominação. Contudo, assim como proposto por Freire (1996), o ganho de autonomia por parte do sujeito oprimido rompe com o padrão social. Barreto era um homem letrado e altamente articulado cognitivamente, o que trouxe a ele autonomia ao mesmo tempo que trouxe o ódio e a rejeição.

Outros autores negros trouxeram também a discussão sobre a autonomia feminina e a sujeitificação das mulheres em meio a seus romances, mas principalmente nas entrelinhas de suas escritas, como Maria Firmina dos Reis, em “Úrsula” (1859), e Machado de Assis, em “Helena” (1876) e outras obras. Contudo, Lima Barreto, algumas décadas

depois deles, se caracterizava por ser mais combativo e incisivo em suas colocações disruptivas.

O jornalista morador de Todos os Santos (RJ), trouxe em crônicas como “A Lei” (1915), “Não as matem” (1915), “Mais uma Vez” (s.d.) entre outras abordagens sobre os direitos das mulheres e os direitos imputados aos homens de violarem os direitos das mulheres.

No primeiro, trata sobre o aborto e o absurdo de uma lei que tiraria de uma mãe solteira sua filha em consequência de ter engravidado de uma nova criança. E a consequência desta tentativa de aborto, na qual a gestante morreu, foi a prisão da parteira que realizou o ato. Esta, temerosa, pobre e de poucos conhecimentos legais, se matou na prisão. “não é estúpida a lei que, para proteger uma vida provável, sacrifica duas?”. Existem pontos importantes a serem ressaltados aqui, como a visibilidade à mulheres humildes e que estão marginalizadas, a sujeitificação delas e a defesa de suas autonomias, bem como uma visão empática e sensibilizada destas, chamando a ação de “O que houve foi simplesmente camaradagem, amizade, vontade de servir a uma amiga, de livrá-la de uma terrível situação.”.

Já, nos outros dois, ele toca diretamente em um assunto ainda problemático no Brasil: o feminicídio. Ora justificado socialmente pelo adultério, ora simplesmente pelo poder do homem sobre sua noiva, em ambos os casos como abomináveis. Mais do que isso, acima de qualquer tipo de romantização feminina e colocação destas como objetos a serem cuidados pelo parceiro, ele as coloca em igualdade com os homens “O esquecimento de que elas são, como

todos nós, sujeitas...”. O escritor ressalta que suas intervenções são justamente contra essa idealização de amor imortal pela lei ou pela força “Deixem as mulheres amar à vontade”.

4. Considerações finais

O presente trabalho é um trecho de um estudo que está sendo realizado pela pesquisadora. Assim, cabe uma análise mais ampla sobre os textos citados e as demais crônicas que estão compiladas e publicadas no Acervo Público.

Referências

AIEX, Anoar. **As idéias socioliterárias de Lima Barreto**. São Paulo: Vértice, 1990.

BARRETO, Lima. Crônicas. **Biblioteca Virtual de Literatura**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bio00173.pdf>

CARVALHO, Maria Rezende de. **Três pretos tristes**: André Rebouças, Cruz e Sousa e Lima Barreto. Topoi. v. 18, n. 34. Rio de Janeiro, Jan-Abril, 2017.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso Sobre o Colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020. 136 p

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Produzido por



Escola Baiana de Comunicação
Rua das Hortênsias, 696 - Pituba,
Salvador/BA, 41810-010

Distribuído e comercializado por



AGBook do Brasil S/A
Rui Barbosa, 468/472 – Bela Vista
São Paulo/SP – 01.326-010

Impresso *on demand* por



Alphagraphics do Brasil S/A
Av. Brig. Faria Lima , 2941 – Jardim Paulistano
São Paulo/SP – 01.452-000

A Escola Baiana de Comunicação promoveu a #SBC23 - Semana Baiana de Comunicação, edição 2023, um evento de suma importância para todos os profissionais, estudantes e entusiastas da Comunicação Social e áreas afins. O evento aconteceu entre dias os dias 6 a 9 de junho de 2023 e contou com conferencistas convidados da Bahia, do Brasil e do exterior, para debater o tema central: "Ética e Respeito na Mídia e no mercado da Comunicação", um assunto crucial e relevante nos dias atuais.

Durante quatro dias, os nossos participantes tiveram a oportunidade de prestigiar os mais variados tipos de atividades acadêmicas e profissionais sobre temas relevantes e atuais da área, além de poder trocar ideias e experiências com outros profissionais e estudantes de Comunicação. A Semana Baiana de Comunicação representa um evento essencial para quem busca estar sempre atualizado e em contato com as novidades e tendências da área.

As contribuições dos pesquisadores que estiveram da #SBC23 podem ser, agora, apreciadas nesta publicação da Escola Baiana de Comunicação. Com a certeza de que o nosso esforço será recompensado com o seu interesse, desejamos uma excelente leitura!

Comissão Organizadora.

